



UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR

Engenharia

Património Arquitetónico: Um percurso pela memória

Rúben Miguel Inácio de Matos

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em

Arquitetura

(Ciclo de Estudos Integrado)

Orientador: Prof^a. Doutora Ana Maria Tavares Ferreira Martins

Co-orientador: Prof^a. Doutora Inês Daniel de Campos

Covilhã, Outubro de 2017

DEDICATÓRIA

Aos meus avós, pais e irmão.

CAMINHAR...

HESITAR

AVANÇAR

DUVIDAR.

ACERTAR

AMPLIAR

DUVIDAR

ENCONTRAR.

ACORDAR

ABRAÇAR

CONCILIAR

ABDICAR

PARA “ACERTAR”?

Autora: Rogélia Maria Proença

AGRADECIMENTOS

Ao longo da realização e concretização deste curso e deste trabalho foram vários os momentos, bons, contudo existiram também sempre os momentos de maior fragilidade e fraqueza. Assim, não fazia sentido terminar este percurso sem agradecer a quem sempre esteve presente.

Aos meus pais, pela paciência, dedicação, apoio incondicional, e pelos valores que me transmitiram e inculcaram ao longo destes anos.

Ao meu irmão, pelo exemplo, determinação e vontade de vencer que sempre me inspirou e que muitas vezes me deu alento para continuar e nunca desistir.

Às minhas orientadoras, Professora Ana M. Martins e Professora Inês D. Campos, pela orientação, pela amizade, pelas horas de maior desespero, e acima de tudo pela força e coragem que demonstraram desde o primeiro minuto.

Aos amigos, que nunca me abandonaram e que fizeram de tudo para me apoiar quando o mundo parecia desabar e não ter outro fim. À Mafalda, à Adriana, à Vânia, à Mariana, ao Edgar, à Raquel, à Diana, à Margarida e a tantos outros o meu muito Obrigado.

De uma forma em especial deixo o meu enorme agradecimento ao Tiago. Obrigado pelos conselhos, horas de estudo, noites sem dormir e que hoje podemos ver o resultado. Sem ti este trabalho não existiria hoje.

Aos que estiveram e hoje não estão, obrigado por terem contribuído para o meu futuro. Estou certo que deixaram a vossa marca na minha vida e no meu percurso.

Deixo também um agradecimento especial às entidades que me ajudaram na recolha de informação. À Junta de Freguesia do Teixoso, na pessoa da Patrícia Fonseca, que desde o primeiro momento se disponibilizou a ajudar, à associação ADETEIXO, na pessoa do Sr. João Emídio, na disponibilização de informação e ainda à população do Teixoso que me ajudou na recolha de informação popular.

Resumo

O tema da reabilitação é atualmente um tema de destaque no que diz respeito à área científica da arquitetura. Contudo, continua a ser necessário o estudo sobre a coesão entre o objeto de estudo, o que a ele se associa e do que dele se desenvolve.

Deste modo, debruçando esta dissertação sobre o Teixoso, Freguesia do Concelho da Covilhã, este tema vem colmatar a falta de visibilidade e a ausência de identidade do património deste local. Este, que por muitos anos tem sido esquecido e colocado em risco de desaparecimento. A criação de uma rota cultural, quer por via da reabilitação, quer por via da revitalização, terá como fim o aproveitamento de espaços que outrora marcaram esta vila, atribuindo-lhes novos usos através de equipamentos e serviços de carácter cultural, turístico e social. Casas senhoriais, fontes, ruas, são alguns elementos que compõem o elenco de edifícios e espaços que demarcam esta proposta.

Esta rota, respeitando a malha existente, será premissa para a proposta de reabilitação da Quinta de São João, local onde termina a rota proposta, com o objetivo de afirmação identitária da freguesia do Teixoso, Covilhã. Esta será uma forma de apontar soluções para as várias lacunas existentes, tais como, o turismo e cultura em meio rural, a revitalização do casco histórico, criação de atividades lúdicas intergeracionais e a vontade de expor, valorizar e dar a conhecer as origens históricas desta freguesia.

Palavras-chave

Património, Reabilitação, Teixoso, Rota, Herança cultural.

Abstract

The rehabilitation is currently a prominent topic in the scientific area of architecture. However, it is necessary the research of the cohesion between the study object, what is associated with it and what it is possible to develop from it.

In this way addressing this dissertation about Teixoso, a small village from Covilhã, this study comes to fill the lack of visibility and the identity absence of this place patrimony. This place has been forgotten for many years increasing the risk of disappearing. The creation of a cultural root, weather through rehabilitation or through revitalization, will have as purpose the use of spaces that once marked this village, given them new uses through equipment and services of a cultural, tourist and social character. Manor houses, fountains and streets are some of the elements part of the buildings and spaces cast that highlight this proposal.

This route, respecting the existing network, will be premised on the rehabilitation proposal of Quinta de São João, where the proposed route ends, with the purpose of identity affirmation of the Teixoso village, Covilhã. This will be a way of pointing out solutions to the various existing gaps, such as tourism and culture in rural areas, revitalization of the historical hull, creation of intergenerational play activities and the desire to expose, enrich and let know the historical origins of this village.

Keywords

Heritage, Rehabilitation, Teixoso, Route, Cultural Heritage

Índice

1. INTRODUÇÃO.....	1
1.1. Justificação das Propostas	1
1.2. Objetivos.....	2
1.3. Metodologia	3
1.4. Estado da Arte.....	3
2. ROTAS CULTURAIS: Contextualização.....	6
2.1. Elementos para a definição de uma rota	9
2.2. Rota: Agente Promotor da Cultura de um Povo	11
2.3. Caso de Estudo 1: Cultural Routes of the Council of Europe	12
2.4. Caso de Estudo 2: Rotas Culturais em Portugal	19
3. ARQUITETURA VERNACULAR: Conceitos e História	24
3.1. Na Beira, Portugal	29
4. TEIXOSO: Contextualização	34
4.1. Enquadramento Histórico, Social e Demográfico.....	35
4.2. Taxus Baccata - Teixo, sui generis.....	41
5. PROPOSTA DE ROTA CULTURAL: Rota do Teixo.....	44
5.1. Caso de Estudo: Arquitetura Vernacular no Teixoso.....	44
5.2. Património local: Memórias de outros tempos.....	47
5.3. Rota do Teixo	52
6. Reabilitação: Premissas e conceito	68
6.1. Novos Usos na Reabilitação: Casos de estudo	70
7. PROPOSTA DE REABILITAÇÃO: Quinta de S. João	77
7.1. Local de Intervenção.....	77
7.2. Referências.....	78

7.3. Conceito.....	81
7.4. Programa.....	82
7.5. Materialidade	85
8. CONCLUSÃO	87
9. BIBLIOGRAFIA.....	88
10. ANEXOS	91
Anexo 1 - Plano de Urbanização da Grande Covilhã.....	91
Anexo 2 - Fotografias do Percurso contíguo à Rota.....	93
Anexo 3 - Inventário de Arquitetura Vernacular: Casos de estudo no Teixoso	97
Anexo 4 - Levantamento fotográfico da Quinta de São João	118

Lista de Figuras

Figura 1- Imagem representativa de fatores negativos que podem afetar a arquitetura e uma solução que a pode solucionar. Fonte: Imagem elaborada pelo autor.	11
Figura 2 - Mapa da Rota dos Caminhos de St. Olav. Fonte: Imagem elaborada pelo autor.....	13
Figura 3 - Mapa da Rota Europeia das Cidade Termas Históricas. Fonte: Imagem elaborada pelo autor.	14
Figura 4 - mapa da Via Franciscana. Fonte: Imagem elaborada pelo autor.	14
Figura 5 - Mapa da Via Regia. Fonte: Imagem elaborada pelo autor.	15
Figura 6 - Mapa da Rota Transromânica. Fonte: Imagem elaborada pelo autor.	15
Figura 7 - Mapa da Rota Europeia das Heranças Judaicas. Fonte: Imagem elaborada pelo autor.	16
Figura 8 - Mapa da Rota dos Caminhos Europeus de Mozart. Fonte: Imagem elaborada pelo autor.	16
Figura 9 - Mapa da Rota dos Cemitérios. Fonte: Imagem elaborada pelo autor.	17
Figura 10 - Mapa da Rota do Românico. Fonte: Imagem elaborada pelo autor.	19
Figura 11 - Mapa da Grande Rota do Vale do Côa. Fonte: Imagem elaborada pelo autor.	20
Figura 12 - Mapa da Grande Rota da Transumância. Fonte: Imagem elaborada pelo autor.	20
Figura 13 - Mapa da Grande Rota das Aldeias Históricas de Portugal. Fonte: Imagem elaborada pelo autor.	21
Figura 14 - Mapa da Rota das Aldeias de Xisto. Fonte: Imagem elaborada pelo autor.....	21
Figura 15 - Mapa da Rota dos Vinhos. Fonte: Imagem elaborada pelo autor.....	22
Figura 16 - Mapa da Rota Vicentina. Fonte: Imagem elaborada pelo autor.	22
Figura 17 - Imagem representativa de 6 rotas elaborada pelo autor com base no http://culture-routes.net/cultural-routes/interactive-map aceso online pela última vez a 13 de setembro de 2017; 1: Rota dos Caminhos de Santiago de Compostela; 2: Via Franciscana; 3: Rota Transromânica; 4: Rota Europeia das Abadias Cistercienses; 5: Rota Europeia das Cidades Termas Históricas; 6: Rota Europeia das Heranças Judaicas.....	23
Figura 18 - figura representativa da Cabana Primitiva. Fonte: http://hyperbole.es/2013/03/sueno-de-la-casa-casa-del-sueno/ a 14 de agosto de 2017	24
Figura 19 - Exemplo de uma Log Cabin. Fonte: http://thelogbuilders.org/wp-content/uploads/2015/03/McMullen_Log_Cabin_hi.jpg	27
Figura 20 - 1ª Edição da Obra <i>Arquitetura Popular em Portugal</i> . Fonte: https://ressabiator.wordpress.com/2013/05/27/arquitetura-popular-em-portugal-1961/	29
Figura 21 - Capa do livro acerca da exposição <i>Architecture Without Architects</i> de Bernard Rudofsky. Fonte: https://www.moma.org/documents/moma_catalogue_3459_300062280.pdf	30

Figura 22 - Mapa Tipológico da arquitetura popular portuguesa, da região das beiras. Fonte: Arquitectura Popular em Portugal.....	33
Figura 23 - Vista aérea sobre a Freguesia do Teixoso. Fonte: https://www.bing.com/maps	34
Figura 24 - Arquivos sobre as primeiras inquirições do Teixoso. Fonte: http://digitarq.arquivos.pt/viewer?id=4640893	35
Figura 25 - Imagem representativa com números sobre a desertificação do interior de Portugal. Fonte: http://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpid=CENSOS&xpgid=ine_censos_publicacao_det&contexto=pu&PUBLICACOESpub_boui=73212469&PUBLICACOESmodo=2&selTab=tab1&pcensos=61969554 .37	
Figura 26 - 1: Banda Velha dos Bernardos; 2: Grupo de Música erudita; 3: Banda Nova do Barão. Fonte: Vidas... no Teixoso, Reflexo de memórias reconstruídas.	39
Figura 27 - Lavadeiras na Fonte do Fundo. Fonte: Vidas... no Teixoso, Reflexo de memórias reconstruídas.	39
Figura 28 - Romaria de Nossa Senhora do Carmo. . Fonte: Vidas... no Teixoso, Reflexo de memórias reconstruídas.....	40
Figura 29 - Árvore Teixo, na Quinta de São João, Teixoso. Fonte: Imagem do autor.....	42
Figura 30 - 1: Habitação tipológica de 2 pisos; 2: Habitação tipológica de 3 pisos. Fonte: Imagem elaborada pelo autor.	45
Figura 31 - Exemplos de varandas vernaculares: 1: Varanda alpendrada; 2: Varanda em consola. Fonte: Imagem elaborada pelo autor.....	46
Figura 32 - 1: Igreja Matriz do Teixoso; 2: Capela de Santo Cristo; 3: Capela de Santo António. Fonte: Imagem do autor.....	48
Figura 33 - Casa dos Bernardos. Fonte: Imagem do autor.	49
Figura 34 - Casa dos Maia Campos. Fonte: Imagem do autor.....	49
Figura 35 - Quinta de São João. Fonte: Imagem do autor.....	50
Figura 36 - Fonte do Cimo	50
Figura 37 - Cruzeiro de São Marcos. Fonte: Imagem do autor.....	51
Figura 38 - Proposta de delimitação de Reabilitação Urbana do Teixoso de 2014	53
Figura 39 - Análise de edifícios notáveis do Teixoso. Fonte: Imagem do autor.	54
Figura 40 - Análise do Património Religioso. Fonte: Imagem do autor.	55
Figura 6 - Análise de Fontanários. Fonte: Imagem do autor.	56
Figura 42 - Análise do estado de conservação de edifícios contíguos à rota proposta. Fonte: Imagem do autor.....	56
Figura 8 - Análise de Usos Dominantes. Fonte: Imagem do autor.	57
Figura 9 - Análise do número de pisos. Fonte: Imagem do autor.	58

Figura 10 - Análise de Vegetação existente. Fonte: Imagem do autor.....	58
Figura 11 - Redes Viárias e pedonais contíguas à rota. Fonte: Imagem do autor.	59
Figura 47 - Análise de material de pavimentação de ruas (existentes). Fonte: Imagem do autor.....	60
Figura 48 - Casa do Povo. Fonte: Imagem do autor.	61
Figura 49 - Casa dos Bernardos. Fonte: Imagem do autor.	61
Figura 50 - Edifício destinado ao Museu do Vinho. Fonte: Imagem do autor.....	62
Figura 51 - Casa dos Maia Campos. Fonte: Imagem do autor.....	62
Figura 52 - Casa destinada ao Centro de Atividades. Fonte: Imagem do autor.	63
Figura 53 - Quinta de Santo António. Fonte: Imagem do autor.....	63
Figura 54 - Edifício destinado à Galeria de Arte. Fonte: Imagem do autor.	64
Figura 55 - Espaço destinado ao Jardim do Teixo. Fonte: Imagem do autor.....	64
Figura 55 - Quinta de São João. Fonte: Imagem do autor.....	65
Figura 57 - Fatores provenientes da criação de uma rota. Fonte: Imagem do autor.....	66
Figura 57 - Proposta final da Rota a aplicar no Teixoso. Fonte: Imagem do autor.	67
Figura 59 – Diferentes vertentes de conservação da arquitetura. Fonte: Imagem do autor.....	69
Figura 59 - Matadouro Real de Porcuna, Espanha. Fonte: http://www.archdaily.com.br/br/773522/reabilitacao-dos-antigos-acougues-reais-do-seculo-xvi-de-porcuna-pablo-manuel-millan-millan	70
Figura 60 - Pousada de Graham's 1890 Lodge , Vila Nova de Gaia. Fonte: http://www.archdaily.com.br/br/01-127477/reabilitacao-de-grahams-1890-lodge-slash-luis-loureiro-plus-p-06-nil-nuno-gusmao	71
Figura 61 - Hotel Fouquet Barrière , França. Fonte: http://www.archdaily.com.br/br/01-31772/hotel-fouquet-barriere-edouard-francois	71
Figura 62 - Castelo da Coracera, Madrid. Fonte: http://www.archdaily.com.br/br/805184/reforma-no-castelo-da-coracera-riano-plus-arquitectos	72
Figura 62 - Galeria Tiro al Blanco, México. Fonte: http://www.archdaily.com.br/br/877799/galeria-tiro-al-blanco-progresivo-de-arquitectura	72
Figura 64 - Casa das Vans, Londres. Fonte: http://www.archdaily.com.br/br/764157/house-of-vans-london-tim-greatrex	73
Figura 65 - Edifício Paramount Studios, Austrália. Fonte: http://www.archdaily.com.br/br/625147/edificio-do-paramount-studios-fox-johnston/5372131ec07a80e5d90000d3-paramount-studios-building-fox-johnston-photo	73
Figura 66 - Edifício de Sekeping Kong Heng, Malásia. Fonte: http://www.archdaily.com.br/br/01-108166/sekeping-kong-heng-slash-seksan-design	74

Figura 67 - Museu Nacional Abade Pedrosa e Museu Internacional de Escultura Contemporânea, Santo Tirso. Fonte: http://www.archdaily.com.br/br/788825/miec-plus-mmap-alvaro-siza-plus-eduardo-souto-de-moura	74
Figura 68 - Reabilitação de uma habitação transformada em bar, Leça da Palmeira. Fonte: http://www.archdaily.com.br/br/769788/remodelacao-de-espaco-para-bar-sucree-atelier	75
Figura 69 - Mosteiro das Bernardas, Tavira. Fonte: http://www.archdaily.com.br/br/769152/convento-das-bernardas-eduardo-souto-de-moura	75
Figura 70 - Casa da Cortegaça, Portugal. Fonte: https://divisare.com/projects/299098-joao-mendes-ribeiro-fernando-guerra-fg-sg-hay-barn-conversion	76
Figura 71 - Centro de Artes Contemporâneas, Ribeira Grande. Fonte: http://www.archdaily.com.br/br/762180/arquipelago-centro-de-artes-contemporaneas-menos-e-mais-arquitectos-plus-joao-mendes-ribeiro-arquitecto	76
Figura 72 - Plano de Urbanização da Grande Covilhã (PUGC). Fonte: http://www.cm-covilha.pt/	77
Figura 72 - Vista aérea do local de intervenção da proposta de reabilitação, Quinta de São João. Fonte: https://www.google.pt/maps/place/Teixoso/@40.3203245,-7.4666838,13z/data=!3m1!4b1!4m5!3m4!1s0xd3d21f565da6d7d:0x50a245ad5f575d90!8m2!3d40.3049241!4d-7.4273195	78
Figura 73 - Novo Jardim Permanente, Reino Unido. Fonte: http://www.archdaily.com.br/br/802036/novo-jardim-permanente-gabriel-oro-zco	79
Figura 74 - Banco de Neve, Canadá. Fonte: http://www.archdaily.com.br/br/804786/banco-de-neve-atelier-pierre-thibault	79
Figura 75 - Mercado da Praça Born, Espanha. Fonte: http://www.archdaily.com.br/br/773959/mercado-do-born-square-vora	79
Figura 76 - IBA Housing, Alemanha. Fonte: http://www.zaha-hadid.com/architecture/iba-housing/	80
Figura 77 - Casas de Banho Públicas, Polónia. Fonte: http://www.archdaily.com.br/br/01-128674/banheiros-publicos-slash-piotr-musialowski-plus-lukasz-przybylowicz	80
Figura 78 - Nosotros Bar, Brasil. Fonte: http://www.archdaily.com/769904/nosotros-bar-studio-otto-felix	81
Figura 80 - Esquícios representativos dos eixos marcados no terreno. Fonte: Imagem elaborada pelo autor.	81
Figura 81 - Esquícios representativos do desenvolvimento da proposta. Fonte: Imagem elaborada pelo autor.....	82
Figura 82 - Esquícios de análises iniciais sobre o terreno. Fonte: Imagem elaborada pelo autor.	83
Figura 84 - Plantas de proposta do edifício 1. Fonte: Imagem elaborada pelo autor.	83
Figura 85 - Corte de proposta do edifício 1. Fonte: Imagem elaborada pelo autor.....	84
Figura 85 - Planta de proposta do edifício 2. Fonte: Imagem elaborada pelo autor.....	84

Figura 86 - Planta de proposta do edifício 3. Fonte: Imagem elaborada pelo autor.....	85
Figura 88 - Corte de proposta do edifício 1. Fonte: Imagem elaborada pelo autor.....	86
Figura 89 - Praça de Portugal, Teixoso. Fonte: Imagem do autor.	94
Figura 90 - Praça de Portugal, Teixoso. Fonte: Imagem do autor.	94
Figura 91 - Casa dos Maia Campos, Teixoso. Fonte: Imagem do autor.....	94
Figura 92 - Exemplos de Passo, elemento de património religioso. Fonte: Imagem do autor.....	95
Figura 93 - Largo de Sto. António, Teixoso. Fonte: Imagem do autor.....	95
Figura 94 - Fonte do cimo, Teixoso. Fonte: Imagem do autor.	95
Figura 95 - Rua Gago Coutinho, Teixoso. Fonte: Imagem do autor.....	96
Figura 96 - Rua Gago Coutinho, Teixoso. Fonte: Imagem do autor.....	96
Figura 97 - Zona Inferior do Agrupamento de Escolas do Teixoso, Teixoso. Fonte: Imagem do autor.....	96
Figura 98 - Quinta de São João, Teixoso. Fonte: Imagem do autor.....	96
Figura 99 - Fachada Principal. Fonte: Imagem do autor.....	119
Figura 100 - Campanário. Fonte: Imagem do autor.	119
Figura 101 - Alçado Lateral. Fonte: Imagem do autor.....	120
Figura 102 - Alçado Posterior. Fonte: Imagem do autor.	120
Figura 103 - Capela da Quinta de S. João. Fonte: Imagem do autor.	121
Figura 104 - Porta da Capela da Quinta de S. João. Fonte: Imagem do autor.....	121
Figura 105 - Fotografia da fachada posterior. Fonte: Imagem do autor.	122
Figura 106 - Pormenor de Beirado Português. Fonte: Imagem do autor.....	122
Figura 108 - Imagem do interior do edifício 1. Fonte: Imagem do autor.....	123
Figura 107 - Imagem do interior do edifício. Fonte: Imagem do autor.....	123
Figura 109 - Pormenor de um elemento do lagar de vinho. Fonte: Imagem do autor.....	124
Figura 110 - Pormenor de um elemento do lagar de vinho. Fonte: Imagem do autor.....	124
Figura 111 - Fotografia do Interior do edifício 1. Fonte: Imagem do autor.....	125
Figura 112 - Fotografia do interior do edifício 1. Fonte: Imagem do autor.....	125
Figura 113 - Pormenor da Cumeeira existente. Fonte: Imagem do autor.....	126
Figura 114 - Janela da Capela da Quinta de S. João. Fonte: Imagem do autor.....	126
Figura 115 - Vista para a Capela da Quinta de S. João. Fonte: Imagem do autor.....	127

Figura 116 - Frescos existentes da Capela da Quinta de S. João. Fonte: Imagem do autor	127
Figura 117 - Lagar de Vinho existente no edifício 1 da quinta. Fonte: Imagem do autor	128
Figura 117 - Lagar de Vinho existente no edifício 1 da quinta. Fonte: Imagem do autor	128
Figura 119 - Vista do interior para o exterior da quinta. Fonte: Imagem do autor	129
Figura 119 - Vista do Teixo com o edifício 1 da quinta. Fonte: Imagem do autor	129

Lista de Tabelas

Tabela 1 - Sinónimos para o conceito de rota. Fonte: Tabela elaborada pelo autor.	6
Tabela 2 - Elementos para a criação de Roteiros adaptado de Pérez, citado por Sara Maia. Fonte: Tabela elaborada pelo autor.	10
Tabela 3 - Criação de Rota por Paula e Bastos, citados por Sara Maia. Fonte: Tabela elaborada pelo autor.	11
Tabela 4 - Rotas Europeias Culturais. Fonte: Tabela elaborada pelo Autor.	17

1. INTRODUÇÃO

Portugal tem sido reconhecido pela sua versatilidade espacial que potencia um desenvolvimento espontâneo do turismo, através das paisagens, mas também da arquitetura e identidade de cada local. Enquanto que no litoral do país se destacam as praias e os monumentos ali construídos, no interior do país valorizam-se as serras e os planaltos áridos do Alentejo, ou a ruralidade que tanto caracteriza estas regiões.

Assim, a arquitetura Vernacular vem demarcar a potencialidade destas regiões do interior promovendo as suas características rurais e conservando as tradições, identidade e origens de cada povo. Para tal, são atualmente usados vários mecanismos que ajudam e facilitam a promoção destes locais, como é o caso das Rotas Culturais.

Rota, atualmente, passa por abordar temas como os sociais, culturais, patrimoniais, entre outros, que servem de mote para a revitalização e enobrecimento de locais, por vezes esquecidos no tempo. Por seu lado, a arquitetura vernacular ou popular, como também pode ser designada, é um elemento primordial a conservar, pois é através desta que se observam os primeiros passos da arquitetura.

Todavia, são visíveis outros elementos que têm vindo a ajudar à promoção da arquitetura. A reabilitação é dos mais notáveis conservando o património arquitetónico de cada região. Este tem sido alvo de grandes atenções por parte da sociedade, falando-se na preservação e conservação do património e da sua identidade, contudo nem sempre é fácil de entender o que é na verdadeira essência das palavras e das ações praticadas.

Esta preservação, renovação, adaptação e atualização do património pode levar a interrogações quanto ao modo como são executadas, levando-nos a questionar se não se está a descaracterizar ou a destruir a identidade deste.

1.1. Justificação das Propostas

Estando cada vez mais a sociedade familiarizada com o tema da reabilitação e do que com ele se pode fazer e existindo cada vez mais apoios comunitários europeus, desde a década de 60 do século XX, para esta prática, este foi um tema que chamou, bastante, a atenção do autor desta dissertação.

Sendo este oriundo desta freguesia e tendo acompanhado o desenvolvimento da mesma em alguns fatores, tendo outros sido deixados à revelia, fez com que aumentasse o interesse por dar resposta a um pedaço da memória local esquecida, mas que faz parte intrínseca da identidade de um património local, que deve ser valorizado e acarinhado.

Consequentemente, existe também a preocupação em desenvolver matéria com ligação à beira interior, sendo esta bastante rica no que toca a património cultural e industrial, como é o caso da Covilhã, Fundão e Castelo Branco. Este sentimento provém das raízes beirãs do autor e do facto de querer aliar, uma vez mais, a reabilitação a alguns fatores de cariz cultural e social (origens).

A premissa de conceber este estudo e consequentes propostas e dar valor ao que de melhor se produziu, em tempos, vem permitir a musealização do património e, mais importante, manter viva a memória do que foi, e continua a ser, esta terra.

1.2. Objetivos

A presente dissertação tem como objetivo central o estudo da preservação do Património. Foi de extrema importância a aquisição de mais conhecimentos sobre a conservação do património, bem como da arquitetura vernacular.

Deste modo, destacam-se os dois objetivos principais em que se reparte esta dissertação. O primeiro assenta na pesquisa teórica de elementos que definam o que é uma rota cultural e o que a distingue das restantes, sendo considerado como um elemento que promove e preserva o património de cada local, na pesquisa sobre a arquitetura vernacular, pois, tendo em consideração o local de intervenção das propostas desta dissertação, esta é possuidora de uma presença assídua destas regiões. Conclui-se este primeiro objetivo com a proposta de uma rota cultural inserida na vila do Teixoso, concelho da Covilhã.

O segundo objetivo consiste na pesquisa sobre a reabilitação na arquitetura, de um modo geral, sendo finalizada com a apresentação de uma proposta de reabilitação para uma quinta com valor histórico para a população do Teixoso. A quinta em questão é a Quinta de São João, possuidora de uma riqueza cultural e histórica, para este povo, que tem assistido ao abandono da mesma. Assim, propõe-se para esta um núcleo museológico sobre o Teixo e alguns dos costumes e vivências do passado da vila.

1.3. Metodologia

Desde o primeiro momento em que se iniciou esta dissertação, que se definiu que a sua metodologia albergaria a vertente teórica e a vertente prática. Não descurando a importância de todo o tipo de trabalhos, foi selecionado este método pois são de realçar as bases teóricas que o autor procura e pesquisa para conseguir conceber a parte prática. Deste modo, esta metodologia serviu para que se consiga apresentar todo o estudo realizado e o seu resultado final através das propostas práticas.

Por outro lado, a metodologia de investigação foi realizada de diferentes formas. Todo o processo de investigação iniciou-se através de pesquisas bibliográficas e cartográficas, contudo não era suficiente devido à falta de informação editada em livros, por exemplo matéria sobre o Teixoso.

Deste modo, consultaram-se especialistas e recorreu-se a levantamentos fotográficos e métricos, de modo a permitir que a componente teórica conduzisse à proposta a ser apresentada. A pesquisa “in situ” e o contato com a população do Teixoso foi também um elemento chave, pois só assim se conseguiu obter informação que não consta de registos escritos, isto é, informação de conteúdo popular que só se obtém a partir do contato com a população.

1.4. Estado da Arte

De um modo geral, tem-se trabalhado sobre o património rural, contudo na Covilhã este tema tem ainda um longo caminho por desbravar. Para a elaboração desta dissertação foi tido em conta inumeráveis trabalhos relativos ao tema das rotas (Council of Europe¹, ICOMOS²,

¹ Council of Europe; Committee of ministers; Resolution CM/Res(2013)67 revising the rules for the award of the “Cultural Route of the Council of Europe” certification (Adopted by the Committee of Ministers on 18 December 2013 at the 1187bis meeting of the Ministers’ Deputies) disponível Online in [http://culture-routes.net/sites/default/files/files/CMRes\(2013\)67E.pdf](http://culture-routes.net/sites/default/files/files/CMRes(2013)67E.pdf); Consultado: 10 de fevereiro de 2017

² ICOMOS, Carta de Itinerarios Culturales, Acedido Online in: https://www.icomos.org/images/DOCUMENTS/Charters/culturalroutes_sp.pdf; Québec, 2008; Consultado Online: 29 de abril de 2017

UNESCO³, JenniferBriedenhanne Eugenia Wickens⁴), ao tema da arquitetura vernacular (CIAV⁵, Inquérito à Arquitectura Popular em Portugal⁶, Javier Gil⁷, Carlos Flores⁸, Ana Ribeiro⁹, Ernesto Oliveira e Fernando Galhano¹⁰), ao tema relativo ao Teixoso (CMC¹¹, ASE¹², Guida Martins, Manuela Neves e Florbela Carrola¹³) e por fim relativo à reabilitação (Carta de Cracóvia¹⁴, ARCHDAILY¹⁵).

Relativamente ao tema das rotas, foi de extrema importância o site do Conselho Europeu de onde foram retirados documentos que ajudaram à compreensão do que é uma rota e como funciona. Caso disto é o Cultural Routes of the Council of Europe, Good Practices Atlas onde foi possível observar alguns exemplos de rotas europeias. Também a utilização de documentos da autoria de ICOMOS e UNESCO foram importantes para perceber regras e formas de aplicação das rotas.

No que diz respeito à arquitetura vernacular o principal elemento que contribui para a concretização desta análise foi o inquérito à Arquitectura Popular em Portugal que relata de forma inigualável a arquitetura vernacular em Portugal. Também o livro de Javier Gil ajuda a perceber a evolução da arquitetura desde cabana passando pela arquitetura vernacular. Também o CIAV foi importante para percebermos alguns fatores que protegem e valorizam esta arquitetura.

Quanto à informação sobre o Teixoso, o livro das autoras Guida Martins, Manuela Neves e Florbela Carrola foi imprescindível na história e cultura do Teixoso, pois sem ele não seria

³ UNESCO; Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural; Acedido Online in: <http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001271/127160por.pdf>; 2002; Consultado Online: 17 de março de 2017;

⁴ Briedenhanh, J.; Wickens, E.; “Rural Tourism - Meeting the Challenges of the New South Africa” in International Journal of Tourism Research; v.6; nº3; Maio/Junho 2004

⁵ Congresso Internacional de Arquitetura Vernácula; ICOMOS; Conselho Internacional dos Monumentos e Sítios; Veneza, 1976

⁶ AA.VV.; Arquitectura Popular em Portugal; v.2; Ed. Associação dos Arquitectos Portugueses; Lisboa 1988

⁷ Pérez Gil, J.; Qué es la Arquitectura vernácula?: Historia y concepto de un Patrimonio Cultural específico; Ed. Universidad de Valladolid; Valladolid, 2016

⁸ Flores, C.; El carácter de la arquitetura popular. Tal como éramos, Revista del MOPU, nº334; 1986

⁹ Ribeiro, Ana S. F.; Património Vernacular Construído - O beiral, o espigueiro e a eira: formas, usos e contextos.; Dissertação para obtenção do grau de mestre em História da Arte Portuguesa; Faculdade de Letras, Universidade do Porto; Portugal; Porto; 2016; Acedido online in: link; Acedido online: 15 de Junho de 2017

¹⁰ Oliveira, Ernesto V.; Galhano, Fernando; Arquitectura Tradicional Portuguesa; Ed. Dom Quixote, Lda; Lisboa, 2003 5ª Edição

¹¹ Freguesias, Território; Acessível Online in: <http://www.cm-covilha.pt/?cix=821&tab=792&curr=813&lang=1>; Consultado Online: 07 de março de 2017

¹² ASE; Existe futuro para o Taxus baccata na Serra da Estrela; Ed. Zimbro, Portugal: Manteigas, 2013

¹³ Martins, G., Neves, M. e Carrola, F.; Vidas... no Teixoso, Reflexo de memórias reconstruídas, Ed. Marques & Pereira, Guarda 2009

¹⁴ Conferência Internacional; Recomendação de Cracóvia para a Proteção do Património Cultural; Acedido online in: http://www.patrimoniocultural.gov.pt/static/data/cartas_e_convencoes_internacionais/traducao/dec_laracaodecracovia.pdf; Cracóvia, 2016; Consultado Online: 24 de julho de 2017

¹⁵ ArchDaily; Acedido online: <http://www.archdaily.com/>; Consultado online: 26 de Agosto de 2017

possível obter a mesma quantidade de informação da forma sucinta e precisa. Neste parâmetro, também o *site* da Câmara Municipal da Covilhã e os Censos de 2011 ajudaram para a confirmação de dados sobre a freguesia e o concelho.

Quanto à reabilitação a Carta de Cracóvia foi essencial para a perceção de definições relativas às temáticas de intervenção da arquitetura, mas também o *site* ArchDaily foi importante na procura de exemplos de estudo para um melhor entendimento do que pode ser a reabilitação.

2. ROTAS CULTURAIS: CONTEXTUALIZAÇÃO

A definição de Rota, atualmente, passa por abordar temas como os sociais, culturais, patrimoniais, entre outros, que servem de mote para a revitalização e enobrecimento de locais, por vezes esquecidos no tempo.

Embora seja vulgarmente utilizada a palavra rota para a definição de caminhos ou percursos, existem alguns sinónimos que se podem enquadrar neste panorama. Deste modo, procurou-se algumas delas com fim a comprovar a sinonímia das mesmas:

Tabela 1 - Sinónimos para o conceito de rota. Fonte: Tabela elaborada pelo autor.

NOME	DEFINIÇÃO
Rota (s.f.)¹⁶	Caminho; Rumo, Direção; Trajetória de uma embarcação ou aeronave.
Roteiro (s.m.)¹⁷	Descrição pormenorizada de uma viagem; Itinerário; Livro onde se consignam todos os pormenores de uma viagem importante; Indicação dos caminhos, ruas, distâncias, etc., de uma região, país ou povoação.
Itinerário (s.m.)¹⁸	Indicação do caminho a percorrer; Roteiro; Descrição de viagem.
Caminho (s.m.)¹⁹	Via de comunicação terrestre destinada ao trânsito local em zonas rurais; Extensão percorrida ou a percorrer; Distância; Trajeto; Percurso; Passagem; Direção; Rumo.
Percurso (s.m.)²⁰	Ato ou efeito de percorrer; Trajeto; Roteiro; Caminho.

Através da análise visualizada na tabela anterior, verifica-se que uma rota pode ser designada e caracterizada de várias formas. Contudo, o que é na realidade uma rota?

O conceito de Rota Cultural foi debatido pela primeira vez quando foi incluída, na Lista do Património Mundial (1993), a Rota dos Peregrinos para Santiago de Compostela.

¹⁶ Infopédia; Rota; Porto Editora; Porto, in <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/rota>; Consultado Online: 5 de junho de 2017

¹⁷ Infopédia; Roteiro; Porto Editora; Porto, in <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/roteiro>; Consultado Online: 5 de junho de 2017

¹⁸ Infopédia; Itinerário; Porto Editora; Porto, in <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/itinerario>; Consultado Online: 5 de junho de 2017

¹⁹ Infopédia; Caminho; Porto Editora; Porto, in <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/caminho>; Consultado Online: 5 de junho de 2017

²⁰ Infopédia; Percurso; Porto Editora; Porto, <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/percurso>; Consultado Online: 5 de junho de 2017

Uma rota pode abordar distintas categorias, ou seja, culturais, turismo, desporto, religiosas, entre outras. Ou seja, esta pluralidade de escolhas faz com que as rotas se tornem cada vez mais num objeto de investimento e procura.

Por outro lado, todos os itinerários devem ser pensados e criados consoante as necessidades do lugar e também pelo que o território tem para oferecer à rota.

Briedenhann & Wickens²¹ afirmam que a rota, ou itinerário, é vista por muitos como um instrumento de desenvolvimento socioeconómico através de atividades e atrações que estimulam a articulação entre áreas distintas. O autor refere ainda que o meio onde se insere a rota também influencia o modo como é desenvolvida. Isto é, se existe uma rota para a consolidação e conhecimento do património cultural ou natural ali existente, ou se a rota é simplesmente criada para fins económicos.

Por seu lado, Quijano citado por Sara Maia afirmando que para este um *“itinerário ou rota é uma descrição de um caminho ou rota, especificando os lugares de trânsito e propondo uma série de atividades e serviços.”*²²

O respeito pela identidade patrimonial, cultural e social de cada local é o que se destaca, devendo o conceito de uma rota respeitar a identidade patrimonial, cultural e natural representativas de um determinado local servindo o elo de ligação entre visitantes e visitados, como afirma a Carta de Itinerários Culturais de ICOMOS de 2008²³.

A referida Carta de 2008 da ICOMOS surge na sequência de declarações, cartas e convenções apresentadas em 2005, na Convenção do Património Cultural Mundial da UNESCO²⁴.

Ainda na referida carta da ICOMOS²⁵ é dada outra definição de rota:

“Toda a via de comunicação terrestre, aquática ou de outro tipo, fisicamente determinada e caracterizada por possuir o seu próprio e específica dinâmica e funcionalidade histórica ao serviço de um fim concreto e determinado, que reúna as seguintes condicionantes:

- a) Ser resultado e reflexo de movimentos interativos de pessoas, assim como de intercâmbios multidimensionais, contínuos e recíprocos de bens, ideias,

²¹ Briedenhann, J.; Wickens, E.; “Rural Tourism - Meeting the Challenges of the New South Africa” in International Journal of Tourism Research; v.6; nº3; Maio/Junho 2004, pp. 189-203

²² Maia, S. V.; “Rotas Museológicas na Região de Aveiro - Um estudo empírico”, Dissertação para obtenção do grau de mestre em Gestão em Planeamento em Turismo; Universidade Aveiro; Portugal: Aveiro 2010

²³ ICOMOS, Carta de Itinerários Culturais, Acedido Online in: https://www.icomos.org/images/DOCUMENTS/Charters/culturalroutes_sp.pdf; Québec, 2008; Consultado Online: 29 de abril de 2017

²⁴ Cardoso, F. M. P., Castriota, L. B.; O Itinerário enquanto Instrumento de Preservação do Património Cultural: O caso da Estrada Real; v.5; nº2; Ed. Fórum Património, Belo Horizonte 2012, p.13

²⁵ ICOMOS, Carta de Itinerários Culturais, Acedido Online in: https://www.icomos.org/images/DOCUMENTS/Charters/culturalroutes_sp.pdf; Québec, 2008; Consultado Online: 29 de abril de 2017, p. 2

conhecimentos e valores entre povos, países, regiões ou continentes, ao longo de consideráveis períodos de tempo.

- b) Ter gerado uma fecundação múltipla e recíproca, no espaço e no tempo, das culturas afetadas que se manifesta tanto no seu património tangível como intangível.
- c) Ter integrado num sistema dinâmico as relações históricas e os bens culturais associados à sua existência.”²⁶

Analisando os documentos para a certificação de “Cultural Route of the Council of Europe”, existem vários parâmetros a ter em atenção à criação das rotas. No que diz respeito à lista de critérios de elegibilidade dos temas, são apresentados alguns modelos, apresentados no documento anteriormente referido, que referem a importância da pesquisa e investigação de grupos especialistas para a seleção do tema. Estes temas devem conter valores europeus, incluindo os jovens e intercâmbios nas linhas de ideias.

Todavia, também devem ser realçados os tópicos que são “*ilustrativos de património, história e memória europeia e contribuir para uma intervenção da diversidade da Europa atual*”; “*o tema deve permitir o desenvolvimento de iniciativas e projetos exemplares e inovadores no campo do turismo cultural e desenvolvimento cultural sustentável*”²⁷. Isto é, até se encontrar o tema de um itinerário este deve ser pensado não só em si mesmo, como também no que o possa rodear.

Através das rotas, deve igualmente reforçar-se o património material e imaterial destacando as suas similaridades, ter em conta e promover as cartas, convenções, e recomendações do Conselho Europeu, UNESCO e do ICOMOS relativas, nomeadamente, ao restauro do património, da paisagem e do território. Destacar ainda o apelo realizado para a identificação e evidência

²⁶ Tradução livre de: “*Toda vía de comunicación terrestre, acuática o de otro tipo, físicamente determinada y caracterizada por poseer su propia y específica dinámica y funcionalidad histórica al servicio de un fin concreto y determinado, que reúna las siguientes condiciones:*

a) Ser resultado y reflejo de movimientos interactivos de personas, así como de intercambios multidimensionales, continuos y recíprocos de bienes, ideas, conocimientos y valores entre pueblos, países, regiones o continentes, a lo largo de considerables períodos de tiempo.

b) Haber generado una fecundación múltiple y recíproca, en el espacio y en el tiempo, de las culturas afectadas que se manifiesta tanto en su patrimonio tangible como intangible.

c) Haber integrado en un sistema dinámico las relaciones históricas y los bienes culturales asociados a su existencia.”

²⁷ Council of Europe; Committee of ministers; Resolution CM/Res(2013)67 revising the rules for the award of the “Cultural Route of the Council of Europe” certification (Adopted by the Committee of Ministers on 18 December 2013 at the 1187bis meeting of the Ministers’ Deputies) disponível Online in [http://culture-routes.net/sites/default/files/files/CMRes\(2013\)67E.pdf](http://culture-routes.net/sites/default/files/files/CMRes(2013)67E.pdf); Consultado: 10 de fevereiro de 2017

do património que não sejam museus e locais geralmente visitados como por exemplo, zonas rurais.²⁸

Ainda, na carta do Conselho Europeu, é referida a sustentabilidade. Esta deve ser tida sempre em atenção de modo a preservar a identidade local, regional, nacional e até europeia. A preocupação com a proteção do património e respetivamente do território, deverá ter como objetivo a promoção do desenvolvimento do turismo de qualidade, definindo e implementando indicadores que meçam o impacto das rotas culturais²⁹.

Com a importância que este tema tem sido abordado, quer na vertente turística, quer na vertente patrimonial, têm-se desenvolvido alguns tipos de itinerários culturais.

Na Carta de Itinerários Culturais, ICOMOS de 2008, refere-se que as rotas deverão classificar-se de acordo com a sua dimensão territorial e cultural, pelo seu objetivo e função, pela sua duração temporal, pela sua configuração estrutural e ainda quanto à sua demarcação natural.³⁰

2.1. Elementos para a definição de uma rota

Após termos tomado conhecimento do que é uma rota e de como se pode aplicar, um itinerário deverá reger-se por regulamentos, decretos, convenções e cartas trabalhadas ao longo dos anos através, por exemplo, da ICOMOS e da UNESCO.

Esta última, UNESCO, transversalmente às linhas gerais da declaração universal sobre a diversidade cultural, promulga que deve ser fortalecido o intercâmbio de conhecimentos e de práticas para o desenvolvimento do pluralismo cultural, mas também associar estas condições europeias ao processo educativo para a transmissão do saber.³¹

Todavia, além de distinguir tipologicamente as rotas culturais, deve considerar-se o modo como estas podem ser desenvolvidas, respeitando o seu contexto, conteúdo, o valor do conjunto e da envolvente e o carácter dinâmico que este poderá ter.

²⁸ ICOMOS, Carta de Itinerarios Culturales, Acedido Online in: https://www.icomos.org/images/DOCUMENTS/Charters/culturalroutes_sp.pdf; Québec, 2008; Consultado Online: 29 de abril de 2017, p. 1

²⁹ Council of Europe; Committee of ministers; Resolution CM/Res(2013)67 revising the rules for the award of the “Cultural Route of the Council of Europe” certification (Adopted by the Committee of Ministers on 18 December 2013 at the 1187bis meeting of the Ministers’ Deputies) disponível Online in [http://culture-routes.net/sites/default/files/files/CMRes\(2013\)67E.pdf](http://culture-routes.net/sites/default/files/files/CMRes(2013)67E.pdf); Consultado: 10 de fevereiro de 2017, p.3

³⁰ ICOMOS, Carta de Itinerarios Culturales, Acedido Online in: https://www.icomos.org/images/DOCUMENTS/Charters/culturalroutes_sp.pdf; Québec, 2008; Consultado Online: 29 de abril de 2017, p. 6

³¹ UNESCO; Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural; Acedido Online in: <http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001271/127160por.pdf>; Consultado Online: 17 de março de 2017; 2002; p.6

Deste modo, quando se pensa em concretizar um plano territorial, deve ter-se em conta:

- “o que se conserva e não se conserva
- que prioridades de restauração há
- que tipo de atividade se priorizam
- que mensagem se dá desde o património
- a que segmentos de público se deve dirigir a oferta
- que património deve gerir ou adquirir a administração
- que costumes, tradições... se pretende recuperar ou salvaguardar
- que monumentos se fazem acessíveis e de que modo
- como se garante a rentabilidade das inversões no património “³²

O respeito e a proteção da tradição deverão estar integrados nestas temáticas, para que a construção da rota respeite as normas e o que se encontra no local. Isto é, a proteção de tradições, como também dos recursos naturais e dos conhecimentos locais deve ser tida em conta aquando a construção de uma rota de forma a manter intacta a autenticidade e a identidade de cada local, região ou povo.

Uma das formas de desenvolvimento das rotas é a criação de roteiros. Para Pérez, citado por Sara Maia³³, deverá ter-se em conta os seguintes aspetos:

Tabela 2 - Elementos para a criação de Roteiros adaptado de Pérez, citado por Sara Maia. Fonte: Tabela elaborada pelo autor.

<i>Elementos para a criação de Roteiros</i>
<i>Planear roteiros antecipadamente;</i>
<i>Ter em conta quem se visita e o quê;</i>
<i>Pensar no tema do roteiro;</i>
<i>O roteiro deve ser um cartão de identidade, apresentando o local e as suas características geográficas;</i>
<i>Debater-se no número de pessoas que participam no roteiro;</i>
<i>O roteiro deve explicar conceitos-chave da rota</i>
<i>Procurar segmentar a visita</i>
<i>Reforçar a vivência e a experiência</i>

³² Werner, Jordi P.; Alaix, Manel M.; Gestión Creativa y Desarrollo Territorial: Retos del patrimonio em el siglo XXI; s/ed., p.16

³³ Maia, S. V.; “Rotas Museológicas na Região de Aveiro - Um estudo empírico”, Dissertação para obtenção do grau de mestre em Gestão em Planeamento em Turismo; Universidade Aveiro; Portugal: Aveiro 2010, p.54

Contudo, Paula e Bastos, citados por Sara Maia³⁴, apontam etapas mais sintéticas e concretas:

Tabela 3 - Criação de Rota por Paula e Bastos, citados por Sara Maia. Fonte: Tabela elaborada pelo autor.

Criação de Rotas
Definir-se a rota a ser implementada;
Definir pontos turísticos estratégicos;
Realizar levantamentos geográficos e de acessos;
Aplicar o programa para traçar/criar a rota.

2.2. Rota: Agente Promotor da Cultura de um Povo

Ao longo dos anos tem-se observado um especial destaque para a preservação não só dos grandes monumentos protegidos e referenciados internacionalmente, mas também se observa a integração do património rural no desenvolvimento local, com destaque para as rotas.

São tidos em conta valores identitários, culturais, educativos, sociais, turísticos, entre outros, que vêm facilitar a utilização do património não só pelos visitantes, mas também pelos habitantes locais.

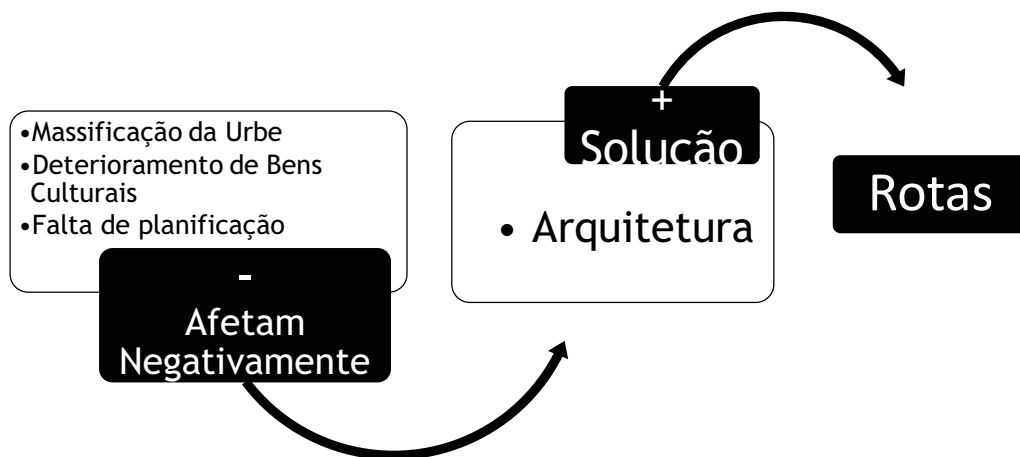


Figura 1- Imagem representativa de fatores negativos que podem afetar a arquitetura e uma solução que a pode solucionar. Fonte: Imagem elaborada pelo autor.

³⁴ Maia, S. V.; “Rotas Museológicas na Região de Aveiro - Um estudo empírico”, Dissertação para obtenção do grau de mestre em Gestão em Planeamento em Turismo; Universidade Aveiro; Portugal: Aveiro 2010, p.54

Algumas são já as ameaças que colocam em causa o património e a identidade de muitas comunidades, ou seja, os principais agentes da cultura de um povo. Algumas delas são a massificação intensiva da urbe, o deterioramento de bens culturais e do meio ambiente, a falta de planificação, entre outros.

Em 1987, a Comissão Mundial sobre o Meio Ambiente e desenvolvimento, realiza uma ação com o mote de que *“o desenvolvimento que permite satisfazer as necessidades do presente sem pôr em perigo a capacidade das gerações futuras para satisfazer as suas próprias necessidades. “Isto é, dever-se-á construir o futuro respeitando o existente dos nossos antepassados.”*³⁵

Xavier Rupert, citado por Werner e Alaix num relatório do Parlamento Europeu, assinalou que *“o património tem um papel proeminente; é a mais acessível e, ao mesmo tempo, a mais eloquente de todas as expressões culturais. Através do património pode-se perceber a unidade e a diversidade que caracterizam na mesma medida a cultura europeia”*.³⁶

Concordando ou não com esta afirmação, abordar-se o território, ou seja, rotas ou itinerários neste caso, é concluir que este é o nível mais complexo dentro da interpretação do património, pois é um meio que pode afetar diretamente a vida da população local.

2.3. Caso de Estudo 1: Cultural Routes of the Council of Europe

Tendo como base de estudo o Atlas de boas práticas de Rotas Culturais do Concelho Europeu³⁷, são neste capítulo apresentados diversos exemplos, de forma a complementar a informação do anterior.

Num primeiro tema, abordam-se exemplos que se destacaram na gestão e criação de redes europeias. Estas obtiveram um resultado positivo da sua implementação derivado a estratégias de comunicação, do respeito mútuo entre regiões. Como exemplo apresentamos a Rota dos Caminhos de St. Olav, a Rota Europeia das Cidades Históricas Termiais, a Via Franciscana e a rota da Via Regia.

³⁵ Werner, Jordi P.; Alaix, Manel M.; Gestión Creativa y Desarrollo Territorial: Retos del patrimonio em el siglo XXI, s/ed.; p.5

³⁶ Werner, Jordi P.; Alaix, Manel M.; Gestión Creativa y Desarrollo Territorial: Retos del patrimonio em el siglo XXI, s/ed.; p.11

³⁷ Council of Europe; Institut European des Itinéraires Culturels; Cultural Routes of the Council of Europe, Good Practices Atlas, Acedido Online in: http://culture-routes.net/sites/default/files/files/GOOD_PRACTICES_ATLAS.pdf; Consultado Online: 10 de fevereiro de 2017

Nome	ROTA DOS CAMINHOS DE ST. OLAV WAYS
Data	2010
Descrição	<ul style="list-style-type: none"> • Rota de peregrinação para a Catedral de Nidaros, em Trondheim, na Noruega; • Produto de turismo, património cultural, natureza e rota de paisagens culturais e uma articulação.
Fonte	http://pilegrimsleden.no/en/
Mapa	<p>O mapa ilustra a rota dos caminhos de St. Olav através da Escandinávia. Partindo de Trondheim, na Noruega, as rotas se dividem em várias direções: uma amarela para o norte para Östersund; uma vermelha para o leste passando por Sandnessjøen, Kårbø, Hudiksvall, Söderhamn, Gäddede e Nagu; e uma verde para o sul passando por Uppsala. Há também rotas azuis e pontilhadas que representam caminhos alternativos ou locais.</p>

Figura 2 - Mapa da Rota dos Caminhos de St. Olav. Fonte: Imagem elaborada pelo autor.


Nome	ROTA EUROPEIA DAS CIDADES TERMAIS HISTÓRICAS
Data	2010
Descrição	<ul style="list-style-type: none"> • Diversificação de ofertas de bem-estar; • Valorização interativa do património térmico; • Resposta contemporânea e inovadora às demandas culturais através de ações que ajudem a uma melhor compreensão do passado através de uma narrativa contemporânea; • Uma política proactiva que enfrenta as necessidades das novas tendências do turismo cultural e multissensorial.
Fonte	http://culture-routes.net/routes/european-route-of-historical-thermal-towns
Mapa	

Figura 3 - Mapa da Rota Europeia das Cidades Termais Históricas. Fonte: Imagem elaborada pelo autor.

Nestas, podemos constatar a intenção de unir cidades de cultura e população distinta, mas que


Nome	VIA FRANCISCANA
Data	1994
Descrição	<ul style="list-style-type: none"> • Rota antiga que, nos tempos medievais, ligou Canterbury a Roma e aos portos das Apúrias; • Promoção de um itinerário que atravessa a Itália e a Europa, retratando a história do nosso continente.
Fonte	http://www.viefrancigene.org/en/
Mapa	

Figura 4 - mapa da Via Francígena. Fonte: Imagem elaborada pelo autor.

Nome	VIA REGIA
Data	2005
Descrição	<ul style="list-style-type: none"> • VIA REGIA é o nome da mais antiga e mais longa estrada ligação entre o leste e o oeste da Europa; • Uma rede internacional, usa o potencial da VIA REGIA como símbolo da unificação Europeia.
Fonte	http://www.via-regia.org/eng/
Mapa	

Figura 5 - Mapa da Via Regia. Fonte: Imagem elaborada pelo autor.

De seguida, poderemos observar um exemplo sobre a cooperação na investigação e desenvolvimento das rotas culturais. Assim, apresenta-se a rota Transromanica:

Nome	TRANSROMANICA
Data	2007
Descrição	<ul style="list-style-type: none"> • Demonstrar como o património dos diferentes países e culturas da Europa representava um património cultural compartilhado; • Demonstração dos princípios fundamentais do Conselho da Europa.
Fonte	http://www.transromanica.com/en/map/
Mapa	

Figura 6 - Mapa da Rota Transromanica. Fonte: Imagem elaborada pelo autor.


Nome	ROTA EUROPEIA DAS HERANÇAS JUDAICAS
Data	2004
Descrição	<ul style="list-style-type: none"> • Herança Judaica da história e cultura europeia que proporcionou intercâmbios; • Descoberta e preservação de legado.
Fonte	http://culture-routes.net/routes/the-european-route-of-jewish-heritage
Mapa	

Figura 7 - Mapa da Rota Europeia das Heranças Judaicas. Fonte: Imagem elaborada pelo autor.

Numa outra perspetiva, demonstra-se seguidamente alguns exemplos de rotas que vieram reforçar a memória, história e o património europeu. Estas são também exemplo de carácter cultural e educacional que fortalecem o intercâmbio nos jovens.


Nome	CAMINHOS EUROPEUS DE MOZART
Data	2002
Descrição	<ul style="list-style-type: none"> • Palácio e praças, jardins, pousadas e hotéis, salas de concerto, cidades, igrejas e paisagens, locais na Europa onde passou Mozart; • Criação de um tema específico para envolver pelo menos 7 países dos 10 caminhos.
Fonte	http://culture-routes.net/routes/european-mozart-ways
Mapa	

Figura 8 - Mapa da Rota dos Caminhos Europeus de Mozart. Fonte: Imagem elaborada pelo autor.


Nome	ROTA DOS CEMITÉRIOS
Data	2010
Descrição	<ul style="list-style-type: none"> • Proposta de promoção do turismo e património, refletido nos cemitérios (património tangível); • Adquirir conteúdo relevante e interessantes em diferentes idiomas.
Fonte	http://culture-routes.net/routes/the-european-cemeteries-route
Mapa	

Figura 9 - Mapa da Rota dos Cemitérios. Fonte: Imagem elaborada pelo autor.

De entre as rotas europeias culturais destacaram-se algumas, contudo apresenta-se a lista completa das rotas implantadas em vários territórios através do Conselho Europeu. Assim, apresentam-se por ordem cronológica³⁸:

Tabela 4 - Rotas Europeias Culturais. Fonte: Tabela elaborada pelo Autor.

Nº	Nome	Ano
1	Rota dos Peregrinos de Santiago de Compostela	1987
2	A Hansa	1991
3	Rota dos Vikings	1993
4	Via Franciscana	1994
5	Rotas do Legado Andaluz	1997
6	Caminhos Europeus de Mozart	2002
7	Rota dos Fenícios	2003
8	Rota do Ferro dos Pirinéus	2004
9	Rota Europeia das Heranças Judaicas	2004

³⁸ Council of Europe; Institut European des Itinéraires Culturels; Cultural Routes of the Council of Europe, Good Practices Atlas, disponível Online in: http://culture-routes.net/sites/default/files/files/GOOD_PRACTICES_ATLAS.pdf; Consultado Online: 10 de fevereiro de 2017

10	Rota de St. Martin de Tours	2005
11	Sítios Cluniacenses na Europa	2005
12	Rota das Oliveiras	2005
13	Via Regia	2005
14	Rota Transromânica	2007
15	Rota de Iter Vitis	2009
16	Rota Europeia das Abadias Cistercienses	2010
17	Rota Europeia dos Cemitérios	2010
18	Trilhos da arte Pré-Histórica Rock	2010
19	Rota Europeia das Cidades Termais Históricas	2010
20	Rota dos caminhos de St. Olav	2010
21	Sítios Casadean	2012
22	Rota Europeia da Cerâmica	2012
23	Rota Europeia da Cultura Megalítica	2013
24	Trilhos de Huguenote e Valdense	2013
25	ATRIUM - Arquitetura dos Regimes Totalitários do séc. XX na memória Urbana Europeia	2014
26	Rede de Arte Nova	2014
27	Via de Habsburgo	2014
28	Rota dos Imperadores Romanos e do vinho de Danúbio	2015
29	Nos Passos de Robert Louis Stevenson	2015
30	Destinos de Napoleão	2015
31	Rota Europeia do Imperador Charles V	2015
32	Rota Europeia das Cidades fortificadas da Grande Região	2016

2.4. Caso de Estudo 2: Rotas Culturais em Portugal

No que concerne as rotas em solo português, cada vez mais se tem utilizado esta temática para o rejuvenescimento de populações, locais, memórias e identidades.

Desde o Minho ao Algarve, incluindo as ilhas, são já algumas as rotas ativas e que enobrecem o património local de cada região.

Estes itinerários podem ser distinguidos entre *Pequenas Rotas* (PR) e *Grandes Rotas* (GR), podendo ser realizadas de várias formas, pedestre, bicicleta ou carro. Deste modo, através da informação disponível online a cargo de cada rota, apresentam-se alguns exemplos nacionais.


Nome	ROTA DO ROMÂNICO
Data	2010
Descrição	<ul style="list-style-type: none">• Proposta de promoção da qualificação cultural e turística e o desenvolvimento sustentável da região;• Unir a rota com outros pontos Europeus.
Fonte	http://www.rotadoromanico.com/vPT/ORomanico/OqueeoRomanico/Paginas/OqueeoRomanico.aspx
Mapa	

Figura 10 - Mapa da Rota do Românico. Fonte: Imagem elaborada pelo autor.

Nome	GRANDE ROTA VALE DO CÔA
Data	2014
Descrição	<ul style="list-style-type: none"> • Unir património Tangível do Intangível ao longo do rio Côa;
Fonte	http://granderotadocoa.pt/
Mapa	

Figura 11 - Mapa da Grande Rota do Vale do Côa. Fonte: Imagem elaborada pelo autor.

Também a Grande Rota da Transumância e a Rota das Aldeias Históricas de Portugal partem do património material e imaterial, sendo enaltecido pela aplicação das respetivas rotas para a sua valorização.

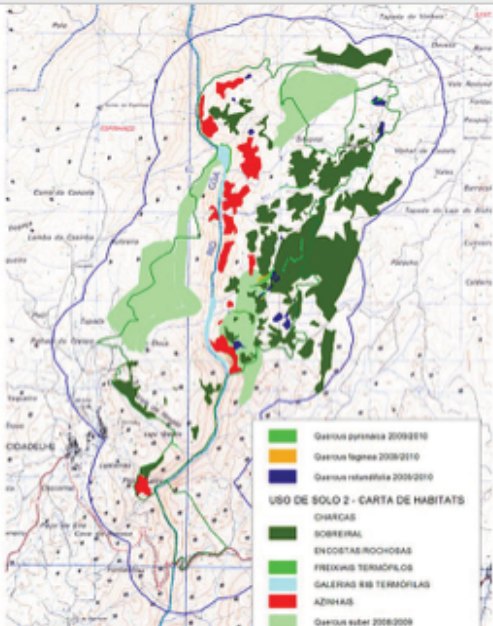
Nome	GRANDE ROTA DA TRANSUMÂNCIA
Data	2013
Descrição	<ul style="list-style-type: none"> • Enaltecer a cultura referente a cada povo que utilizava os caminhos da transumância com as ovelhas; • Valorizar Património Imaterial.
Fonte	http://www.transumancia.com/page/transum%C3%A2ncia
Mapa	

Figura 12 - Mapa da Grande Rota da Transumância. Fonte: Imagem elaborada pelo autor.

Nome	GRANDE ROTA ALDEIAS HISTÓRICAS DE PORTUGAL
Data	2000
Descrição	<ul style="list-style-type: none"> Através da Cultura e património existente pretende-se criar uma rede de aldeias;
Fonte	http://www.aldeiahistoricasdeportugal.com/percursos/grande-rota/
Mapa	

Figura 13 - Mapa da Grande Rota das Aldeias Históricas de Portugal. Fonte: Imagem elaborada pelo autor.

A rota das Aldeias de Xisto segue a mesma lógica das duas anteriores realçando a importância do xisto nestas regiões, mas também o património material arqueológico, referente às gravuras rupestres.

Nome	ROTA DAS ALDEIAS DE XISTO
Data	2006
Descrição	<ul style="list-style-type: none"> Valorizar o material predominante da região, xisto; Valorizar Património Material e Imaterial, através das gravuras rupestres.
Fonte	http://aldeiasdoxisto.pt/
Mapa	

Figura 14 - Mapa da Rota das Aldeias de Xisto. Fonte: Imagem elaborada pelo autor.

Desta forma, pode-se constatar que Portugal, a partir do século XXI, começou a ter um papel preponderante no que diz respeito às rotas patrimoniais e por vezes assumindo mesmo o destaque como agente cultural.



Figura 17 - Imagem representativa de 6 rotas elaborada pelo autor com base no <http://culture-routes.net/cultural-routes/interactive-map> acedido online pela última vez a 13 de setembro de 2017; 1: Rota dos Caminhos de Santiago de Compostela; 2: Via Franciscana; 3: Rota Transromânica; 4: Rota Europeia das Abadias Cistercienses; 5: Rota Europeia das Cidades Termais Históricas; 6: Rota Europeia das Heranças Judaicas

3. ARQUITETURA VERNACULAR: CONCEITOS E HISTÓRIA

A arquitetura nasceu nos tempos primitivos, período da história da humanidade compreendido entre a idade da pedra e o neolítico superior, através da idealização e concretização do conceito inicial de cabana³⁹. Joseph Rykwert dedicou grande parte do seu trabalho ao conceito da cabana primitiva, acabando por desenvolver a arquitetura vernacular.⁴⁰

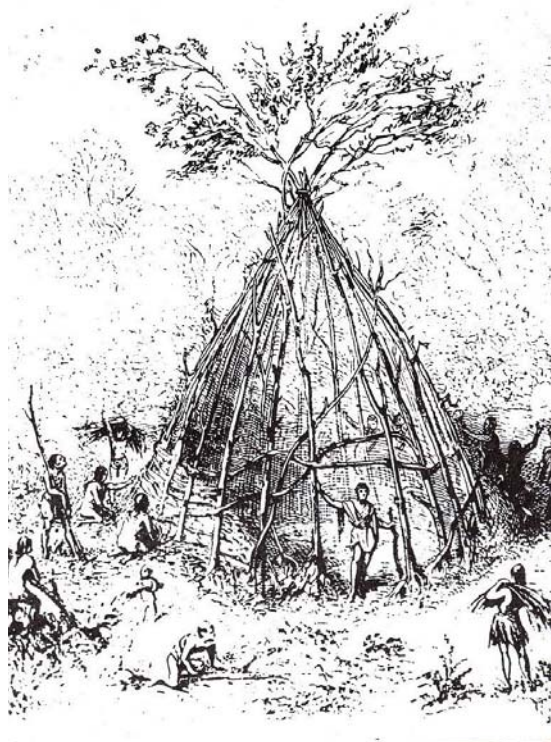


Figura 18 - figura representativa da Cabana Primitiva. Fonte: <http://hyperbole.es/2013/03/sueno-de-la-casa-casa-del-sueno/> a 14 de agosto de 2017

Tal como para Rousseau, a descoberta do fogo e a invenção da arquitetura antecede à difusão da linguagem, para Vitruvius a comunicação oral era um princípio para o aparecimento e desenvolvimento da arquitetura.⁴¹ Isto é, embora existam opiniões divergentes, todas têm um princípio lógico para a criação conceptual de algo.

³⁹ Pérez Gil, J.; Qué es la Arquitectura vernácula?: Historia y concepto de un Patrimonio Cultural específico; Ed. Universidad de Valladolid; Valladolid, 2016, p.11

⁴⁰ Pérez Gil, J.; Qué es la Arquitectura vernácula?: Historia y concepto de un Patrimonio Cultural específico; Ed. Universidad de Valladolid; Valladolid, 2016, p.11

⁴¹ Pérez Gil, J.; Qué es la Arquitectura vernácula?: Historia y concepto de un Patrimonio Cultural específico; Ed. Universidad de Valladolid; Valladolid, 2016, p.24

Assim, nasceu a cabana primitiva, encarada como o princípio da arquitetura. Esta continha numa fase inicial uma estrutura de troncos entrelaçados com ramos unidos com lodo. Para cobrir as fachadas era utilizada grama seca e as coberturas eram também vegetais.⁴²

O segundo modelo da cabana, com o avançar dos tempos, passou a ser com cimento romano e realizado com aparelhos elaborados, incluindo mais tarde as simetrias. Com o passar dos anos e o desenvolvimento do estudo da arquitetura, esta foi assumindo novas vertentes. Uma delas foi a criação do conceito da arquitetura vernacular, conceito este que abarca outros sinónimos desta arquitetura, como é o caso da arquitetura tradicional e da arquitetura popular.

Desta forma, a arquitetura tradicional, ou vernacular, é vista como a arquitetura do povo, limitada ao espaço e produzida para fazer face às necessidades do quotidiano. No entanto, pode por vezes partilhar do mesmo programa funcional que algumas arquiteturas eruditas, tal como Palladio refere que, num primeiro momento, as casas de campo eram constituídas pela casa do dono e família, outro edifício para colheitas e animais, dentro dos regulamentos e comodidade como na cidade, e num segundo momento estas casas solucionariam o alojamento, estábulos e armazéns de operários, animais e colheitas com comodidade.⁴³

Vernáculo significa nativo, indígena e tem relacionamentos diretos com o lugar, ligação com o que lhe é próximo. Etimologicamente, deriva do latino “vernaculus”, palavra que distinguiu, na sua origem, os escravos nascidos em casa do senhor (verna).⁴⁴

O CIAV⁴⁵, Congresso Internacional de Arquitetura Vernácula, define a arquitetura vernacular como “O Património Tradicional ou Vernáculo construído é a expressão fundamental da identidade de uma comunidade, das suas relações com o território e ao mesmo tempo, a expressão da diversidade cultural do mundo(...) Os exemplos do vernáculo podem ser reconhecidos por: um modo de construir emanado da própria comunidade; um reconhecível carácter local ou regional ligado ao território; coerência de estilo, forma e aparência, assim como o uso de tipos arquitetónicos tradicionalmente estabelecidos; sabedoria tradicional no desenho e na construção, que é transmitida de maneira informal; uma resposta direta aos requerimentos funcionais, sociais e ambientais; a aplicação de sistemas, ofícios e técnicas tradicionais de construção.”⁴⁶

⁴² Pérez Gil, J.; Qué es la Arquitectura vernácula?: Historia y concepto de un Patrimonio Cultural específico; Ed. Universidad de Valladolid; Valladolid, 2016, p.25

⁴³ Palladio, A.; Los cuatro Libros de arquitectura, Ed. J. Rivera, 1988, lib, II, cap. XII, p.201

⁴⁴ Pérez Gil, J.; Qué es la Arquitectura vernácula?: Historia y concepto de un Patrimonio Cultural específico; Ed. Universidad de Valladolid; Valladolid, 2016, p.109

⁴⁵ Congresso Internacional de Arquitetura Vernácula; ICOMOS; Conselho Internacional dos Monumentos e Sítios; Veneza, 1976

⁴⁶ AA.VV.; Carta sobre o Património construído Vernáculo; ICOMOS; Cidade do México 1999; Disponível Online In:

<http://www.patrimoniocultural.gov.pt/media/uploads/cc/cartasobrepatrimoniovernaculo1999.pdf> ; Consultado Online: 04 de junho de 2017, pág. 1.

Javier Gil⁴⁷ refere ainda que a arquitetura tradicional deve ser valorizada através da sua compreensão para a conservação e preservação da mesma, pois a sua autenticidade está conectada à sua condição de documento cultural, exigindo a coordenação de critérios arquitetónicos, geográficos, históricos e antropológicos.

Carlos Flores define a arquitetura popular como a arte e a técnica de projetar, construir e transformar o entorno vital desse grupo social que chamamos povo, sendo todo ele levado a cabo por indivíduos saídos do próprio grupo e considerando, incluído, que o conceito de arte se tornará mais como habilidade, acerto e adequação a um fim que em qualquer dos sentidos académicos e altissonantes.⁴⁸

Por seu lado, Paul Oliver afirma que não existem edifícios tradicionais nem arquitetura tradicional, mas sim edifícios que encarnam tradições⁴⁹. Ou seja, de um modo distinto dos anteriores vem afirmar que a arquitetura popular é constituída não só pela sua construção, mas sim pelo que esta facultará a quem dela usufrua.

Tendo em conta todas as relações que são concebidas à arquitetura vernacular, há características que sobressaem nesta em comparação com outros estilos arquitetónicos. O lugar, já referenciado, é um fator base para a implantação desta arquitetura. Os materiais são importantes e decisivos no resultado final, tanto da perspetiva popular como tradicional, para manterem o elo com as origens.

Deste modo, houve a necessidade de classificar a arquitetura vernacular em tipos e períodos, contudo este processo é complexo e quase inalcançável, dada a presença de casos mistos completados pela contemporaneidade, após o aparecimento e influência de conjuntos pré-industriais.

Marc-Antoine Laugier vem marcar a evolução arquitetónica ao querer implementar um novo caminho para a arquitetura vernacular/tradicional, tentando combater os antigos abrigos (cabanas) criados com meios que a natureza colocava à disposição do homem.

Assim, Laugier vem fabricar um novo tipo de abrigo em ramos e folhas, sendo composto por telhado inclinado (utilizado na arquitetura anteriormente), escoramento e entablamento, abrangendo neste as bases e argumentos da beleza e a verdadeira perfeição.⁵⁰

⁴⁷ Pérez Gil, J.; Qué es la Arquitectura vernácula?: Historia y concepto de un Patrimonio Cultural específico; Ed. Universidad de Valladolid; Valladolid, 2016,p.20

⁴⁸ Flores, C.; El carácter de la arquitectura popular. Tal como éramos, Revista del MOPU, nº334; 1986, pp.6-16

⁴⁹ Pérez Gil, J.; Qué es la Arquitectura vernácula?: Historia y concepto de un Patrimonio Cultural específico; Ed. Universidad de Valladolid; Valladolid, 2016,p.101

⁵⁰ Pérez Gil, J.; Qué es la Arquitectura vernácula?: Historia y concepto de un Patrimonio Cultural específico; Ed. Universidad de Valladolid; Valladolid, 2016, p.51

Também sinal de evolução e mudança é a cabana caribenha que contava com os elementos atribuídos à arquitetura antiga, sendo detentora de casa, plataforma, estrutura-telhado e cobertura.⁵¹

Já no séc. XVII a América do Norte concretiza avanços no que diz respeito à cabana e desenvolve a “Log Cabin”, ou Cabana de Troncos, mantendo em si e na sua construção a tradição e arquitetura popular local. Estas tinham como principal característica a planta única que rondava os 25m². Mais tarde desenvolveram-se para as “Log Houses”, que viriam a alargar a dimensão destas, bem como as suas funcionalidades.⁵²



Figura 19 - Exemplo de uma Log Cabin. Fonte: http://thelogbuilders.org/wp-content/uploads/2015/03/McMullen_Log_Cabin_hi.jpg

Estando a arquitetura vernacular associada ao pitoresco, Le Corbusier propõe aos estudantes de arquitetura que reivindiquem os modelos tradicionais e a sua valorização, utilizando-os como fonte de conhecimento sobre as necessidades e objetivos básicos e universais da arquitetura, ao invés de os imitarem.⁵³

Em 1904, inicia-se na Alemanha mais um movimento que fazia, não só, acelerar o desenvolvimento da arquitetura rural, mas também a transformação da urbe industrial para uma cidade jardim. É através de Schultze-Naumburg, um dos impulsionadores do movimento Heimatschutz, como é apelidado o movimento, que se cria também a comissão de proteção da arquitetura rural.

Este movimento é depreciado por alguns arquitetos e urbanistas, como é o caso de Adolf Loos, devido à probabilidade de regressão do desenvolvimento das cidades já em fase de industrialização. Loos vem criticar a comissão de proteção da arquitetura rural, pois não

⁵¹ Pérez Gil, J.; Qué es la Arquitectura vernácula?: Historia y concepto de un Patrimonio Cultural específico; Ed. Universidad de Valladolid; Valladolid, 2016,p.54

⁵² Pérez Gil, J.; Qué es la Arquitectura vernácula?: Historia y concepto de un Patrimonio Cultural específico; Ed. Universidad de Valladolid; Valladolid, 2016,pp. 63-64

⁵³ Le Corbusier; Mensaje a los estudiantes de Arquitectura, Buenos Aires 2001 s/ed. pp.39-43

bastava preservar e renovar a arquitetura rural partindo de motivos ecológicos, levando ao desenvolvimento de uma arquitetura pouco original, popularista e a um falso pitoresco. Isto, na sua opinião, levaria as cidades grandes a tornarem-se em pequenas e as pequenas a convergirem a povos.⁵⁴

Distanciando-se da opinião de Loos, Torres Balbás defende o movimento alemão Heimatschutz levando-o a um nível mais exaustivo conceptualmente. Este propõe um movimento arquitetónico que não partisse do estudo dos edifícios monumentais, mas sim “também, e talvez com preferência dos modestíssimos que constituem essa arquitetura quotidiana, popular e anónima, que em cujas formas se vá perpetuando uma secular tradição, e na que podemos perceber melhor o espírito construtivo da nossa raça”.⁵⁵

É com o início do séc. XX que se começam a observar os primeiros impulsos e estudos sobre a arquitetura vernacular. A Europa continental é a primeira a mostrar interesse por esta área de estudo e construção. W. Johnson aposta que isto ocorreu por serem os que mantinham o seu património e legado em melhores condições de conservação.⁵⁶

Abordando a arquitetura como património, este é um fator que enaltece a autenticidade, a identidade, a ruralidade, a tradição e as origens da arquitetura. Isto é, o património é sobretudo tido como uma questão cultural, que deve ser entendida, antecedendo qualquer intervenção arquitetónica. Todavia, a arquitetura também pode e deverá ser vista como um meio cultural, tornando-se numa questão necessária e fundamental para o aproveitamento e conservação do património.⁵⁷ Contudo, nem sempre se teve em conta a especificidade da autenticidade de cada edifício, assim como a respetiva planificação da conservação deste património. Isto deve-se, sobretudo, à falta da categorização do património através de coordenadas coerentes e atuais, para que se assimile e se compreenda a sua preservação e continuidade.⁵⁸

⁵⁴ Loos, A.; El arte popular, Ornamento y delito y otros escritos, Barcelona 1972, s/ed. pp. 233-239

⁵⁵ Torres Balbás, L.; Mientras labran los sillares, Arquitectura(1918), Ed. COAM, Madrid 1996, p. 20

⁵⁶ Pérez Gil, J.; Qué es la Arquitectura vernácula?: Historia y concepto de un Patrimonio Cultural específico; Ed. Universidad de Valladolid; Valladolid, 2016, p.67

⁵⁷ Pérez Gil, J.; Qué es la Arquitectura vernácula?: Historia y concepto de un Patrimonio Cultural específico; Ed. Universidad de Valladolid; Valladolid, 2016, pp.12-13

⁵⁸ Lalana Soto, J. L.; Santos Ganges, L.; Las fronteras del patrimonio industrial, Ed. Llampara, nº2, 2009, pp.7-20

3.1. Na Beira, Portugal

Ao longo do subcapítulo precedente, constatou-se o que difere entre a arquitetura culta e a arquitetura vernacular. Respetivamente, a historicidade e teoria de uma contrasta com o caráter rural e popular da outra, que utiliza o senso comum e o conhecimento passado de geração em geração.

Deste modo, destaca-se a importância da preservação da identidade de um povo, região ou costume. Javier Cenicacelaya e José Baganha referem que o tema da arquitetura vernacular volta a ser foco e reconhecido como grande valor sociocultural⁵⁹, através das correntes culturais que revelam importância sobre essa mesma identidade.

No que diz respeito ao caso específico de Portugal, a arquitetura dita vernacular teve um momento crucial no seu desenvolvimento histórico, isto é, preservação do Estilo Nacional Português idealizado, na década de 40 do século XX, nos moldes do Estado Novo.⁶⁰

Assim, a arquitetura que se desenvolvia internacionalmente, o Estilo Internacional, teve distinta aceitação e utilização no solo luso

Fernando Távora, Francisco Keil do Amaral foram os dois mentores da criação da obra “Arquitetura Popular em Portugal”, sendo o segundo um dos arquitetos que estudou a região das Beiras. Neste inquérito podemos observar alguns modelos tipológicos espalhados pelo país nas diferentes regiões, tendo cada região o seu “modelo base”, focando-se no local e nas necessidades dos seus ocupantes.

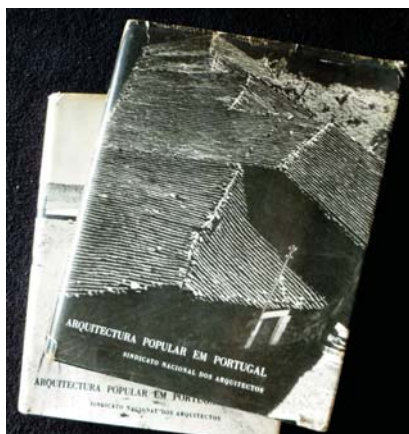


Figura 20 - 1ª Edição da Obra Arquitetura Popular em Portugal. Fonte: <https://ressabiator.wordpress.com/2013/05/27/arquitetura-popular-em-portugal-1961/>

⁵⁹ Cenicacelaya, Javier; BAGANHA, José; *Arquitetura Tradicional e Sustentabilidade*. Bilbao: Lisboa, 2004. [pdf]. Consultado online <http://www.jbaganha.com/pdf/pt/0201.pdf>. p.1.

⁶⁰ Ribeiro, Ana S. F.; *Património Vernacular Construído - O beiral, o espigueiro e a eira: formas, usos e contextos.*; Dissertação para obtenção do grau de mestre em História da Arte Portuguesa; Faculdade de Letras, Universidade do Porto; Portugal; Porto; 2016; Acedido online in: link; Acedido online: 15 de Junho de 2017; p.32

Nesta, o objetivo foi “evidenciar a importância das relações entre o homem e o seu meio - social, económico, e geográfico - na formulação das arquiteturas como sequência de processos de construir longamente depurados (...)”⁶¹.

O estilo Internacional que tentava entrar em Portugal, designado de Arquitetura Moderna, tinha como base as formas simples e universais, e podia ser construída em qualquer parte do mundo esquecendo o local onde esta se enquadraria. Este último fator, corroborava um dos princípios primordiais da arquitetura popular portuguesa, o respeito pelo lugar.

Portanto, ao longo da informação sobre a arquitetura vernacular, percebemos a dimensão que atualmente esta ocupa no âmbito da arquitetura contemporânea nacional, pela sua importância e influência, genuinidade, simplicidade, funcionalidade, autenticidade, originalidade, criatividade, registando o seu maior foco no norte português.

Este reconhecimento da arquitetura vernacular surge no século XIX e vem enfatizar o seu valor cultural. Este exaltamento, deveu-se também pelo fato de esta arquitetura ter sido, de certo modo, arcaica e estando limitada às capacidades do construtor.

Contudo, foram criadas outras formas de valorização da arquitetura tradicional. Por exemplo, a exposição *Architecture without architects*, em 1964, por Bernard Rudofsky, que tentava mostrar através de fotografias o contraste entre a arquitetura vernacular e a arquitetura modernista.

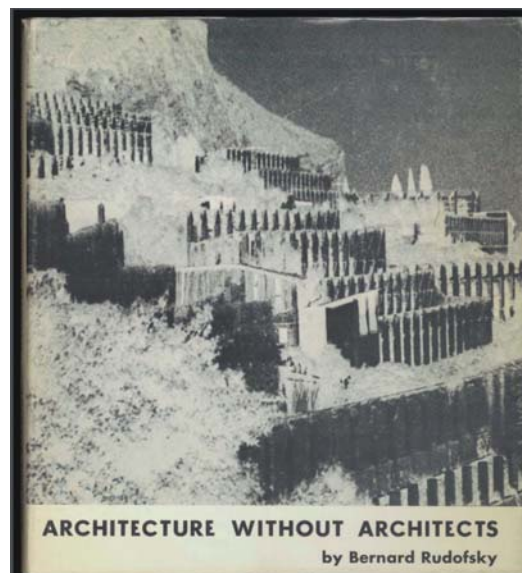


Figura 21 - Capa do livro acerca da exposição *Architecture Without Architects* de Bernard Rudofsky. Fonte:

https://www.moma.org/documents/moma_catalogue_3459_300062280.pdf

⁶¹ AA.VV.; *Arquitetura Popular em Portugal*; v. 1; Ed. Associação dos Arquitectos Portugueses; Lisboa 2004

Outra forma são documentos “como a Carta de Veneza sobre a Conservação e o Restauro dos Monumentos e Sítios, 1964, a Recomendação sobre a Salvaguarda da Cultura Tradicional e Popular, 1989 e a Carta del Património Vernáculo Construído, 1999”⁶²

Deste modo, centramos o estudo da arquitetura vernacular, ou popular, em Portugal na região das Beiras. Esta região é constituída pela Beira Alta, Beira Baixa e Beira Litoral.

Terras montanhosas no interior e planas quando nos dirigimos para o litoral, estas são especialmente rochosas, mas também consumidas por grandes aglomerados de vegetação.

Não sendo estas terras possuidoras de grandes industrias no passado, estes subsistiam através da agricultura, mas também da venda de objetos artesanais que ajudavam os agricultores, mais concretamente, *“os cestos, os cântaros, os tonéis e as dornas, os machados e as enxadas, os arados, as charruas, os carros de bois, e um grande número de objectos essenciais ao beirão”*⁶³.

Também a exploração mineira fez parte da vida de alguns habitantes, em maioria homens, e os mercados periódicos ajudavam ao desenvolvimento de alguns aglomerados urbanos.

Deste modo, podemos constatar que as populações destas regiões, de caris rural, foram construindo as suas casas sem uma estruturação dos povos, ordenamento urbanístico e territorial.⁶⁴

Nesta região, a arquitetura popular destaca-se das restantes regiões do país, não pelo Urbanismo, mas sim pelas várias características arquitetónicas que as habitações assumem na sua construção.

Na Beira Alta e na Beira Baixa, incluindo a Beira Central, domina a presença de construções em granito ou xisto, de dois pisos, com escadas exteriores e varandas alpendradas, onde as dependências se confundem entre as dos homens e as dos animais, bem como as alfaias. A ausência de chaminés é sentida nas áreas serranas e também nas áreas dos telhados de colmo, podendo dizer-se que *“a chaminé ainda não penetrou (...) o fumo sai pelas portas e janelas abertas, pois os orifícios que deixam entre a cobertura e a parede são insuficientes”*⁶⁵. Resumindo, *“a expressão geral dos edifícios é sóbria, rude, máscula, sem subtilezas, nem*

⁶² Ribeiro, Ana S. F.; Património Vernacular Construído - O beiral, o espigueiro e a eira: formas, usos e contextos.; Dissertação para obtenção do grau de mestre em História da Arte Portuguesa; Faculdade de Letras, Universidade do Porto; Portugal; Porto; 2016; Acedido online in: link; Acedido online: 15 de Junho de 2017; p.43

⁶³ AA.VV.; Arquitectura Popular em Portugal; v.2; Ed. Associação dos Arquitectos Portugueses; Lisboa 1988, p.8

⁶⁴ AA.VV.; Arquitectura Popular em Portugal; v.2; Ed. Associação dos Arquitectos Portugueses; Lisboa 1988, p.15

⁶⁵ Oliveira, Ernesto V.; Galhano, Fernando; Arquitectura Tradicional Portuguesa; Ed. Dom Quixote, Lda; Lisboa, 2003 5ª Edição, p.133

grandes voos de imaginação".⁶⁶ Assim, estas construções realizavam-se consoante os materiais que estavam disponíveis no próprio local, neste caso, construções de granito onde existia granito, de xisto onde abundava o xisto, e construção mista nas zonas de transição rochosa.⁶⁷ Quanto à cobertura das casas esta era feita através de telha de canudo, onde em algumas zonas era fabricava nos antigos fornos de barro, lajes de xisto e colmo, ressaltando assim uma intimidade e relação entre a paisagem e as casas.

A tipologia predominante na arquitetura beirã são as casas de dois pisos, sendo o acesso para o primeiro piso realizado pelo exterior. Devido às pequenas e poucas aberturas para o exterior, estas casas eram escuras e desconfortáveis.⁶⁸

Outra característica principal desta arquitetura são as varandas alpendradas, aumentando-as e protegendo-as quando a condição financeira da família o permitia.

Em norma, nos pátios existentes ou também designados como "eidos", estes prolongavam as lojas do rés-do-chão e arrumava-se aí a palha dos animais e também as estrumeiras se faziam ali.⁶⁹

Contudo, começaram a surgir desenvolvimentos. Na Beira Alta começou a pavimentar-se o chão e a rebocar ou caiar as paredes interiores. A cobertura, sustentada pelas paredes de pedra, sofre também alterações e é em colmo, material barato.⁷⁰

Também, em Vilar Formoso, as típicas varandas alpendradas, dão lugar a um banco de pedra à entrada da casa.⁷¹

No caso do Paúl, região da Beira Central, as casas aumentaram a sua tipologia de dois para três pisos. Desta forma, o primeiro piso é destinado ao gado e alfaias e os restantes à habitação, contendo em si uma escada interior de madeira. Aqui, as varandas são recolhidas, ou recuadas, e acompanhadas de madeira, alguns já com algum detalhe.⁷²

Através desta informação percebemos que com o correr dos anos a ruralidade não se mantinha "tosca" e "provinciana" e começava a dar os primeiros passos no desenvolvimento estético e funcional da casa com conforto.

AA.VV.; *Arquitectura Popular em Portugal*; v.2; Ed. Associação dos Arquitectos Portugueses; Lisboa 1988, p.25

⁶⁷ AA.VV.; *Arquitectura Popular em Portugal*; v.2; Ed. Associação dos Arquitectos Portugueses; Lisboa 1988, p.15

⁶⁸ AA.VV.; *Arquitectura Popular em Portugal*; v.2; Ed. Associação dos Arquitectos Portugueses; Lisboa 1988, p.15

⁶⁹ AA.VV.; *Arquitectura Popular em Portugal*; v.2; Ed. Associação dos Arquitectos Portugueses; Lisboa 1988, p.16

⁷⁰ AA.VV.; *Arquitectura Popular em Portugal*; v.2; Ed. Associação dos Arquitectos Portugueses; Lisboa 1988, p.31

⁷¹ AA.VV.; *Arquitectura Popular em Portugal*; v.2; Ed. Associação dos Arquitectos Portugueses; Lisboa 1988, p.32

⁷² AA.VV.; *Arquitectura Popular em Portugal*; v.2; Ed. Associação dos Arquitectos Portugueses; Lisboa 1988, p.34

Na Beira Baixa outras características aparecem e fazem notar-se e distinguir-se na Beira Central ou Alta. Estas características, denotam-se sobretudo pelo interior atraente das casas. Portanto, tendo em conta estas características foi criado um mapa tipológico de cada zona estudada para que melhor se percebesse cada modelo.

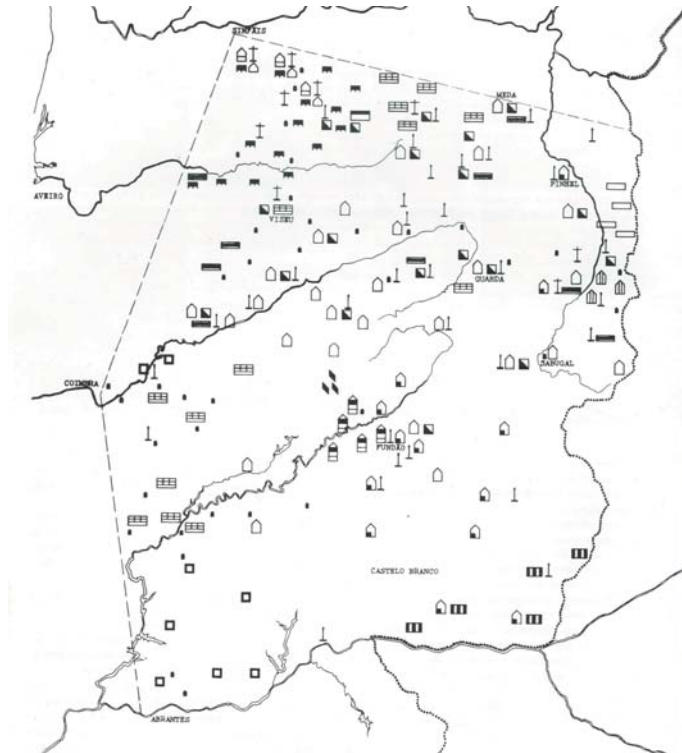


Figura 22 - Mapa Tipológico da arquitetura popular portuguesa, da região das beiras. Fonte: Arquitectura Popular em Portugal

Observando todas as perspetivas desta arquitetura, seja em Portugal, seja no mundo, a arquitetura Vernacular deve ser preservada através da “dinamização, reutilização, incorporação e devolução às comunidades onde pertencem”⁷³, nunca esquecendo o lugar e identidade onde se situam.

Yves Champetier refere, citado por Ana Ribeiro, “*quer seja natural ou cultural, paisagístico ou arquitectónico, histórico ou artístico, o rico património dos territórios rurais europeus representa, efectivamente, um recurso a valorizar e a colocar ao serviço de um novo desenvolvimento*”.⁷⁴

⁷³ Ribeiro, Ana S. F.; Património Vernacular Construído - O beiral, o espigueiro e a eira: formas, usos e contextos.; Dissertação para obtenção do grau de mestre em História da Arte Portuguesa; Faculdade de Letras, Universidade do Porto; Portugal; Porto; 2016; Acedido online in: link; Acedido online: 15 de Junho de 2017; p.46

⁷⁴ Ribeiro, Ana S. F.; Património Vernacular Construído - O beiral, o espigueiro e a eira: formas, usos e contextos.; Dissertação para obtenção do grau de mestre em História da Arte Portuguesa; Faculdade de Letras, Universidade do Porto; Portugal; Porto; 2016; Acedido online in: link; Acedido online: 15 de Junho de 2017; p.46

4. TEIXOSO: CONTEXTUALIZAÇÃO

A cidade da Covilhã integra-se na Região Centro de Portugal, sub-região da Cova da Beira, no Distrito de Castelo Branco. Situada a uma altitude de 700 m, o seu território estende-se por uma área de 555,6 Km² com uma população a rondar os 51.800 habitantes⁷⁵. Situada na encosta da Serra da Estrela, voltada a Nascente, esta é composta por 21 freguesias de acordo com a Lei n.º19/2013, de 28/03,⁷⁶ e é considerado o centro urbano mais importante desta zona, tendo-se tornado num exemplo de cidade montanha.

O Teixoso situa-se a 5,4 Km da Covilhã, sede de Concelho, e tem-se desenvolvido ao longo dos anos, tendo inseridas em si mais quatro anexas (aldeias inerentes à vila), Atalaia, Borralhaeira, Gibraltar e Terlamonte⁷⁷, fazendo desta a segunda maior freguesia do concelho em que se insere.

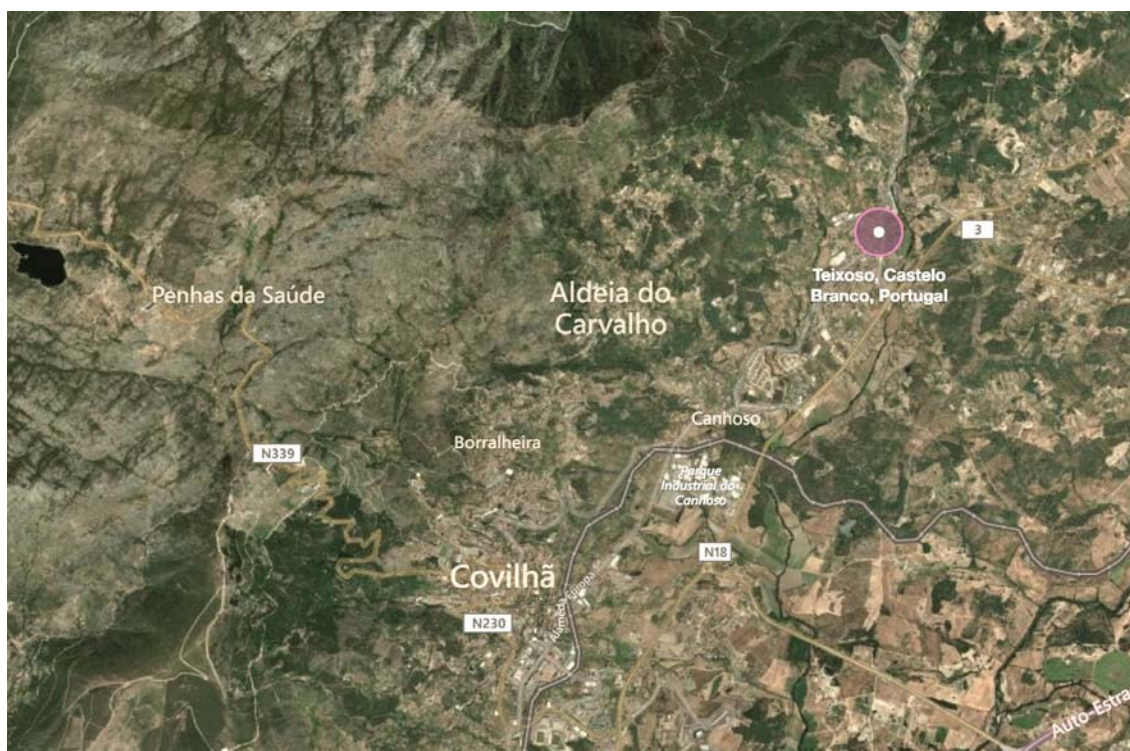


Figura 23 - Vista aérea sobre a Freguesia do Teixoso. Fonte: <https://www.bing.com/maps>

⁷⁵ Freguesias, Território; Acessível Online in: <http://www.cm-covilha.pt/?cix=821&tab=792&curr=813&lang=1>; Consultado Online: 07 de março de 2017

⁷⁶ Reorganização Administrativa do Território das Freguesias; Acessível Online: http://www.pgdlisboa.pt/leis/lei_mostra_articulado.php?nid=2114&tabela=leis&so_miolo; Consultado Online: 07 de março de 2017

⁷⁷ Campos, A. P. C.; “Habitação Social no Concelho da Covilhã - Inclusão ou Exclusão?”; Dissertação para obtenção do grau de mestre em Sociologia: Exclusões e Políticas Sociais; Universidade da Beira Interior; Covilhã 2013, p.53

4.1. Enquadramento Histórico, Social e Demográfico

O nascimento da Vila do Teixoso, apesar da existência de diminuta informação relativa à sua história, conforme é documentado por elementos, sem autor e sem data fornecidos pela Junta de Freguesia do Teixoso, foram “seus primeiros povoadores, D. Soeiro Raimundes, D. Ponço ou Pêro Esteves (...) nos inícios do século XIII, ou finais do século XII, após ter sido dado foral à Covilhã.”⁷⁸

Deste modo, os aproximadamente 800 anos de história são retratados através das inquirições arquivadas na Torre do Tombo. As primeiras remontam a 1314, contudo é em 1396 que é demonstrada a importância que a freguesia assumia como terras da coroa⁷⁹.

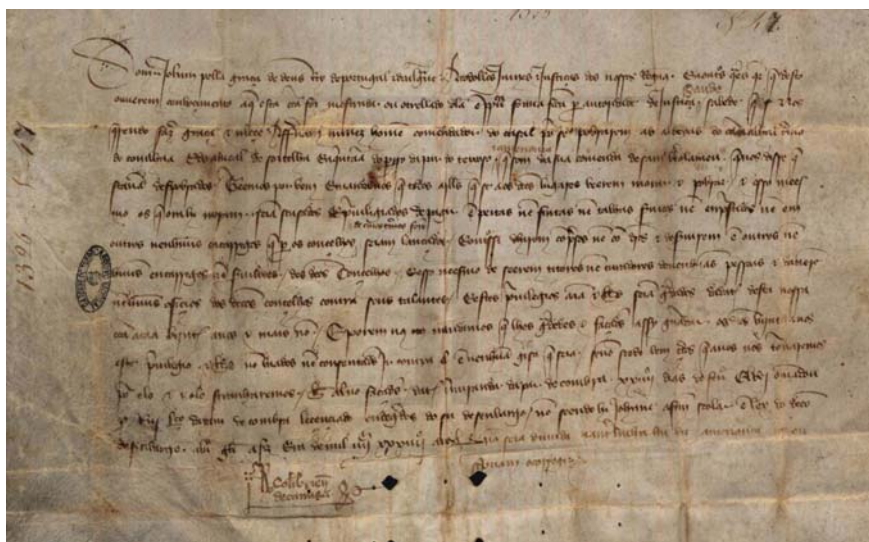


Figura 24 - Arquivos sobre as primeiras inquirições do Teixoso. Fonte: <http://digitarq.arquivos.pt/viewer?id=4640893>

É com Infante D. Henrique, tornado Senhor da Covilhã no século XV, que o Teixoso dilata o seu prestígio e importância, pois este passa a ter em sua posse as terras do Teixo. Com a morte de D. Henrique é o seu sobrinho, Infante D. Fernando, a herdar o senhorio da Covilhã, e denotando a importância destas terras instala uma ferraria no Teixoso, perdurando por vários séculos.

No fim do século XV, são muitos os Judeus que se fixaram na vila após terem sido expulsos de Castela em 1492⁸⁰ e contribuíram, de forma importante, para o seu desenvolvimento económico e social.

⁷⁸ Martins, G., Neves, M. e Carrola, F.; Vidas... no Teixoso, Reflexo de memórias reconstruídas, Ed. Marques & Pereira, Guarda 2009, p.13

⁷⁹ Martins, G., Neves, M. e Carrola, F.; Vidas... no Teixoso, Reflexo de memórias reconstruídas, Ed. Marques & Pereira, Guarda 2009, p.13

⁸⁰ Martins, G., Neves, M. e Carrola, F.; Vidas... no Teixoso, Reflexo de memórias reconstruídas, Ed. Marques & Pereira, Guarda 2009, p.14

Já no século XVII “são vários os teixosenses que saem para as regiões ultramarinas” e também para as guerras da restauração.

Tendo em conta toda a contextualização histórica do Teixoso, é em pleno século XIX, mais propriamente em 1891⁸¹ que é criado o baronato do Teixoso sendo o seu primeiro barão D. José Ferreira de Pina Calado e em 1928⁸² Teixoso vê decretado pelo governador civil do distrito de Castelo Branco, a sua elevação a categoria de vila. A partir desta data todo o desenvolvimento é tido como um dos mais importantes do concelho da Covilhã, tendo sido por alguns anos a segunda maior freguesia deste.

Atualmente, após a reforma administrativa nacional, designa-se por União de Freguesias Teixoso e Sarzedo e tem uma população de aproximadamente 4490, dados do Diagnóstico Social de 2012 da Covilhã⁸³.

A estratificação social do Teixoso era de certa forma dispersa, repartindo-se em três grupos: a aristocracia agrária, os comerciantes e os trabalhadores rurais, incluindo nestes os que teciam nas suas próprias casas. Desta forma, o primeiro estrato social obtinha grande influência sobre o povo criando durante muitos anos uma divisão na população, entre os “do cimo” e os “do fundo” do povo. Os “do cimo” apoiavam o Barão e a sua respetiva família, os Pina Calado, e os “do fundo” apoiavam os a família dos Bernardos, segundo informação cedida pela Junta de Freguesia.

Segundo o conhecimento popular, haveria uma “fronteira” e a partir de uma certa hora da noite nem os “do fundo” podiam passar para o cimo, nem os “do cimo” do povo podiam passar para o fundo. Estas rivalidades terminaram quando a filha do Barão se casou com um dos Bernardos, pondo fim às guerras entre estas famílias que influenciavam o quotidiano dos teixosenses.

Tendo por base de estudo os dados fornecidos pelos Censos de 2011⁸⁴, últimos dados recolhidos até à data, pode observar-se que o interior e centro de Portugal continuam em constante desertificação, sendo cada vez mais presente uma população envelhecida por obrigação da migração da população jovem. Por conseguinte, denota-se uma melhoria desta mesma zona

⁸¹ Martins, G., Neves, M. e Carrola, F.; Vidas... no Teixoso, Reflexo de memórias reconstruídas, Ed. Marques & Pereira, Guarda 2009, p.14

⁸² Martins, G., Neves, M. e Carrola, F.; Vidas... no Teixoso, Reflexo de memórias reconstruídas, Ed. Marques & Pereira, Guarda 2009, p.11

⁸³ Rede Social da Covilhã; Diagnóstico Social, Conselho Local de Acção Social da Covilhã; disponível online in: <http://download.cm-covilha.pt/pdf/2011RedeSocialPlanoAcao.pdf>; Consultado Online em 02 de março de 2017

⁸⁴ Censos 2011; Disponível Online: http://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpid=CENSOS&xpgid=ine_censos_publicacao_det&contexto=pu&PUBLICACOESpub_boui=73212469&PUBLICACOESmodo=2&selTab=tab1&pcensos=61969554; Consultado Online: 24 de Março de 2017

com o passar dos anos, o que nos leva a observar uma igualdade familiar, económica, social e cultural que se começa a equiparar. Isto verifica-se, por exemplo, pelas famílias clássicas, pelas

1.02 POPULAÇÃO RESIDENTE EM 2001 E 2011, SEGUNDO OS GRUPOS ETÁRIOS E SUA EVOLUÇÃO ENTRE 2001 E 2011

ZONA GEOGRÁFICA	População residente												
	Em 2001						Em 2011						
	Total		Grupos etários				Total		Grupos etários				
	HM	H	0 - 14	15 - 24	25 - 64	65 ou mais	HM	H	0 - 14	15 - 24	25 - 64	65 ou mais	
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	
Portugal	10 366 117	5 000 141	1 856 602	1 479 587	5 526 435	1 693 493	10 562 178	5 046 600	1 572 329	1 147 315	5 832 470	2 010 064	
Continente	9 869 343	4 765 444	1 557 934	1 399 635	5 283 178	1 628 596	10 047 621	4 798 798	1 484 120	1 079 493	5 546 220	1 937 788	
Norte	3 687 293	1 782 931	644 948	558 278	1 969 309	514 758	3 689 682	1 766 260	557 233	425 876	2 075 134	631 439	
Centro	2 348 397	1 131 819	352 388	322 118	1 217 213	466 678	2 327 755	1 111 263	319 258	239 248	1 247 499	521 750	
Lisboa	2 661 850	1 275 659	396 221	366 806	1 488 777	410 046	2 821 876	1 334 605	437 881	295 043	1 575 110	513 842	
Alentejo	776 585	379 310	106 645	100 507	395 932	173 501	757 302	366 739	102 774	73 753	397 787	182 988	
Algarve	395 218	195 725	57 732	51 926	211 947	73 613	451 006	219 931	66 974	45 573	250 890	87 769	
Região Autónoma dos Açores	241 763	119 486	51 767	41 092	117 585	31 319	246 772	121 534	44 197	34 731	135 466	32 378	
Região Autónoma da Madeira	245 011	115 211	46 901	38 860	125 672	33 578	267 785	126 268	44 012	33 091	150 784	39 898	

Figura 25 - Imagem representativa com números sobre a desertificação do interior de Portugal. Fonte: http://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpid=CENSOS&xpgid=ine_censos_publicacao_det&contexto=pu&PUBLICACOESpub_boui=73212469&PUBLICACOESmodo=2&selTab=tab1&pcensos=61969554

famílias requerentes de apoios institucionais e os sem-abrigo, em que na zona centro, é quase nula a presença de pessoas sem-abrigo e mínimas as famílias requerentes de apoio, quer seja da habitação social quer de apoios financeiros, sendo a maioria das famílias uniformizadas, clássicas e independentes.

Com o passar dos anos houve hábitos e costumes que se modelaram aos tempos, contudo mantém-se ainda nos dias de hoje contos, lendas e as origens destas gentes. Podemos começar, por exemplo, pelo topónimo atribuído. Quanto a este, provém de uma espécie de árvores fortemente presente nestas terras, o Teixo, e ao longo dos tempos foi sendo reescrito nas inquirições, como Teixuso, Teixoso, ou Carrapatelo⁸⁵, ao que hoje conhecemos de Teixoso.

Relativo ao Teixo, ou do latim *Teixus* e do nome científico latino *Taxus Baccata*, sabe-se que este predominava por terras serranas, sendo caracterizado como árvore de grande força e madeira de características duradouras. Assim, este era aproveitado principalmente para a construção das coronhas das armas, dando a alcunha de coronheiros às gentes desta terra.

Por conseguinte, constata-se que ainda na atualidade se sente o orgulho dos teixosenses ao contar e abordar estes temas das suas origens. Todavia, existem memórias que continuam presentes, mas em risco de desaparecimento. Ao longo dos anos esta vila viu ser edificado património, através da coroa, de famílias abastadas, ou até de ordens religiosas, que não passa despercebido, mas que se vai perdendo ao longo do tempo e ameaça ruína. Exemplo disso é, por exemplo, a Casa do Povo, a Casa dos Maia Campos, Capelas classificadas pelo antigo IPPAR, Instituto Português do Património Arquitetónico, (hoje DGPC, Direção Geral do Património

⁸⁵ AA.VV.; Teixoso, Sua História; documento inédito policopiado; Junta de Freguesia do Teixoso; s/d.

Cultural), Quinta de S. João, entre outros paradigmas de património existente, porém esquecido no tempo. Deste modo, apresentam-se vários tipos de património existente e valorizado pela população, de âmbitos tão distintos como a fé, a cultura, a arquitetura civil, entre outras.

No primeiro caso de estudo aborda-se o património religioso⁸⁶, pela grande representatividade que este tem para a população. Ao todo são cinco o número de edifícios religiosos situados no interior da freguesia. Assim sendo, a Igreja Matriz de Nossa Senhora do Ó ou Nossa Senhora dos Coros do século XVI e com distintos estilos arquitetónicos no seu interior, a Capela de Santo Cristo construída entre o século XVII e o século XVIII, tendo sido classificada pelo IPPAR em 2000/2001 como imóvel de interesse público, a Capela de Santo António com data de 1688, a Capela de São Salvador, ou como era denominada no século XVIII Ermida do Salvador do Mundo, com data de edificação para o século XV ou XVI. Por fim, a Capela de Nossa Senhora dos Verdes datada em 1758 associada à lenda da Sr^a dos Verdes, protetora e padroeira dos agricultores e da agricultura.

Existem ainda elementos religiosos com carácter importante ligados a festividades ou devoções religiosas como por exemplo o Cruzeiro de São Marcos do século XVI ou XVII que apresenta esculpidos em pedra os instrumentos da Paixão de Cristo. Acrescenta-se também o nicho da Senhora das Necessidades utilizada pelas parturientes daqueles tempos para propiciarem o sucesso aos seus trabalhos e os Passos construídos em pedra que completam a Via Sacra realizada na quaresma.

Outros são os exemplos da arquitetura civil salientando-se a Casa dos Bernardos, família abonada e com grandes posses que, a título de empréstimo, legou ao Teixoso alguns edifícios notáveis, como o centro cultural e a redação do Jornal Cultural do Teixoso no edifício em plena Praça de Portugal, ou mais conhecida como adro. Também a casa de Manuel de Almeida, posteriormente designada de Casa do Povo, se destinou ao longo dos tempos a servir a população teixosense, tendo sido Posto Médico, Casa do Povo, Grupo desportivo do Teixoso, e por último a sede da Junta de Freguesia do Teixoso, estando hoje em completa decadência pela falta de manutenção e atenção.

É igualmente abordado e lembrado pela população a existência de outros grupos que cultivavam a cultura destas terras promovidas principalmente pelas duas grandes famílias do Teixoso, a dos Bernardos e a dos Pina Calado. Exemplo é o Rancho “As Arraianas”, a Banda Nova do Barão, a Banda Velha dos Bernardos, o Grupo de Música Erudita que muitas vezes

⁸⁶ Martins, G., Neves, M. e Carrola, F.; Vidas... no Teixoso, Reflexo de memórias reconstruídas, Ed. Marques & Pereira, Guarda 2009, pp.21-27

atuavam em pleno adro, mais precisamente no coreto que ali existia, sendo retirado anos depois com a reestruturação da praça principal do Teixoso.

Contudo ainda são visíveis casas que se mantêm como privadas passando de gerações em gerações. A casa dos Maia Campos ou a casa dos Viena, mas também a Casa dos Sá Pessoa ou a casa dos Pina Calado, ou ainda a quinta de S. João, tornaram-se exemplos arquitetónicos e históricos para quem ali vive.



Figura 26 - 1: Banda Velha dos Bernardos; 2: Grupo de Música erudita; 3: Banda Nova do Barão. Fonte: Vidas... no Teixoso, Reflexo de memórias reconstruídas.

Esta vila vê também incluído em si vários exemplos fontanários, todos após o século XVIII. Deste modo, observa-se a fonte do “cimo”, das mais antigas e que dava a água mais pura e fresca (segundo os populares), a fonte do “fundo” alterada várias vezes de local era principalmente utilizada pelas lavadeiras para a lavagem de roupa ou como fonte de mergulho, a fonte da quelha e a fonte “nova” por ser a última fonte construída ainda no período do Estado Novo, ou seja, por ser uma fonte nova no Teixoso. De entre estes exemplos, há outros ainda dispersos pela freguesia que foram sendo movidas do seu local original ou simplesmente são fontanários criados por necessidade da população. Como exemplo de alteração de local temos o chafariz da Senhora dos Verdes, situando-se agora junto ao adro, e por necessidade da população temos a fonte da rua conselheiro Pina Calado.



Figura 27 - Lavadeiras na Fonte do Fundo. Fonte: Vidas... no Teixoso, Reflexo de memórias reconstruídas.

Embora todos estes modelos arquitetónicos sejam importantes e sejam eles quem mais impera importância, também as tradições representam grande importância nas origens dos “Coronheiros”. Algumas são ainda atualmente postas em prática, realizando-se dentro dos moldes antigos, continuando a levar consigo multidões, contudo houve outras que se perderam no tempo.

“Os Quadros Vivos” é uma referência obrigatória do património cultural da vila que se aborda constantemente pelas suas ruas estreitas. Esta tradição consistia numa obra de teatro popular de Gil Vicente consistindo na “exibição de figuras humanas que representavam mártires, santos ou diabos,”. Estas cenas desenrolavam-se sobre um palco redondo e uma das coisas que o tornava especial e invulgar era o modo como era apresentado. Em mímica e gestos, os atores simplesmente se moviam sem emitindo qualquer tipo de som.

Outras tradições que eram realizadas e ainda hoje se preservam são a fogueira de Natal, mais conhecida como Madeiro, que se realiza depois da Missa do Galo e que junta centenas de pessoas no adro. Esta era realizada pelos rapazes que entravam na idade adulta ou, em tempos mais longínquos, por todos os homens que se juntavam na fogueira. A lenha era roubada ou dada e era benzida e acesa depois da missa do galo pelo prior da vila. Diz-se que as famílias mais ricas e também os que viviam mais próximos do adro da Igreja Matriz no dia 25 de dezembro pela manhã iam buscar as brasas para atear as suas braseiras.

Sendo esta uma comunidade fortemente marcada pela presença da religião católica, também existem romarias ou procissões com forte importância para a vila. Por exemplo, a Romaria de Nossa Senhora do Carmo, com início no século XX e sendo uma das maiores da região, e ainda o Regrar dos Passos. Esta última entende-se como uma manifestação leiga dos mártires de Jesus Cristo no 4º domingo antes da Páscoa, tendo início no século XVI.



Figura 28 - Romaria de Nossa Senhora do Carmo. . Fonte: Vidas... no Teixoso, Reflexo de memórias reconstruídas.

4.2. *Taxus Baccata* - Teixo, sui generis

O *Taxus Baccata* surgiu há 2 milhões de anos em florestas subtropicais e oceânicas, contudo nos últimos 4000 anos as suas populações diminuíram significativamente em vários aspetos na Europa⁸⁷. Esta árvore, mais conhecida como Teixo, representa tanto a morte como também a vida eterna. A morte pela sua característica tóxica, taxol, e a vida eterna por ser de folha sempre verde.

Thomas e Polwart referem num artigo do *Journal of Ecology* que “O teixo é, provavelmente, também das espécies de árvores mais tolerantes à sombra da Europa, podendo, no entanto, suportar a exposição total ao sol”⁸⁸, daí referir-se a sua dualidade conceptual da vida.

O aparecimento do *Taxus* remonta ao período interglacial Holstein, há mais de 300.000 anos, pelo que refere Watts⁸⁹. A sua madeira dura e elástica fez com que se tornasse um grande produto de exportação, por exemplo, na Europa, Áustria, Reino Unido, Baviera, entre outros. Esta madeira era utilizada em grande parte na construção de arcos, mas, desde o renascimento, também como espécie ornamental de jardins, uma vez que esta também se adapta muito bem à poda. A nível mundial pode observar-se a larga distribuição desta espécie, contudo uma das características prende-se pela forma como esta se desenvolve, ou seja, em pequenos núcleos.

O Teixo desenvolveu-se na primeiramente em florestas subtropicais e temperadas oceânicas, alastrando-se mais tarde para a Europa, estendendo-se ao norte e sul de África, sendo o clima oceânico o indicado para a sua propagação. Enquanto que na região do mediterrânico está restrita às montanhas mais altas⁹⁰, como é o caso da Serra da Estrela e Gerês.

Preferencialmente, os bosques de teixo são típicos das margens de rios, ou mais genericamente de cursos de água, montanhosos. Esta é uma das árvores de crescimento mais lento e com maior longevidade atingida pela flora europeia, ultrapassando a durabilidade de 2000 anos e atingindo a sua maturidade aos 30-35 anos em casos de árvores isoladas e 70-120 anos em casos de florestação⁹¹. O *Taxus* contém género, masculino e feminino, estando visível a sua diferença na produção ou não do fruto, sendo o género feminino produtor do fruto.

⁸⁷ Dovčiak M.; Population dynamics of the endangered common yew (*Taxus Baccata* L.) and its management implications for biosphere reserves of the western Carpathians; Report for UNESCO MAB program; Paris 2003

⁸⁸ Thomas PA & A Polwart 2003. Biological Flora of the British Isles *Taxus baccata* L., *Journal of Ecology* 91: 489-524.

⁸⁹ ASE; Existe futuro para o *Taxus baccata* na Serra da Estrela; Ed. Zimbro, Portugal: Manteigas, 2013; p.13

⁹⁰ Tutin TG, Heywood VH, Burges NA, Moore DM, Valentine DH, Walters SM & Webb DA (Eds). *Flora Europaea* I. Lycopodiaceae-Platanaceae, 1964, Cambridge: Cambridge University Press.

⁹¹ Forner, N.; LIFE TAXUS - Um projeto para a Conservação de Boquetes de Teixo; Documento inédito policopiado; Setúbal 2015

Relativamente à toxicidade do teixo, esta foi objeto de estudo na mitologia grega. Artemis, a deusa da caça, mata as filhas de Niobe com flechas envenenadas com taxol, característica tóxica do teixo. Já os Celtas também usavam esta substância nas suas flechas.⁹²

Atualmente, esta árvore, embora com propriedades tóxicas para o homem e animais, é protegida por decretos-lei devido aos agentes anticancerígenos que o seu fruto/baga possui.

O *Taxus* veio legar vários topónimos pelo mundo. Em Portugal, mais propriamente em terras da Serra da Estrela, alguns dos topónimos existentes são Teixoso, Covão do Teixo, Fragão do Poio do Teixo e Teixeira⁹³.



Figura 29 - Árvore Teixo, na Quinta de São João, Teixoso. Fonte: Imagem do autor.

Deste modo, em Portugal ainda podem ser encontrados alguns núcleos de população de Teixos ao longo de margens de rios. Na região citada anteriormente, Serra da Estrela, podemos encontrar no Vale de Zêrere, Ribeiro da Barroqueira, Vale de Candeeira, Garganta de Loriga, Penha dos Abutres, Ribeira da Lagoa, Vale do Conde e Poço do Inferno.⁹⁴

Alguns fatores que podem ter levado ao desaparecimento do Teixo são a utilização desta madeira para a construção dos arcos ingleses na idade média e renascimento, exportação de madeira nos arquipélagos dos Açores e Madeira levando à extinção completa nestas áreas, através de incêndios florestais e das alterações climáticas, o corte ilegal por parte de entidades privadas e ainda o pastoreio intensivo.

⁹² ASE; Existe futuro para o *Taxus baccata* na Serra da Estrela; Ed. Zimbro, Portugal: Manteigas, 2013; p.24

⁹³ ASE; Existe futuro para o *Taxus baccata* na Serra da Estrela; Ed. Zimbro, Portugal: Manteigas, 2013; p.13

⁹⁴ Jansen J.; Guia geobotânico da Serra da Estrela; ICNB.; Lisboa 2002

Neste último caso, quanto ao pastoreio, como esta era uma árvore tóxica, os pastores destruíam-na intencionalmente para evitar o envenenamento dos animais.

Atualmente, devido ao forte e grande desaparecimento desta planta, principalmente em Portugal, prevê-se que se extinga na Serra da Estrela, e permaneça em número bastante reduzido na Serra do Gerês. Todavia, existem já grupos voluntários ou formais, por exemplo a Quercus ou a Life Taxus, que pretendem desenvolver ações que favoreçam a sua regeneração natural e ações de combate ao desaparecimento do Teixo. Assim, são promovidos vários projetos de sementeira ex-situ para que se possam desenvolver plantações em viveiro de forma controlada.

5. PROPOSTA DE ROTA CULTURAL: ROTA DO TEIXO

Uma rota devidamente estudada e aplicada promulga e ajuda ao desenvolvimento territorial e económico de uma região ou população.

São vários os elementos que podem gerar a criação de uma rota, independentemente da sua dinâmica, sejam turísticos ou culturais, contudo todas as rotas devem respeitar a identidade e autenticidade de um povo, costumes, tradições que caracterizam as populações daqueles lugares.

Após estudos de elementos que podem compor uma rota, e que observamos à sua existência na vila do Teixoso, analisam-se agora, com alguma profundidade, esses elementos anteriormente estudados.

5.1. Caso de Estudo: Arquitetura Vernacular no Teixoso

Com o decorrer dos anos, e face à antiguidade dos edifícios, são muitas vezes concretizadas práticas arquitetónicas de reabilitação, conferindo-lhes novos usos e, por conseguinte, novas aparências, resultando em variadas conjugações entre o vernacular, o tradicional e o contemporâneo.

Estes “jogos” originam da reabilitação e da reconversão, permitindo a conservação e restauro dos vários elementos arquitetónicos que constituem cada caso, mas também a tradição e identidade que ali se encontra. Neste caso, representa uma mais-valia para o edifício, envolvente (local) e proprietários.

No que diz respeito à reabilitação destes espaços, embora este método seja dos mais produtivos para a preservação, nem sempre é bem executado. Esta consequência ocorre quando *“qualquer pequena intervenção que não tenha em conta o edifício e os seus componentes estéticos, formais e ideológicos, poderá danificar ou prejudicar a sua leitura e, conseqüentemente, a sua interpretação. Isto acontece frequentemente na cobertura dos edifícios, onde comum telha de*

marselha é substituída pela telha de canudo, mais vulgar nas construções contemporâneas.”⁹⁵
Assim, segundo Ana Ribeiro: “*Superar a estrita função é, pois, uma condição fundamental para que as construções se transformem em obras de Arquitectura. Superá-la sem a obliterar, é óbvio. Dar aos elementos funcionais poder emotivo, mas sem para isso os mascarar ou lhes anular as razões de ser.*”⁹⁶

Deste modo, apresentam-se dez exemplos erigidos no Teixoso, mais precisamente, no percurso escolhido para o desenvolvimento da rota cultural a propor, identificados com características identitárias da arquitetura vernacular.

Além dos dez edifícios que foram identificados na rota e que se enquadram no panorama da arquitetura vernacular, é de fácil reconhecimento a multiplicidade de exemplos deste tipo de arquitetura que prevalece e se destacam ao longo da vila pelas características já mencionadas. Estes mantêm “*sui generis*” as características que os distinguem dos restantes edifícios em seu redor.

Para obter resultados mais precisos, foi criada uma ficha de identificação para cada edifício. Nesta ficha é apresentado o edifício e posteriormente estudado através de uma tabela, descrição e visualização de fotos do edifício.

Assim, tendo em conta os resultados do levantamento anexo a esta dissertação e cujo resultado sumário faz parte das fichas em anexo, a tipologia predominante é de dois pisos, obtendo 70% da percentagem, sendo os restantes 30% correspondentes à tipologia de três pisos.



Figura 30 - 1: Habitação tipológica de 2 pisos; 2: Habitação tipológica de 3 pisos. Fonte: Imagem elaborada pelo autor.

Quanto ao material de fachada e paredes exteriores nesta região pode encontrar-se o uso do granito e do xisto, contudo, na vila do Teixoso, somente se aplica o granito. Desta forma, 80%

⁹⁵ Ribeiro, Ana S. F.; Património Vernacular Construído - O beiral, o espigueiro e a eira: formas, usos e contextos.; Dissertação para obtenção do grau de mestre em História da Arte Portuguesa; Faculdade de Letras, Universidade do Porto; Portugal; Porto; 2016; Acedido online in: link; Acedido online: 15 de Junho de 2017; p.70

⁹⁶ AA.VV.; Arquitectura Popular em Portugal; v.1; Ed. Associação dos Arquitectos Portugueses; Lisboa 2004, p. 309

dos edifícios estudados mantém à vista a sua construção em granito, e os restantes 20% dizem respeito aos edifícios que foram intervencionados com reboco sobre o granito.

Quando se fala em intervenções construtivas, obras, as que mais se evidenciam são as da cobertura pela alteração do material utilizado. Assim, 60% dos casos em estudo mantêm a utilização da telha de canudo, mantendo as características iniciais da arquitetura vernacular, e a restante percentagem divide-se entre 30% no uso da telha luza e 10% na utilização de outro tipo de material, como por exemplo, painel sandwich.

Outra característica em estudo é a presença de varandas, ou falta dela em detrimento do banco de pedra. Inicialmente este tipo arquitetónico consistia na presença de varandas inicialmente recuadas e posteriormente alpendradas. Mais tarde começam a surgir varandas mais simples em consola, avançando sobre as ruas, e também os bancos de pedra, no exterior da fachada principal, que vieram substituir as varandas como espaço de estar.

Assim, 40% das casas analisadas apresentam varandas em consola, sendo 20% de varandas recuadas sobre a casa e um único caso de varanda alpendrada que por sua vez corresponde a 10%.

Deste modo, os restantes 30% desta percentagem reparte-se em 20% para o uso do banco de pedra e 10% para casas sem ambas as características, respetivamente varanda e banco.

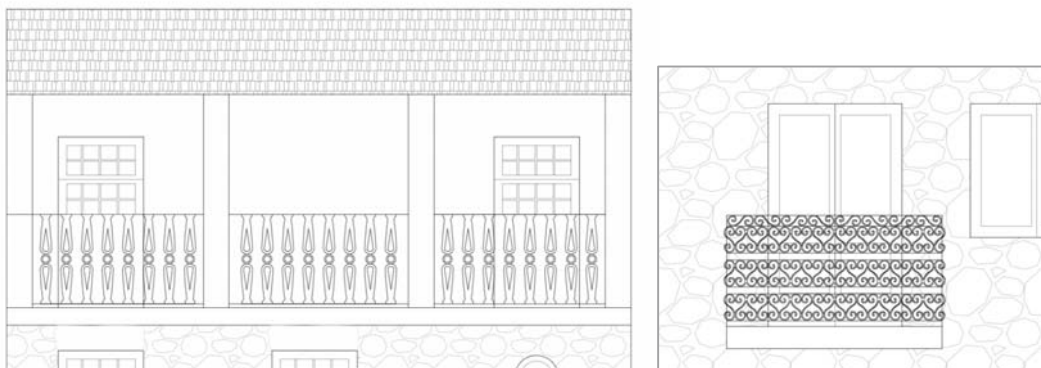


Figura 31 - Exemplos de varandas vernaculares: 1: Varanda alpendrada; 2: Varanda em consola.

Fonte: Imagem elaborada pelo autor.

Os acessos e o modo como estes fazem as ligações com interior dos edifícios são igualmente analisados. Deste modo é evidenciada uma percentagem igualmente equilibrada na qual 50% corresponde a casas que tem o seu acesso feito por uma escadaria exterior e os restantes 50% a casas cuja distribuição espacial se efetua através de uma escadaria interior.

Quando se observam estes exemplos, que se enquadram na arquitetura popular portuguesa da região das Beiras, constata-se que apenas alguns casos foram alvo de intervenção por parte dos proprietários, restando outro tanto que deveria ser submetido, pela urgência do estado de degradação em que se encontram.

Exemplo de uma boa intervenção é o edifício da rua Dr. Francisco Garrett (edifício nº 3 do anexo 3, p. 102) que foi alvo do restauro da sua fachada e balaustrada de madeira.

Contudo, também o tempo faz as suas intervenções sem pedir permissão. Exemplo disso é o edifício 9 que está ruína eminente, por falta de trato dos proprietários e de quem o tempo se vai apoderando.

Em suma, embora em pequena escala, é visível a presença de casos de arquitetura vernacular no percurso da rota que se propõe nesta dissertação,

5.2. Património local: Memórias de outros tempos

De entre o património destacado anteriormente, resolveu-se dar especial relevância a alguns destes pelo seu carácter no centro histórico da vila, por aspetos arquitetónicos que revelem a intemporalidade da mesma e pela importância que este tem para as suas gentes.

Deste modo, começamos por destacar os monumentos de carácter religioso. Partindo do centro da vila, encontramos a Igreja Matriz.

Esta, que tem como padroeira ou orago Nossa Senhora do Ó ou da Expectação, e o povo chama-a de Nossa Senhora dos Coros, teve o seu primeiro grande restauro em 1693. “A torre pertence à primeira construção da Igreja (séc. XVI), visto ter gárgulas, e, a própria cartela sobre a portada torre conter a data - (1593)”⁹⁷, ou seja, tudo anterior à data do restauro. Todavia, “o facto de as paredes da igreja serem de cantaria e as da sacristia serem de alvenaria, leva a crer não serem contemporâneas uma da outra”⁹⁸, o que poderá explicar a multiplicidade de estilos presentes tanto no exterior como no interior da igreja. Estes estilos encontram-se presentes no retábulo-mor, estilo Nacional caracterizado pela talha dourada, os dois laterais em estilo Joanino, podendo observar outros dois, um do Barroco e outro do Rococó, respetivamente no Retábulo do Batistério e o do Senhor dos Passos.

Logo ao seu lado, encontra-se o Santo Cristo. Restaurado em 1705 e classificado pelo Instituto Português do Património Arquitetónico, IPPAR, em 2000/2001.”No interior, foi nesta data colocada (1705) a magnífica cobertura em abóbada de berço, com 57 caixotes pintados,

⁹⁷ Martins, G., Neves, M. e Carrola, F.; Vidas... no Teixoso, Reflexo de memórias reconstruídas, Ed. Marques & Pereira, Guarda 2009, p. 21

⁹⁸ Martins, G., Neves, M. e Carrola, F.; Vidas... no Teixoso, Reflexo de memórias reconstruídas, Ed. Marques & Pereira, Guarda 2009, p. 21

representando a vida de Cristo. Também nas paredes foram colocados panos murários revestidos por painéis decorados”⁹⁹, pintados por Luís do Vale e Manuel Pereira de Brito.

Ainda na parte do Cimo do Povo encontramos a Capela de Sto. António, com características vernaculares que a fazem enquadrar no contexto rural do Teixoso. Com data de construção de 1688, o seu Interior é retratado pelo estilo Nacional, “no interior encontra-se um retábulo em talha dourada e policromada em estilo nacional¹⁰⁰. Ao seu lado encontra-se a Quinta de Sto.



Figura 32 - 1: Igreja Matriz do Teixoso; 2: Capela de Santo Cristo; 3: Capela de Santo António. Fonte: Imagem do autor.

António, casa de grandes dimensões em constante ruína, após um incêndio que a deixou somente com as paredes mestras de granito em pé.

Por outro lado, observamos alguns exemplos que dignificam a arquitetura civil no Teixoso. A casa do Povo, casa particular, tendo sido recentemente colocada propriedade da Junta de Freguesia local. Esta casa tem importância para a população devido às várias instituições e organizações que já recebeu nela, como por exemplo, Posto Médico, seguido de Casa do povo onde pretendia ser um balcão de apoio ao cidadão, Grupo Desportivo Teixosense sediado ali por vários anos de modo a que o clube conseguisse continuar a levar a cabo as suas tarefas desportivas, e, por fim, como Junta de Freguesia onde permaneceu durante alguns anos até ter sido mudada para o local onde se situa ainda hoje, um edifício mais recente e com melhores condições. Contudo, e sem utilização dada a este edifício foi degradando-se pelo tempo pela falta de manutenção das entidades competentes.

A Casa dos Bernardos, logo ao lado da Casa do Povo, da família que em tempos defendia o povo do fundo, albergou em si durante anos alguma cultura que se desenvolvia. Ali desenvolveu-se o Jornal Cultural do Teixoso e o Centro Cultural também ali esteve durante uns anos até ser extinguido. Albergava ainda, além de moradia, a banda Filarmónica dos Bernardos. Atualmente, reconstruída pelos proprietários, detêm em si visões dos tempos áureos do passado teixosense e de histórias que ali se desenrolavam, em plena praça principal do Teixoso.

⁹⁹ Martins, G., Neves, M. e Carrola, F.; Vidas... no Teixoso, Reflexo de memórias reconstruídas, Ed. Marques & Pereira, Guarda 2009, p. 22

¹⁰⁰ Martins, G., Neves, M. e Carrola, F.; Vidas... no Teixoso, Reflexo de memórias reconstruídas, Ed. Marques & Pereira, Guarda 2009, p. 22



Figura 33 - Casa dos Bernardos. Fonte: Imagem do autor.

Seguindo pela Rua Dr. Francisco Garrett, encontramos a casa dos Maia Campos, família abastada, detentora de uma casa inigualável no Teixoso, pela sua beleza, dimensão e importância, pois continha em si o Braço do Teixoso, que pode significar ali uma habitação do Barão do Teixoso, José Pina Calado. Contudo, este mandou edificar mais tarde a sua habitação principal numa rua paralela a esta, onde atualmente se encontra nesta casa a Fundação Anita Pina Calado, com um centro de dia, lar de idosos e ATL.



Figura 34 - Casa dos Maia Campos. Fonte: Imagem do autor.

Por último, damos conta da presença da Quinta de S. João. Esta quinta detém especial importância para o Teixoso, pois é detentora de um bem material classificado, o único Teixo, centenário, na vila do Teixoso.

Encarada em tempos como a joia da coroa do Teixoso a quinta de S. João pertenceu também a Barão do Teixoso, estando hoje à pertença de um particular, deixando que o seu estado de degradação seja profundamente triste para quem passa pela quinta. Mandada construir em 1816 pelo Capitão João Gregório Tinoco Vieira, avô da Baronesa Dona Adelaide Vieira Magalhães, a sua construção é tipicamente beirã, ou seja, dois pisos onde o primeiro é destinado a casa de ferramentas ou “loja” e o segundo piso como habitação. Além disto, “tinha uma capela própria, um relógio do sol, um tanque e um chafariz com espaldar emoldurado por

duas pilastras rematadas por pináculos piramidais (...) também famosa pelos seus jardins, com espécies raras para o tempo, e árvores hoje centenárias”¹⁰¹.



Figura 35 - Quinta de São João. Fonte: Imagem do autor.

Dá-se conta, também, de património espalhado pela vila que acaba por constituir a história desta freguesia pelas suas datas de construção e finalidade, religiosos ou não. Como exemplo temos os fontanários espalhados ao longo do Teixoso de diversas datações após o séc. XVII e que cada um tinha em si um uso comum, mas ao mesmo tempo práticas diferentes.

Por exemplo, o chafariz da Senhora dos Verdes, que hoje se situa junto à praça principal da vila, sendo transferida para aqui “quando o lugar onde estava na Senhora dos Verdes foi destinado à construção de prédios”. A fonte da Rua Conselheiro Pina Calado, a fonte do Largo da Praça, ou ainda a fonte da Quelha, que serviam de apoio às habitações com água potável e a Fonte do Cimo, que igualmente às duas anteriores, servia a população com a água mais pura e fresca da vila. Pode ver-se na Fonte do Cimo uma esfera armilar, embora desgastada pelo tempo.



Figura 36 - Fonte do Cimo.
Fonte: Imagem do autor

¹⁰¹ Martins, G., Neves, M. e Carrola, F.; Vidas... no Teixoso, Reflexo de memórias reconstruídas, Ed. Marques & Pereira, Guarda 2009, pp. 26-27

Outro exemplo patrimonial que se pode observar é o Cruzeiro de São Marcos. Este, também ele localizado anteriormente no adro de uma ermida, hoje desaparecida, mostra-nos esculpido na sua cruz em pedra os instrumentos da paixão de Cristo.

Com base no livro *Vidas...no Teixoso*¹⁰², “apresenta a forma de cruz latina e assenta numa estrutura piramidal constituída por três degraus”. Dos vários símbolos “o primeiro aqui representado é uma caveira na base da cruz” reportando-nos à lenda da semente colocada na caveira de Adão de onde nasceu a árvore de que foi feita a cruz de Cristo.

De seguida, vemos um círculo repartido em cinco partes iguais e, este que se repete por mais duas vezes nos extremos dos braços da cruz, “é a forma geométrica perfeita, simboliza por isso o corpo de Cristo (...) as cinco divisões representam as cinco chagas”. Se unirmos os três círculos através de linhas obtemos um triângulo invertido que representa Cristo crucificado ou também a Santíssima Trindade. Continuando a visualização, o próximo símbolo é um escudete de cinco pontos e um cravo na base que representam as cinco chagas e um dos três cravos com que Cristo foi pregado na cruz, estando os outros dois situados nos braços da cruz. Do lado direito o cravo faz-se acompanhar de um martelo e uma escada representando o momento em que Cristo foi colocado na cruz, e do lado esquerdo com uma turquês e uma escada que representa a retirada de Cristo da cruz. Subindo ao próximo símbolo olhamos a coluna onde Cristo foi preso e flagelado e, de seguida, o cálice representação do milagre dos sacramentos na Eucaristia. A lança e a esponja, cruzadas, na ponta de uma vara é o exemplo que se segue. A lança reporta o momento da lançada final sobre o flanco de Cristo e a esponja ao momento em que, para saciar a sede, é dada a esponja embebida em vinagre misturado com fel a Cristo, devido à altura elevada da cruz. E, por fim, a coroa de espinhos ao centro como sinal de esplendor e símbolo de santidade, e no topo do marco a cruz como símbolo maior do cristianismo, representando também a ressurreição de Cristo.



Figura 37 - Cruzeiro de São Marcos. Fonte: Imagem do autor.

¹⁰² Martins, Guida, Neves, Manuela, Carrola, Florbela; *Vidas... no Teixoso*, Reflexo de memórias reconstruídas, Ed. Marques & Pereira, Lda, Guarda 2009

5.3. Rota do Teixo

Para a estruturação e concretização da rota a propor na vila do Teixoso, definiu-se desde logo o seu conceito, o Teixo.

Sendo este o principal agente das origens desta terra, o conceito parte da desfragmentação desta árvore para a criação da rota. Ou seja, começando pela raiz e terminando nas folhas, ao longo do percurso são evidenciados fatores que nos remetem à árvore.

A rota proposta inicia-se pelo posto de turismo, local de informação e onde é indicada toda a informação da rota. Deste modo, pode entender-se que o posto de turismo é a raiz da rota. Com o desenvolvimento da rota dá-se cota do património e dos edifícios notáveis realçados, para além de outros equipamentos implementados ao longo da rota. Estes podem ser encarados como o tronco e os respetivos ramos do teixo, que nos levam a vários pontos de interesse.

O final da rota encontra-se num local que se entende como o auge da rota, as folhas. A Quinta de S. João onde se situa o único Teixo da região é o local onde termina o percurso traçado e que contará com um museu dedicado à história do Teixoso e do Teixo e ainda uma zona de cafetaria e com arranjos na zona exterior dos edifícios da quinta.

Deste modo, antes de se iniciar a criação da proposta foi necessário analisar o local. O itinerário escolhido para a rota foi selecionado com base em alguns pontos, tais como:

- Desertificação do Interior e forma de combate à mesma
- Envelhecimento populacional
- Centro / Casco histórico
- Proposta de delimitação da Área de Reabilitação Urbana do Teixoso de 2014
- Presença de elementos culturais, religiosos e sociais notáveis

Por conseguinte, houve a necessidade de se analisar o local a intervir. Estas análises vêm examinar toda a rota proposta e o que estiver contíguo a si mesma.

Assim, baseando-nos na zona a delimitar teve-se em conta a proposta de delimitação da área de reabilitação urbana do centro do Teixoso que se fixa no casco histórico e que contém em si a maioria dos pontos notáveis e de destaque da vila.

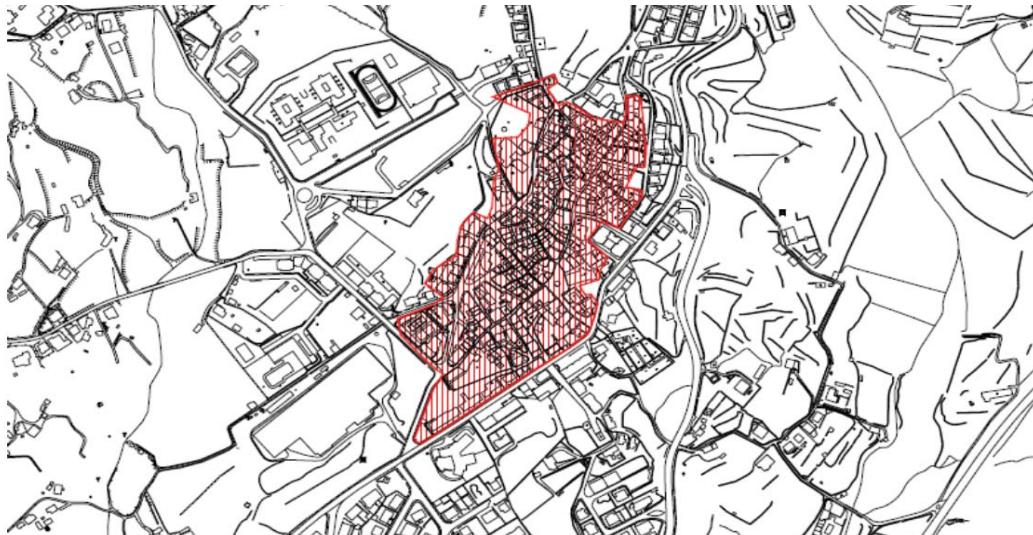


Figura 38 - Proposta de delimitação de Reabilitação Urbana do Teixoso de 2014

Numa primeira análise, decidiu-se estudar o número e a localização dos edifícios notáveis da vila, fontanários, bem como património religioso. Deste modo, surgem 7 edifícios que denotam maior atenção dos habitantes, sendo eles a Casa do Povo, a Casa dos Bernardos, a Casa dos Maia Campos e respetivamente à sua frente os lagares de vinho inseridos numa habitação, a quinta de Stº António, a casa da família Pina Calado e por fim a Quinta de Sº. João, antiga propriedade do Barão do Teixoso.

No total dos sete edifícios, destaca-se pela sua utilidade pública a casa dos Pina Calado, sendo hoje a fundação Anita Pina Calado com o uso de Lar de Idosos e ATL.

Salienta-se, pelo lado menos favorável, a ausência de intervenção e utilidade dos lagares no centro da vila, a quinta de Stº António e a quinta de Sº João, estando em ruína e ao abandono por parte dos seus proprietários.

Por fim, os três edifícios restantes situam-se no centro do Teixoso, sendo eles a Casa do Povo, a Casa dos Bernardos e a Casa dos Maia Campos que denotam importância à população pelo que outrora fizeram pelos teixosenses. Estes últimos, excluindo a Casa do Povo que é atualmente propriedade da União de Freguesias do Teixoso e Sarzedo, têm sofrido algum tratamento quer no seu interior, quer no seu exterior, destacando a conservação realizada pelos seus proprietários.

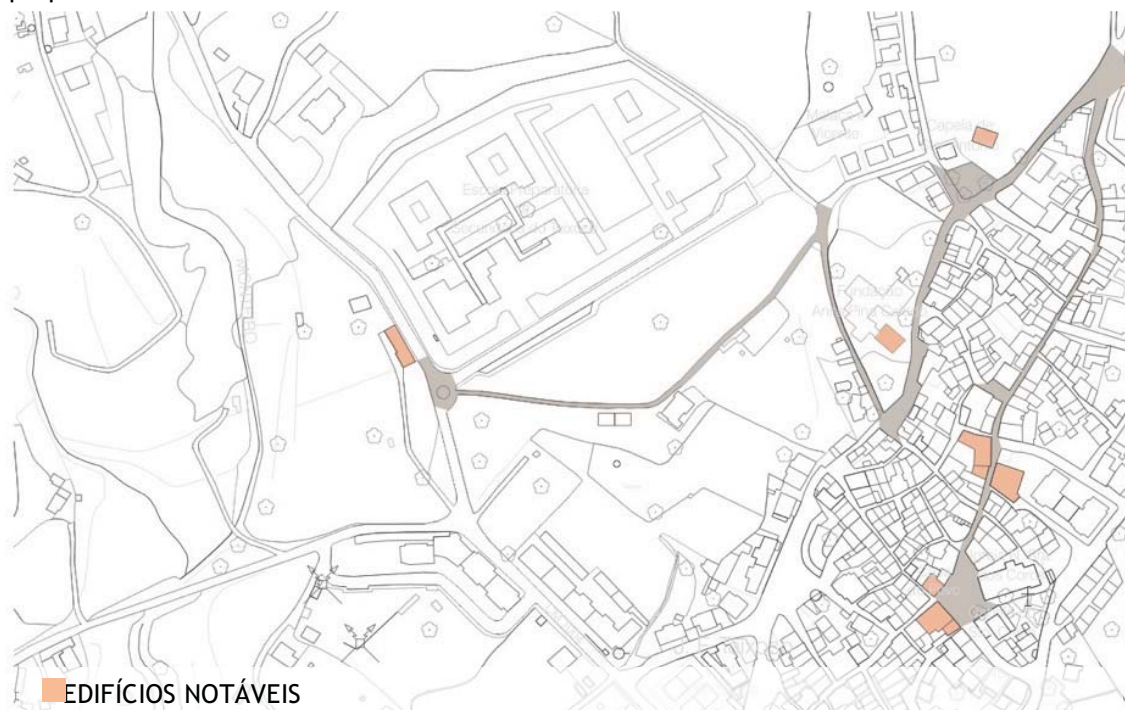


Figura 39 - Análise de edifícios notáveis do Teixoso. Fonte: Imagem do autor.

No que diz respeito ao património religioso, esta vila é bastante rica neste campo. Não só no itinerário selecionado para o efeito, mas em toda a vila, incluindo as aldeias anexas, é visível a quantidade legível de capelas, igrejas e outros monumentos dedicados a esta religião.

Deste modo, no percurso assinalado são sete os monumentos destacáveis. A Igreja Matriz representativa de vários estilos é de destaque, porém a multiplicidade de estilos que alberga dificulta a datação da construção original. A Capela de Santo Cristo é um edifício classificado pelo antigo IPPAR em 2001, como imóvel de interesse público (IIP) e é detentora de um rico património de caixotões em talha dourada. Destaca-se ainda a capela de Stº António, exemplo de arquitetura setecentista de cariz vernacular que a aproxima da ruralidade desta vila. Para além dos anteriormente referidos, existe ainda outro património de cariz religioso.

Deste, são exemplo os Passos utilizados na época quaresmal e que retratam e consagram a Via Sacra. Ao todo, dentro do percurso da rota proposta, encontram-se presentes três passos, sendo cinco no seu total. Também o cruzeiro de São Marcos é englobado neste universo de património religioso, tendo sido trasladados desde o seu local inicial. Localizava-se numa ermida atualmente inexistente e foi há pouco tempo novamente trasladado para alguns metros ao lado do local onde se encontrava (para facilitar o trânsito automóvel da via pública). Este marco está também incluído no património religioso da vila, retratando nele os instrumentos da Paixão de Cristo.



Figura 40 - Análise do Património Religioso. Fonte: Imagem do autor.

Quanto aos fontanários existentes, são cinco os que se inserem no itinerário a propor e salientam-se pelas histórias populares que os enobrecem e também pela sua alteração de local para fazer face às mudanças urbanísticas da vila com o passar dos tempos. Exemplo disto é o Chafariz de Nossa Sr^a dos Verdes, alterado para a construção de prédios no local onde se encontrava. Ainda a fonte do Cimo e a fonte da Quelha são das mais conhecidas pelas histórias populares que as rodeiam e por fim as duas bocas de água no centro da vila que tinham como fim servir a população com água fresca e potável às suas necessidades.

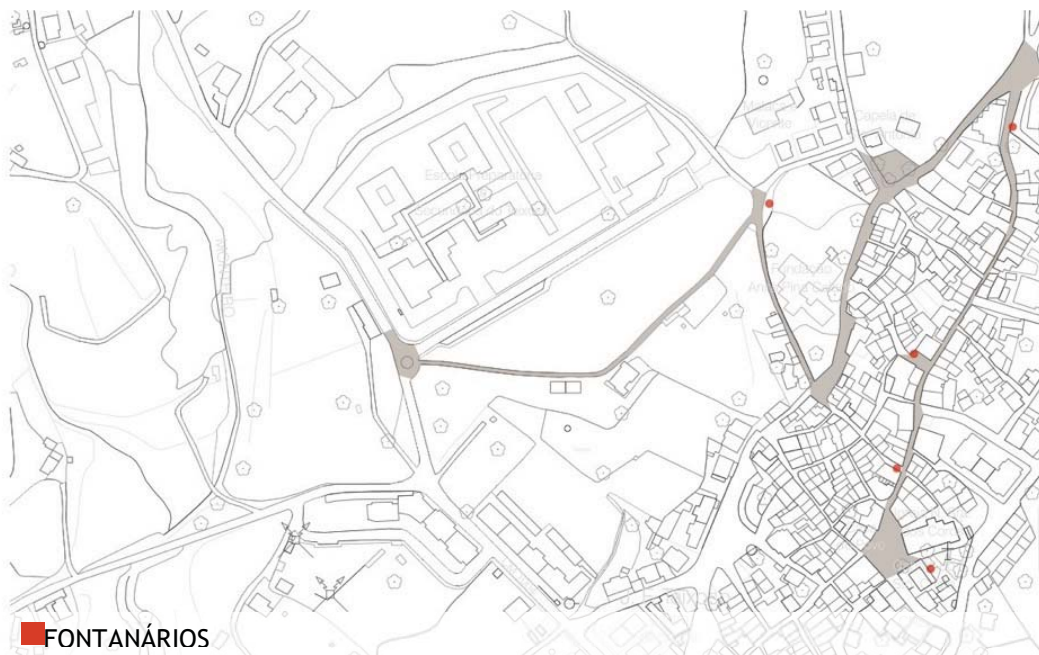


Figura 41 - Análise de Fontanários. Fonte: Imagem do autor.

Igualmente foi analisado o estado de conservação dos edifícios contíguos ao percurso demarcado pela rota. Esta análise apresenta quatro níveis de classificação: BOM, que diz respeito ao bom estado de conservação da construção e autenticidade do edifício; RAZOÁVEL representando todos os edifícios em bom estado de construção, mas com necessidade de reformas pontuais; MAU representando todos os edifícios com necessidade de reabilitação urgente através da conservação ou restauro; RUINA quando o edifício revela um estado de conservação descaracterizado, sem autenticidade e sem possibilidade de habitabilidade. Deste modo, conclui-se que a rota em estudo tem um maior número de edifícios razoáveis (38) e bons (33) do que em estado de ruína (ruína=4) ou a necessitar de reabilitação urgente (mau=8).

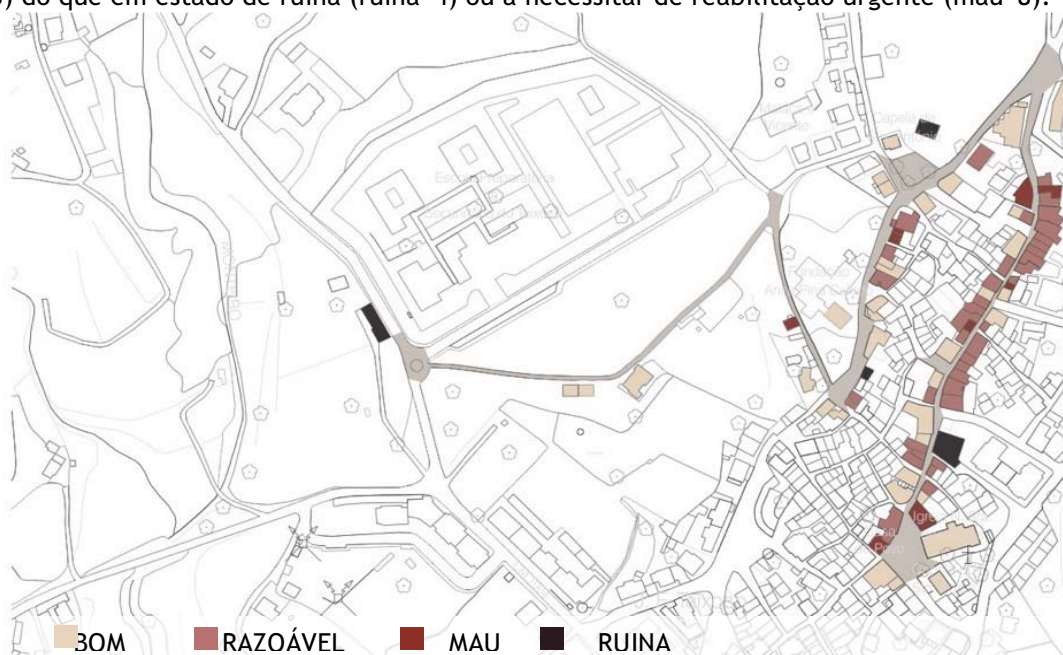


Figura 42 - Análise do estado de conservação de edifícios contíguos à rota proposta. Fonte: Imagem do autor.

Analisaram-se os usos atuais no edificado abrangido pela rota proposta. Com a desertificação do interior e sobretudo das vilas mais pequenas e suburbanas, como é o caso do Teixoso, tem-se notado ao longo dos anos o decréscimo populacional, assim como o encerramento de comércio e serviços. Também o envelhecimento constante da população fez com que muitas das casas ficassem hoje sem utilidade. Verifica-se que os usos dominantes no edificado abrangido pela rota são: HABITAÇÃO, MISTO (habitação e comércio), COMÉRCIO e EQUIPAMENTOS.

Desta forma, verifica-se uma maioria do edificado com uso habitacional (71 edifícios), seguindo-se os equipamentos (9 edificações) e apenas 6 edifícios com utilização mista e um dedicado à prática do comércio.



Figura 43 - Análise de Usos Dominantes. Fonte: Imagem do autor.

Analisou-se também o número de pisos dos edifícios, pois seria importante manter uma coerência construtiva em projetos futuros de reabilitação e/ou restauro. Desta forma, conclui-se que a maioria das casas contíguas à rota proposta possui entre 2 pisos (44 edifícios) e 3 pisos (33 edifícios), sendo escassos os casos de 1 só piso (4 edifícios) ou prédios com 4 ou mais pisos (5 edifícios). Conclui-se ainda que todos os edifícios, no âmbito desta rota, que são constituídos somente por 1 piso correspondem a equipamentos ou património religioso.



Figura 44 - Análise do número de pisos. Fonte: Imagem do autor.

Tendo em atenção a atual situação urbanística da vila, foram analisadas as zonas verdes existentes, assim como as redes viárias e pedonais que interseam a rota. Consta-se, que é pouca ou quase inexistente a presença de vegetação no centro urbano do Teixoso, começando a ser mais visível em direção aos limites exteriores do centro.



Figura 45 - Análise de Vegetação existente. Fonte: Imagem do autor.

Através da análise das redes viárias e pedonais, constata-se que o percurso proposto para a rota coincide com uma das vias principais da freguesia, pois nela se interseitam a maioria das ruas que estão inseridas no centro do Teixoso.

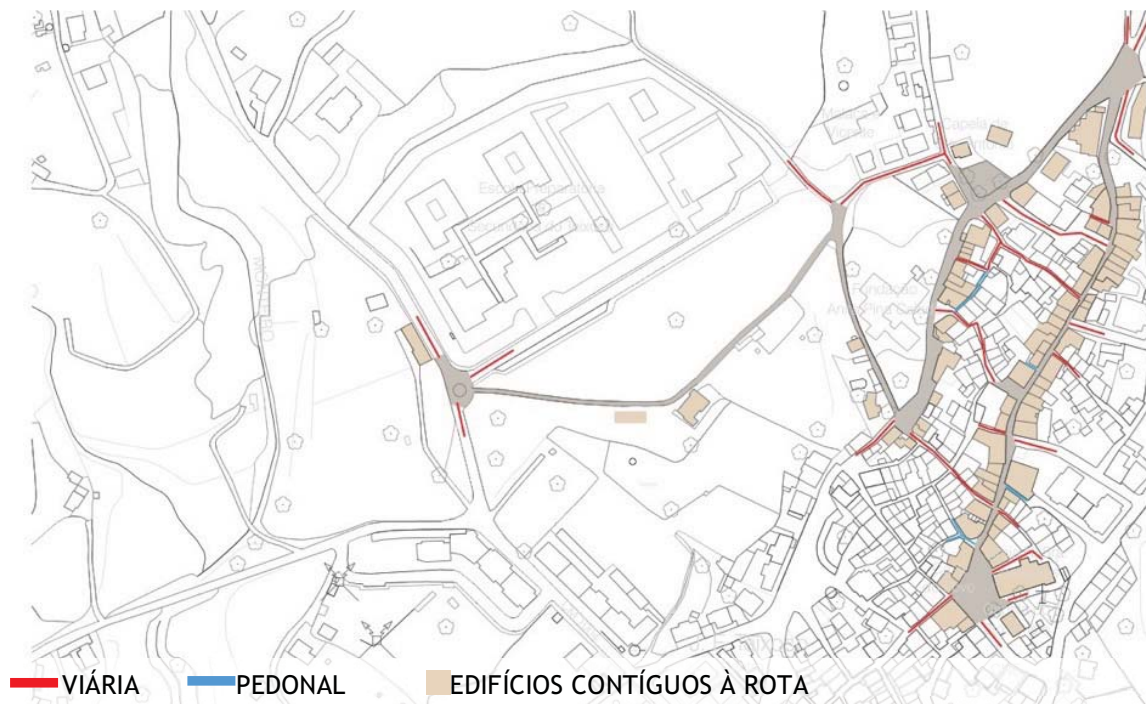


Figura 46 - Redes Viárias e pedonais contíguas à rota. Fonte: Imagem do autor.

Foi ainda observado o tipo de material que atualmente cobre as ruas do Teixoso. Em tempos, este era somente terra batida e satisfazia as necessidades do povo que por ali passava com os meios de transporte da época. No entanto, atualmente, no centro do Teixoso, encontram-se dois tipos de material a pavimentar as suas ruas. O paralelo de granito, tão característico da região das beiras, que assume a maior percentagem de uso e, de seguida, o asfalto de alcatrão, como sinal de mudança dos tempos.



Figura 47 - Análise de material de pavimentação de ruas (existentes). Fonte: Imagem do autor.

Com base nas análises efetuadas, conclui-se que a rota corresponde a um percurso que tem um início no centro desertificado apresentando ao longo do seu trajeto vários edifícios notáveis, assim como elementos patrimoniais. Denota-se a lacuna de alguns elementos importantes para um meio urbanizado, tais como: Espaços verdes, Serviços e Comércio, Mobiliário Urbano, passeios e estacionamento.

Uma vez realizadas as análises e retiradas as conclusões apresentadas anteriormente traçou-se um itinerário que se considerou como rota proposta. Esta rota vem dar solução às lacunas encontradas e mencionadas anteriormente. Para tal propõe-se:

- 1- Posto de turismo
- 2- Casa do Associativismo
- 3- Museu do Vinho
- 4- Hotel
- 5- Centro de Atividades
- 6- Centro Interpretativo/Arquivo
- 7- Galeria de Arte/Zona de Estar
- 8- Jardim do Teixo
- 9- Museu do Teixo/Cafetaria/Loja de Recordações

O posto de turismo é inserido no início da rota na “Casa do Povo”. Este dará novo uso ao edifício e tendo em atenção a sua dimensão e o seu proprietário (União de Freguesias Teixoso e Sarzedo)

terá também incluído no espaço salas de apoio à população onde os respetivos usos serão definidos por este.



Figura 48 - Casa do Povo. Fonte: Imagem do autor.

A casa do associativismo surge na “Casa dos Bernardos” por esta ter suportado grande parte da cultura do Teixoso durante muitos anos, no passado. É de salientar a quantidade de associações inseridas no meio cultural, desportivo e recreativo do Teixoso. Ao todo são 21 as associações, contudo somente cinco das associações possuem sede própria. Deste modo, e tendo em atenção a grande representatividade associativa e a história desta casa, decidiu-se implementar ali este serviço, um espaço que poderá dar mais representatividade às coletividades, mas também oferecer-lhes melhores condições de trabalho.



Figura 49 - Casa dos Bernardos. Fonte: Imagem do autor.

O museu do vinho ficará situado numa casa que hoje se encontra em constante ruína. Há muitos anos atrás esta servia a população com os seus lagares vinícolas, pois o Teixoso era portador de grandes vinhas, daí a necessidade, na altura, destes espaços. Tendo em conta essas carências de outrora, este espaço vem dar algum destaque a um pouco do que era viver e trabalhar no Teixoso.



Figura 50 - Edifício destinado ao Museu do Vinho. Fonte: Imagem do autor.

O hotel localizar-se-á em frente ao edifício proposto para o museu do vinho, a “Casa dos Maia Campos. Este edifício era ocupado por outra família, em tempos, bastante importante para a vila, quer a nível social, quer financeiro. A presença do brasão do Teixoso nesta casa remete-nos para a ideia que foi aqui que viveu o Barão do Teixoso, José Pina Calado, antes de se mudar para a Quinta de S. João. Deste modo, e tendo em conta a historicidade da casa propõe-se para esta o uso hoteleiro. A implementação de uma unidade hoteleira, neste caso um hotel, virá oferecer condições aos turistas e a quem visita o Teixoso de pernoitar nesta vila, não existindo nenhum abrigo temporário na vila até ao momento.



Figura 51 - Casa dos Maia Campos. Fonte: Imagem do autor.

O centro de atividades ocupará um edifício sem qualquer história ou relação relevante para a freguesia. Esta casa foi selecionada devido ao seu abandono, estado de degradação e dimensão relevante que pode conter em si um uso revitalizante. Embora existam espaços onde a população mais idosa possa passar os seus dias, como o lar de idosos, nem sempre estes são os mais apelativos para o convívio entre gerações, como é objetivo do espaço que se propõe.



Figura 52 - Casa destinada ao Centro de Atividades. Fonte: Imagem do autor.

O centro interpretativo e arquivo ocupará a Quinta de St^o. António, que foi há uns anos atingida e destruída por um incêndio. Nesta será implementado um centro interpretativo dedicado ao Teixo, bem como um arquivo que contenha toda a informação histórica do Teixoso. Este terá importância para a população, pois poderão ali encontrar documentos de cariz popular, mas também documentos oficiais que estejam noutros arquivos, de forma a que toda a informação histórica desta vila se encontre num só local.



Figura 53 - Quinta de Santo António. Fonte: Imagem do autor.

A galeria de arte e zona de estar surge num edifício em constante ruína e que necessita de algum tratamento. Deste modo, propõe-se ali a galeria de arte e um espaço de estar devido à área de logradouro que este possui. Sendo o Teixoso detentor de inúmeros artistas e que a vila não possui nenhum tipo de espaço dedicado a este fim onde possam expor as mais diversas obras de arte, é apresentada esta solução para aquele espaço, mas também uma solução para uma lacuna sentida da vertente cultural.



Figura 54 - Edifício destinado à Galeria de Arte. Fonte: Imagem do autor.

O jardim do teixo encontrar-se-á num espaço bastante amplo, que teria como fim a construção de edifícios. Contudo, estes nunca chegaram a ser construídos pois os seus proprietários nunca viram ali as condições necessárias para a construção de habitação, tendo em conta que é o local onde se realiza o mercado semanal e também onde está situado o agrupamento de escolas do Teixoso. Assim, e de modo a dar um uso àqueles terrenos propôs-se o jardim do Teixo naquela zona. Neste jardim seriam plantados vários teixos, bem como outras espécies de árvores, mas também seriam ali incluídos outros usos. Estes usos têm por base algumas tradições perdidas, como a roda dos quadros vivos, mas também a criação de usos inexistentes na vila. É o caso de um auditório a céu aberto, e de um parque infantil, bem como um jardim acessível a todos.



Figura 55 - Espaço destinado ao Jardim do Teixo. Fonte: Imagem do autor.

O Museu do Teixo, Cafeteria e a Recepção/Loja de Recordações ficarão situados na Quinta de S. João, no final da rota proposta. Detentora do Teixo centenário e único na região pela sua dimensão e durabilidade, esta quinta é ocupada por três edifícios de dimensões distintas, mas que todos eles terão um novo uso. Para a casa de habitação é proposto um museu dedicado ao teixo e ao Teixoso, bem como a valorização da capela que está geminada à casa. No segundo edifício, que outrora servia para acolher os animais da quinta é proposta uma zona de receção e uma loja de recordações onde os turistas e habitantes poderão comprar artesanato e outro certame representativo da vila e ainda uma zona de cafeteria onde poderão apreciar e disfrutar da vista para o Teixo. O último edifício, que era utilizado como arrumos da quinta, servirá para instalações sanitárias da quinta.



Figura 56 - Quinta de São João. Fonte: Imagem do autor.

Estes são os equipamentos propostos para a rota, além do restante património já identificado. Contudo o itinerário requer ainda outras alterações para que demarque o seu percurso por toda a vila.

Desta forma, propõe-se:

1. Repavimentação
2. Requalificação de espaços

A repavimentação que se propõe é feita uniformemente com material típico da região, o paralelo granítico desde o início da rota até ao jardim do Teixeira, zona de transição de um aspeto rural para um ambiente mais urbano e moderno, onde predomina o asfalto de alcatrão. Esta repavimentação tem também como objetivo melhorar os acessos pedonais para uma melhor circulação dos mesmos. Ainda nesta repavimentação, será colocado no chão um veio em aço cortén, que nos leva a pensar nas raízes da árvore, de modo a identificar o caminho a percorrer do início ao fim.

Quanto à requalificação de espaços são propostos para arranjo urbanístico alguns espaços que podem ser valorizados. Por exemplo, o Cruzeiro de S. Marcos ou o largo da Capela de Stº. António. A aplicação de mobiliário urbano é também uma das características a implementar no percurso da rota proposta de modo a favorecer o convívio populacional. Este mobiliário passa pela aplicação de bancos, caixotes de lixo, entre outros.

A ausência de espaços verdes leva à colocação de vegetação envasada e plantada ao longo da rota proposta, fazendo face à falta deste elemento natural e rejuvenescedor. Esta trará alguma ruralidade ao meio e imagem dos tempos passados.

De um modo geral, os itinerários devem ser exemplo a nível cultural e educacional. Isto é, após a sua criação, devem ser organizadas atividades com jovens a fim de promover intercâmbios culturais, educacionais e ainda promover a diversidade da cidadania.

Portanto, estas ações devem originar debates e trocas de ideias multidisciplinares e interculturais, mas também incentivar atividades e projetos que explorem ligações entre o

património e a cultura contemporânea. Estas ligações devem-se sobretudo à história do desenvolvimento de competências nas distintas áreas como as artes visuais e cénicas, arquitetura, artesanato, música, literatura ou outras formas de expressão cultural¹⁰³.

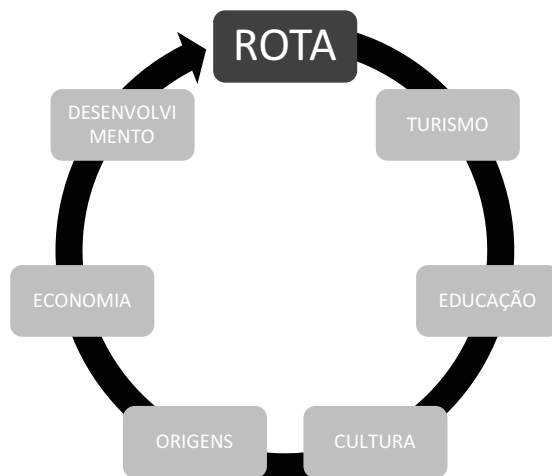


Figura 57 - Fatores provenientes da criação de uma rota. Fonte: Imagem do autor.

Assim, a rota proposta terá como um dos objetivos principais promover a terra, as gentes, as tradições, contudo preservar a autenticidade e identidade das mesmas. Estas ações podem ser realizadas não só como caráter lúdico ou de lazer, mas também a nível pedagógico e, ainda, para passar às gerações futuras de onde nasceu o Teixoso.

¹⁰³ Council of Europe; Committee of ministers; Resolution CM/Res(2013)67 revising the rules for the award of the “Cultural Route of the Council of Europe” certification (Adopted by the Committee of Ministers on 18 December 2013 at the 1187bis meeting of the Ministers’ Deputies) disponível Online in [http://culture-routes.net/sites/default/files/files/CMRes\(2013\)67E.pdf](http://culture-routes.net/sites/default/files/files/CMRes(2013)67E.pdf); Consultado: 10 de fevereiro de 2017, p.2



Figura 58 - Proposta final da Rota a aplicar no Teixoso. Fonte: Imagem do autor.

6. REABILITAÇÃO: PREMISSAS E CONCEITO

O património arquitetónico tem vindo a ser alvo de grandes atenções por parte da sociedade. Atualmente, fala-se na preservação e conservação do património e da sua identidade, contudo nem sempre é fácil de entender o que é na verdadeira essência das palavras e das ações praticadas.

Esta preservação, renovação, adaptação e atualização do património pode levar a interrogações quanto ao modo como são executadas, levando-nos a questionar se não se está a descaracterizar ou a destruir a identidade deste. Deste modo, têm sido promovidas cartas, convenções e diversas palestras sobre o tema.

A Carta de Cracóvia, de 2000, vem primeiramente alertar para a multiculturalidade vivida na Europa, e deste modo propõe vários objetivos para a conservação do património. A referida carta refere que “a conservação pode ser realizada mediante diferentes tipos de intervenções, tais como o controlo do meio ambiental, a manutenção, a reparação, o restauro, a renovação e a reabilitação”¹⁰⁴.

Contudo, é encontrada uma simbiose na relação de algumas palavras. Reabilitar, Restaurar, Requalificar, Revitalizar são as principais e as que se destacam neste universo.

Para começar, estas palavras têm uma semelhança entre si, o prefixo RE, que induz ao sentido de tentativa de voltar a tentar, voltar a fazer. Contudo, com o avançar das análises percebemos que todas elas divergem entre si.

¹⁰⁴ Carta de Cracóvia; Disponível Online: http://www.patrimoniocultural.gov.pt/static/data/cartas_e_convencoes_internacionais/traducaodadeclaracaodecracovia.pdf; Consultada Online: 17 de Agosto de 2017.

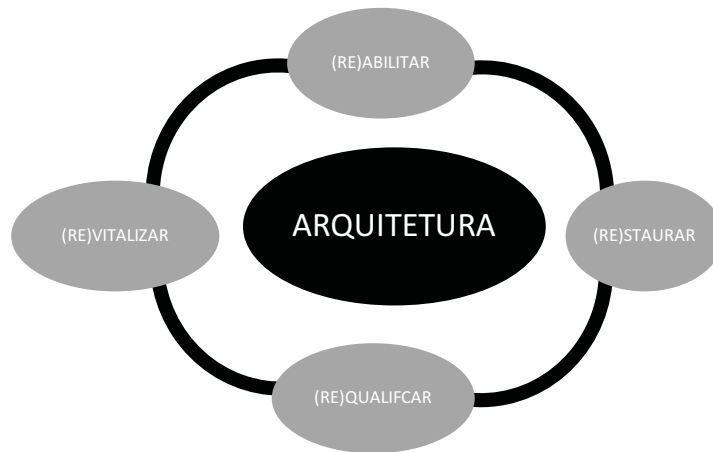


Figura 59 - Diferentes vertentes de conservação da arquitetura. Fonte: Imagem do autor.

Reabilitar entende-se por fazer “voltar à situação anterior; restituir direitos, que estavam perdidos; regenerar”¹⁰⁵. Isto é, reabilitar consiste em devolver ao edifício a capacidade de ser utilizável, ou seja, de o tornar habilitado a funcionar novamente, sendo frequente em obras de reabilitação de edifícios históricos.

Restaurar é “instalar de novo; renovar; consertar; reintegrar; fazer voltar ao primitivo estado; recuperar”.¹⁰⁶. Ou seja, restituir o estado inicial. Esta tem como principais objetivos restabelecer a unidade de edificação do ponto de vista da sua conceção e legibilidade histórica e também acentuar os valores artísticos e históricos do edifício.

Requalificar, pode ser entendida por “voltar a indicar a qualidade de; atribuir uma qualidade; classificar”¹⁰⁷. Tendo em conta estas designações, é voltar a afirmar a qualidade de algo, voltar a fazer o mesmo com a mesma qualidade.

Revitalizar, é “tornar a insuflar vida em: vitalizar novamente”¹⁰⁸, ou seja, voltar a dar vida a um edifício, neste caso concreto da arquitetura.

Através das várias análises do que cada uma destas áreas aborda, a que mais sobressai nos dias de hoje é a reabilitação, devido à escolha de alteração de uso relativamente ao anterior.

¹⁰⁵ Figueiredo, Cândido de; Grande Dicionário da Língua Portuguesa; Ed, Bertrand Editora, Venda Nova, 1996, 25ª Edição V. II.; p.2157

¹⁰⁶ Figueiredo, Cândido de; Grande Dicionário da Língua Portuguesa; Ed, Bertrand Editora, Venda Nova, 1996, 25ª Edição V. II.; p.2213

¹⁰⁷ Figueiredo, Cândido de; Grande Dicionário da Língua Portuguesa; Ed, Bertrand Editora, Venda Nova, 1996, 25ª Edição V. II.; p.2114

¹⁰⁸ Figueiredo, Cândido de; Grande Dicionário da Língua Portuguesa; Ed, Bertrand Editora, Venda Nova, 1996, 25ª Edição V. II.; p.2224

6.1. Novos Usos na Reabilitação: Casos de estudo

A reabilitação é uma das áreas da arquitetura mais trabalhada na atualidade. Quer por tentar preservar uma identidade, manter a autenticidade de um lugar ou ainda restaurar as memórias e tradições. Assim, é usual encontrar-se vários exemplos de reabilitação num povo, sendo o mais habitual em meio rural.

A alteração do uso dominante do edifício é uma consequência da reabilitação, pois, muitas das vezes, o uso é alterado para fins turísticos ou de cariz cultural, como por exemplo, para hotéis, museus, centros interpretativos ou arquivos.

Deste modo, apresentam-se alguns exemplos nacionais e internacionais de alguns novos usos dados a edifícios antigos com um uso distinto do aplicado após a sua reabilitação.

O primeiro exemplo é o *Matadouro Real de Porcuna*, em Espanha. Este edifício do século XVI, sofreu uma intervenção de reabilitação pelo arquiteto Pablo Millán em 2014. Tendo em conta o património existente em seu redor, restos arqueológicos de poços ibéricos, um sistema de aquedutos romano e ainda elementos de uma torre medieval, o conceito do projeto consiste em pega em todos esses elementos e projetar um edifício limpo, sóbrio e simples de modo a que seja dada relevo ao património já existente. Ainda na sua reconstrução foram usados sistemas construtivos tradicionais, em conjunto com novos sistemas estruturais.

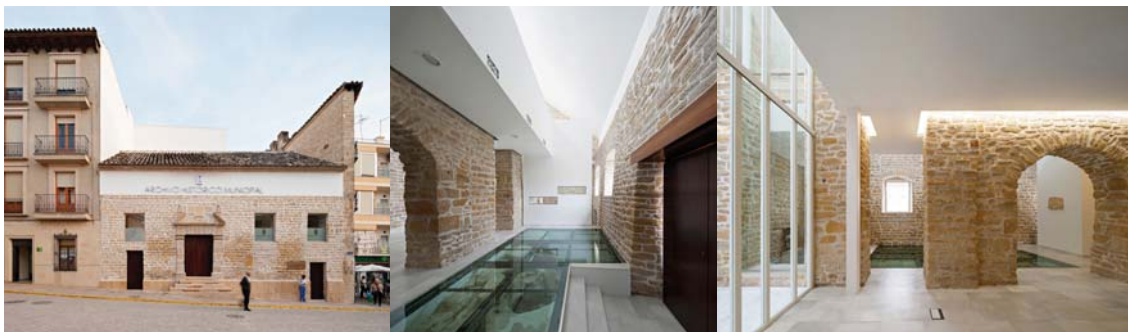


Figura 60 - Matadouro Real de Porcuna, Espanha. Fonte:
<http://www.archdaily.com.br/br/773522/reabilitacao-dos-antigos-acougues-reais-do-seculo-xvi-de-porcuna-pablo-manuel-millan-millan>

O exemplo que se segue é a pousada de *Graham's 1890 Lodge* em Vila Nova de Gaia, em Portugal. Luis Loureiro e Nuno Gusmão, arquitetos da sua reabilitação em 2011, propuseram para a antiga casa da família um espaço que conte a história da família e da produção vinícola, criando assim diferentes ambientes dentro do edifício. Estes ambientes, foram criados tendo atenção à estrutura existente, mas também os materiais. Deste modo, criaram-se soluções para as necessidades sentidas, albergar mais clientes de forma cómoda, respeitando o edifício e a sua história.



Figura 61 - Pousada de Graham's 1890 Lodge , Vila Nova de Gaia. Fonte: <http://www.archdaily.com.br/br/01-127477/reabilitacao-de-grahams-1890-lodge-slash-luis-loureiro-plus-p-06-nil-nuno-gusmao>

O hotel parisiense *Hotel Fouquet Barrière* é o exemplo que se segue. Este foi intervencionado em 2006 por Edouard François, e uma das duas ideias para a reabilitação do edifício era manter a sua fachada tipicamente *haussmanniana*, ao mesmo tempo que no seu interior instalava salas de administração, um serviço de spa e pátios. O conceito para o edifício foi “copiar - editar”, isto é, copiar por trabalhar a fachada copiando-a num material novo, e editar pois, foram inseridas na nova fachada vãos horizontais que correspondem às novas instalações no interior do edifício. Assim, aliou-se o antigo edifício e a sua identidade com a nova que lhe foi atribuída respeitando o seu passado.



Figura 62 - Hotel Fouquet Barrière , França. Fonte: <http://www.archdaily.com.br/br/01-31772/hotel-fouquet-barriere-edouard-francois>

O exemplo seguinte é a *Galeria Tiro al Blanco* no México. O atelier *Progressivo Arquitectura* ficou incumbido em reabilitar a antiga fábrica de meias numa galeria de arte cumprindo algumas condicionantes do proprietário. Estas foram manter o espaço interior dinâmico e alterar o menos possível do existente, respeitando o edifício.



Figura 64 - Galeria Tiro al Blanco, México. Fonte: <http://www.archdaily.com.br/br/877799/galeria-tiro-al-blanco-progresivo-de-arquitectura>

Em seguida, o *Castelo da Coracera* em Madrid, Espanha, sofre um plano de reforma pelo atelier *Riaño + Arquitectos* em 2010. Para que tal acontecesse foi criado um plano diretor de forma a regulamentar o que poderia ser feito no seu futuro restauro e no espaço envolvente ao castelo. Desta forma, o objetivo é transformar este espaço num local turístico e atrativo a visitantes e, assim, mantem-se os materiais existentes e a sua forma respeitando a sua identidade e características.



Figura 63 - Castelo da Coracera, Madrid. Fonte: <http://www.archdaily.com.br/br/805184/reforma-no-castelo-da-coracera-riano-plus-arquitectos>

O exemplo que se segue é a Casa das Vans Londres. Esta instalou-se, em 2014, na estação de metro de Waterloo e é neste local que se desenvolve toda a reabilitação para acolher este espaço cultural dedicado ao *skate* e aos praticantes do *skate*. *Tim Greatrex* quis criar diferentes espaços ao longo de quatro tuneis, ou seja, um túnel para a arte com galeria e laboratórios para a criação de artes, um túnel para cinema com sala de projeção, um túnel para a música com um lugar de atuação com capacidade para 850 pessoas e o túnel para o *skate* com uma pista para todos os níveis de habilidade. Deste modo, consegue observa-se a uma junção de culturas em que a autenticidade da prática do *skate* se relaciona com a cultura e identidade dos tuneis de metro.

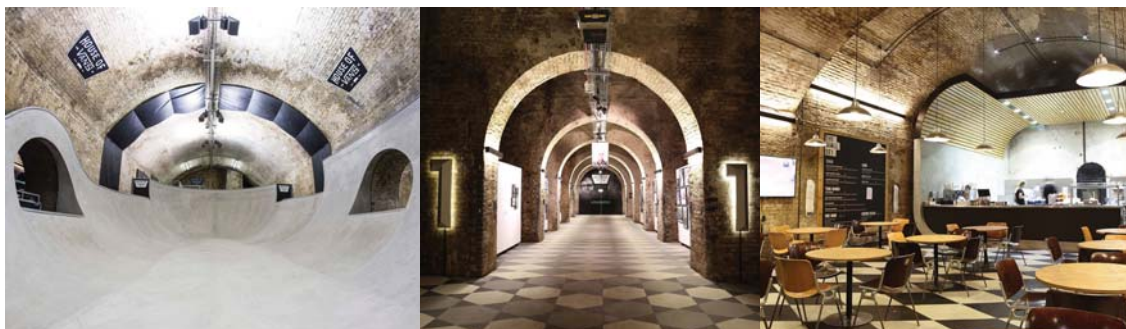


Figura 65 - Casa das Vans, Londres. Fonte: <http://www.archdaily.com.br/br/764157/house-of-vans-london-tim-greatrex>

De seguida, apresentamos o edifício do *Paramount Studios*, reabilitado por *Fox Johnston*. Utilizando e seguindo a Arte Déco que caracterizava o edifício, este transformou-se num espaço comercial e criativo, onde muitas artes se encontram num mesmo local, como a gastronomia, a arquitetura, o design, entre outros. Pode dizer-se que o “novo” edifício se reconeta com a rua e se enche de luz natural, bem como grande parte dos elementos removidos do edifício podem ser observados. Também as estruturas antigas do edifício são mantidas, os materiais limpos e reciclados, conjugando-se com uma nova que lhe é aplicada. Isto demonstra o respeito mantido pelo local e pelo que o edifício representa para aquela sociedade.



Figura 66 - Edifício Paramount Studios, Austrália. Fonte: <http://www.archdaily.com.br/br/625147/edificio-do-paramount-studios-fox-johnston/5372131ec07a80e5d90000d3-paramount-studios-building-fox-johnston-photo>

O exemplo que se segue situa-se na Malásia e é o *Sekeping Kong Heng*. O atelier *Seksan Design* reabilitou, em 2012, o último anexo da família *Sekeping* de forma a preservar o máximo do caráter do edifício e da família. Deste modo, o intuito da casa é oferecer aos novos hóspedes um pouco da história da família, local, vida, trabalho e realidade daquela região.



Figura 67 - Edifício de Sekeping Kong Heng, Malásia. Fonte: <http://www.archdaily.com.br/br/01-108166/sekeping-kong-heng-slash-seksan-design>

Voltando aos exemplos nacionais, apresenta-se agora reabilitação do Museu Municipal Abade Pedrosa e respetiva construção do Museu Internacional de Escultura Contemporânea, na cidade de Santo Tirso. Os arquitetos Siza Vieira e Souto de Moura quiseram que a nova construção não absorve-se a construção antiga já existente no local e, assim, criar um elo de ligação entre eles de forma a respeitar o património local, como é o caso do Mosteiro de S. Bento que ali se encontra. Deste modo, é delimitado um limite exterior de cércea na nova construção pelo limite inferior da cornija do mosteiro. Foi também criada uma área de receção comum de modo a unificar os museus.



Figura 68 - Museu Nacional Abade Pedrosa e Museu Internacional de Escultura Contemporânea, Santo Tirso. Fonte: <http://www.archdaily.com.br/br/788825/miec-plus-mmap-alvaro-siza-plus-eduardo-souto-de-moura>

O próximo exemplo é sobre a reabilitação de uma casa de habitação transformada num bar, em Leça da Palmeira, Portugal. O conceito da reabilitação foi manter a materialidade da época, a pedra local e criar a ligação entre o público e o privado. Deste modo, pode ver-se que o balcão é o elemento central que demarca o espaço em consonância com o ambiente criado pelos materiais.



Figura 69 - Reabilitação de uma habitação transformada em bar, Leça da Palmeira. Fonte: <http://www.archdaily.com.br/br/769788/remodelacao-de-espaco-para-bar-sucrer-atelier>

O Mosteiro das Bernardas, intitulado “Convento das Bernardas”, é o exemplo que se segue, da autoria de Eduardo Souto de Moura. Neste projeto, de 2012, o arquiteto encontrou um edifício “polivalente”, pois assumiu vários usos ao longo do tempo, Mosteiro, fábrica e agora unidades habitacionais. No exterior, o arquiteto realizou pequenos melhoramentos, mantendo a malha adquirida e a sua materialidade. No seu interior, foram propostas casas de habitação, em forma de combate contra à tão usual “moda” do património servir só para hotéis, museus e galerias.



Figura 70 - Mosteiro das Bernardas, Tavira. Fonte: <http://www.archdaily.com.br/br/769152/convento-das-bernardas-eduardo-souto-de-moura>

Os próximos exemplos são da autoria de João Mendes Ribeiro em diferentes tipos de projeto. O primeiro projeto é a Casa da Cortegaça, em que um celeiro de feno se transforma numa casa de habitação. Este mantém a sua materialidade, pedra e madeira, e assume um interior moderno, mas respeitador do passado e identidade do edifício.



Figura 71 - Casa da Cortegaça, Portugal. Fonte: <https://divisare.com/projects/299098-joao-mendes-ribeiro-fernando-guerra-fg-sg-hay-barn-conversion>

O segundo exemplo é o Centro de Artes Contemporâneas na Ribeira Grande, Açores. Aqui, o arquiteto concilia a construção nova com a pré-existência. Isto é, a reconversão da antiga fábrica de tabaco e álcool que dialoga com o novo edifício. Este diálogo surge na união das diferenças de escala e memórias. Enquanto que o edifício existente é marcado pela alvenaria de pedra vulcânica, o novo é em betão cinza de forma abstrata e omissa. Também a estrutura da antiga fábrica é mantida e conjugada com um melhoramento de uma nova.



Figura 72 - Centro de Artes Contemporâneas, Ribeira Grande. Fonte: <http://www.archdaily.com.br/br/762180/arquipelago-centro-de-artes-contemporaneas-menos-e-mais-arquitectos-plus-joao-mendes-ribeiro-arquitecto>

7. PROPOSTA DE REABILITAÇÃO: QUINTA DE S. JOÃO

Esta proposta é desenvolvida a partir de uma ilusão do autor que sempre sonhou voltar a ver a Quinta de São João como um marco importante para a vila do Teixoso, “O sonho começa onde a ilusão acaba.”¹⁰⁹. Tendo sido outrora possuidora de um vasto património, hoje destruído em grande parte, esta quinta foi importante para o desenvolvimento desta população, contudo mantém em si as origens destas gentes através do Teixo secular.

7.1. Local de Intervenção

O local de intervenção, Quinta de São João, localiza-se na Rua do Pinhal, na União de Freguesias de Teixoso e Sarzedo, e ostenta uma área total de 20 658,47 m².

A quinta é delimitada pela Rua do Pinhal, pela Estrada Municipal 1004 e ainda por uma linha de água que faz a limitação desta quinta com outras propriedades. A forma irregular que esta assume provem da utilidade que esta continha no seu passado, ou seja, função agrícola. A propriedade está ainda inserida numa zona de baixa densidade, previsto pelo Plano de Urbanização da Grande Covilhã. O Artigo 28º do PUGC define as condicionantes da proposta a



Figura 73 - Plano de Urbanização da Grande Covilhã (PUGC). Fonte: <http://www.cm-covilha.pt/>

¹⁰⁹ Tainha, Manuel; Arquitectura em Questão; Ed. AEFA - UTL; Lisboa, 2003, p.46

implementar, estando, por exemplo, o terreno apto à implantação de habitação, turismo, comércio e serviços.

A quinta albergava a família do Barão do Teixoso no edifício principal e existiam outros dois edifícios para a prática agrícola. Um destes era considerado arrumos do material, o edifício com menor área, e outro, de dimensão intermédia, era usado como “loja” ou casa dos animais.



Figura 74 - Vista aérea do local de intervenção da proposta de reabilitação, Quinta de São João. Fonte: <https://www.google.pt/maps/place/Teixoso/@40.3203245,-7.4666838,13z/data=!3m1!4b1!4m5!3m4!1s0xd3d21f565da6d7d:0x50a245ad5f575d90!8m2!3d40.3049241!4d-7.4273195>

7.2. Referências

Para o desenvolvimento desta proposta estudou-se a prática da reabilitação através de referências arquitetónicas. Umhas referências têm o principal foco na envolvente exterior, o paisagismo e a forma como o ser humano utiliza o exterior de um edifício. Outras centram-se na espacialidade e estruturação interior de edifícios.

Deste modo, apresentam-se os exemplos selecionados como referência para o desenvolvimento e concretização desta proposta.

1. Novo Jardim permanente, da autoria de Gabriel Orozco em 2016, no Reino Unido.
Neste projeto de arranjo exterior são criados elementos de estar, onde se conciliam elementos naturais com a pavimentação aplicada. Tendo em atenção o espaço reduzido a trabalhar, atinge-se uma coesão entre a natureza e a cidade.



Figura 75 - Novo Jardim Permanente, Reino Unido. Fonte: <http://www.archdaily.com.br/br/802036/novo-jardim-permanente-gabriel-orozco>

2. Banco de Neve, da autoria do Atelier Pierre Thibault em 2016, no Canadá.
No exemplo apresentado, serve de referência o banco contínuo que foi aplicado no espaço. Como o exemplo acima referenciado, este também tem atenção os elementos naturais existentes no local, árvores, criando uma simbiose entre a espacialidade da urbe e um espaço de estar calmo.



Figura 76 - Banco de Neve, Canadá. Fonte: <http://www.archdaily.com.br/br/804786/banco-de-neve-atelier-pierre-thibault>

3. Mercado da Praça Born, da autoria do atelier Vora em 2013, em Espanha.
No Mercado da Praça Born, exemplo apresentado como referência, pode observar-se à sintonia entre o presente e o passado, através das linhas orientadoras que definem o espaço. Isto é, realça-se o que existia ali no passado através de eixos marcados no piso.

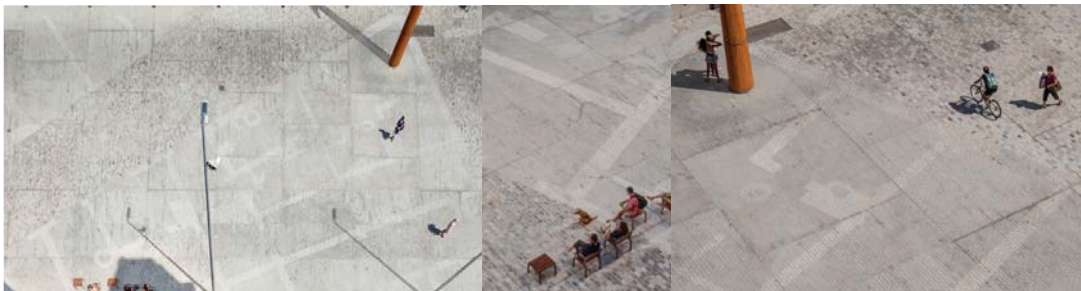


Figura 77 - Mercado da Praça Born, Espanha. Fonte: <http://www.archdaily.com.br/br/773959/mercado-do-born-square-vora>

4. IBA Housing, da autoria de Zaha Hadid em 1986, na Alemanha.

Zaha Hadid é reconhecida pela forma desconstrutivista como consegue tratar e resolver a espacialidade dos seus projetos. Neste exemplo, são apresentados imagens representativas de como chegou ao resultado final deste projeto, onde os eixos exteriores penetram o interior do edifício, conseguindo, assim, resolver o espaço exterior e interior através dos eixos por ela demarcados.



Figura 78 - IBA Housing, Alemanha. Fonte: <http://www.zaha-hadid.com/architecture/iba-housing/>

5. Casas de Banho Públicas, da autoria de Piotr Musialowski e Lukasz Przybylowicz em 2007, na Polónia.

Neste exemplo apresentado, pode observar-se o modo como se pode unir dois elementos sem entrarem em colisão. Embora seja um projeto simples de instalações sanitárias, estas foram tratadas com rigor, sendo-lhes atribuída uma segunda pele que cobre todo o espaço de forma a torna-lo num só elemento.



Figura 79 - Casas de Banho Públicas, Polónia. Fonte: <http://www.archdaily.com.br/br/01-128674/banheiros-publicos-slash-piotr-musialowski-plus-lukasz-przybylowicz>

6. Nosotros Bar, da autoria de Studio Otto Felix em 2013, no Brasil.

Nesta última referência é apresentado um projeto que se centra no espaço interior do edifício. Isto é, através de um elemento central conceptualmente, o balcão define a área de trabalho e confeção de bebidas da área de estar dos clientes. A quebra do balcão, convida a percorrer o espaço como que se de um caminho se tratasse.



Figura 80 - Nosotros Bar, Brasil. Fonte: <http://www.archdaily.com/769904/nosotros-bar-studio-otto-felix>

7.3. Conceito

O conceito para a projeção desta proposta - reabilitação da Quinta de São João - assenta em dois pontos essenciais. O primeiro é relativo à importância da árvore do Teixo ali plantado e classificado de interesse público e o segundo respeitante à união dos três edifícios existentes na quinta, sendo um de habitação e os restantes dois de apoio à quinta em causa.

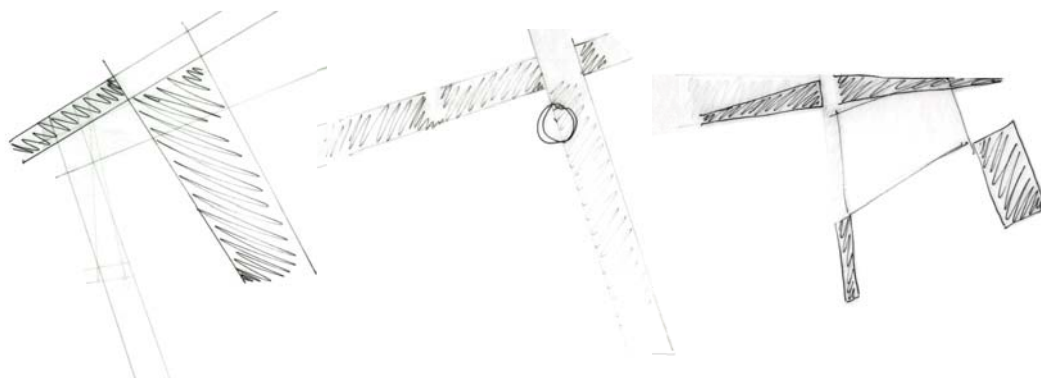


Figura 81 - Esquícios representativos dos eixos marcados no terreno. Fonte: Imagem elaborada pelo autor.

Deste modo, para destacar a importância dos elementos acima referidos, o Teixo e os edifícios da quinta, foram marcados diversos eixos no terreno. Assim, através dos eixos, é criado primeiramente um triângulo principal através da ligação dos edifícios que abraça a envolvente e delimita o espaço de intervenção. Ao mesmo tempo, outros eixos vêm unir também os três edifícios em torno da árvore, criando uma linguagem comunicativa entre todos os elementos. Deste modo, o Teixo destaca-se como elemento central e principal desta proposta.

Consequentemente, estas uniões geram polígonos definidos por materiais distintos e também por diferentes altimetrias, que mais uma vez, têm como principal objetivo a contemplação do Teixo.

No interior das edificações são também perceptíveis estas linhas orientadoras, que penetram nestes demarcando espaços interiores e elementos centrais e orientadores destes.

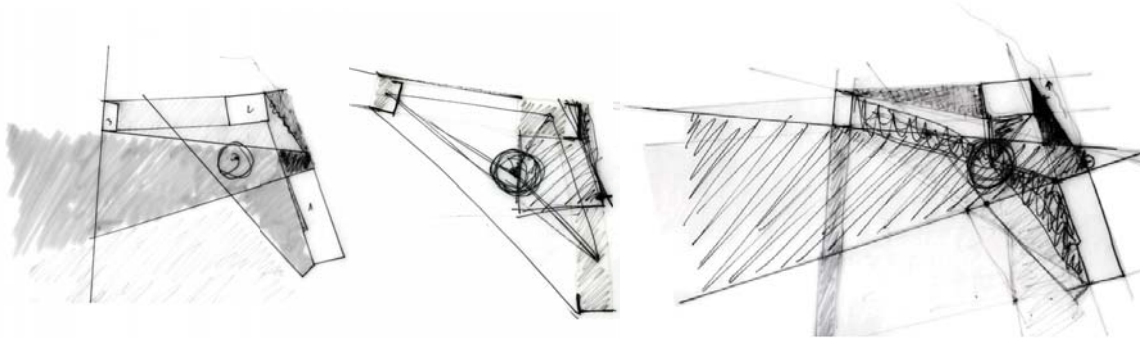


Figura 82 - Esquiços representativos do desenvolvimento da proposta. Fonte: Imagem elaborada pelo autor.

Para além dos elementos supracitados, a aplicação do conceito estende-se também aos edifícios presentes. Isto é, em cada edifício é aplicada uma segunda pele, em ripado de madeira, que demarca a entrada destes como meio de conexão abstrata. Assim, entende-se que estes são elementos de um mesmo conjunto, apesar de se encontrarem distantes entre si.

7.4. Programa

Para que se possa fundamentar o trabalho da presente dissertação, elaborou-se uma proposta de reabilitação da Quinta de São João, que se destaca pela importância histórica, cultural e arquitetónica que assumiu desde a sua criação.

Deste modo, para a realização e concretização de uma reabilitação controlada, pensada e consciente, valorizando a sua pré-existência, o programa da proposta prevê a preservação de fachadas e ainda de grande parte do interior de cada edifício. Através desta conservação, podem observar-se os elementos marcantes destes edifícios e quinta que a definem ao longo das épocas históricas.

Numa fase inicial começou-se por realizar um levantamento fotográfico e métrico dos edifícios que pertencem à quinta e à própria quinta, como podemos ver no anexo 4 (p.118) . Estes levantamentos permitiram um primeiro contacto com o local, permitindo-nos obter um juízo relativo ao espaço e ao seu estado de conservação.

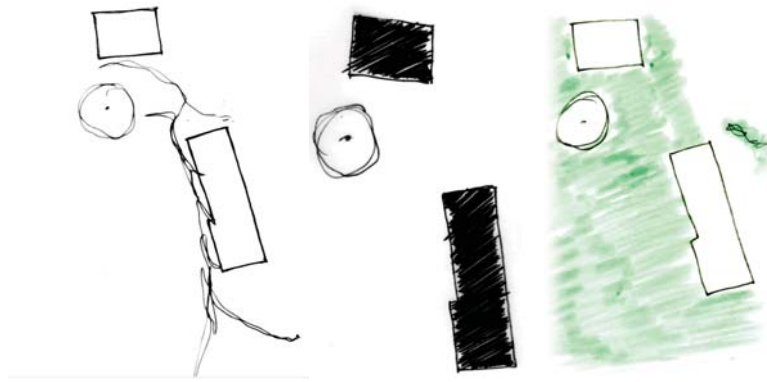


Figura 83 - Esquços de análises iniciais sobre o terreno. Fonte: Imagem elaborada pelo autor.

O programa a propor assenta na aplicação de um novo uso na requalificação a tratar. Este novo uso está inserido na área do turismo, bem como na área cultural. Assim, prevê-se a instalação dos seguintes equipamentos:

- Edifício 1: Museu do Teixo
- Edifício 2: Receção e Cafetaria
- Edifício 3: Instalações Sanitárias

O edifício 1, destinado a ser o Museu do Teixo, terá como objetivo salvaguardar e expor património. Após o primeiro contacto com o edifício deu-se conta de dois elementos que geriram todo o processo da criação dos interiores deste espaço, a capela e um lagar de vinho.

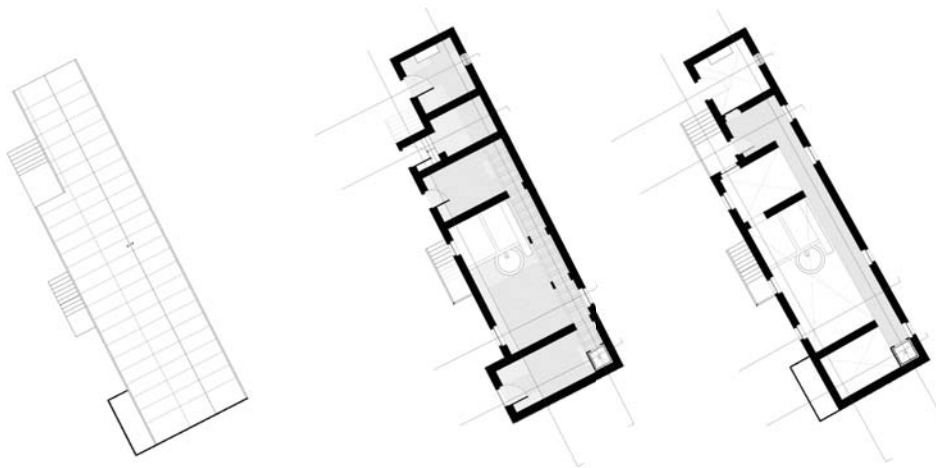


Figura 84 - Plantas de proposta do edifício 1. Fonte: Imagem elaborada pelo autor.

De forma simples e clara, o museu convida a que se explore um percurso que se desenvolve da direita para a esquerda, ligando todas as salas de exposição. As paredes mestras são mantidas quase na sua totalidade, pois foi necessária a remoção de uma parte delas para a criação de um corredor interno que permite a circulação por todo o museu. A primeira sala é um espaço de entrada onde se pode encontrar informação das exposições, a segunda sala é onde se encontra o lagar de vinho que terá uma exposição permanente sobre o teixo e o Teixoso e, de seguida, a última sala destinada a albergar exposições temporárias. Por fim, encontra-se a

capela, sendo o seu acesso realizado pelo exterior. Pela sua simbologia, a capela mantém a sua traça e função original de modo a preservar a identidade da mesma.

Tendo sido pensado como um espaço amplo com duplo pé direito em quase todo o museu, foi criado um passadiço que segue desde a primeira sala até à capela. Este tem como finalidade a observação de todo o museu de outra perspetiva, bem como da capela que pode ser observada num ponto mais alto do ponto da sua entrada.

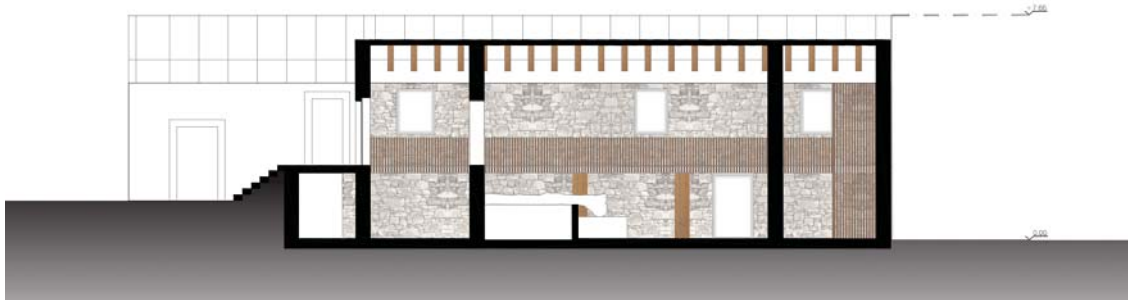


Figura 85 - Corte de proposta do edifício 1. Fonte: Imagem elaborada pelo autor.

Todos estes espaços mantêm a sua autenticidade preservando a sua materialidade - pedra de granito e a madeira - que é usada na estrutura da casa, do passadiço e da cobertura. Na capela, todos os frescos são mantidos, à exceção da cobertura abobadada que existia, que se propõe retirar devido ao seu estado de degradação.

Relativamente ao edifício 2, antiga casa dos animais, ou “loja” como é designado na região das beiras, assumirá a receção e a cafetaria da quinta. O edifício reparte-se nestas duas funções, sendo a receção do lado direito e a cafetaria com respetiva copa e arrumos do lado esquerdo. Neste edifício projetaram-se espaços amplos e limpos através das linhas que os definem, mas também são criados espaços que interligam o exterior com o interior.

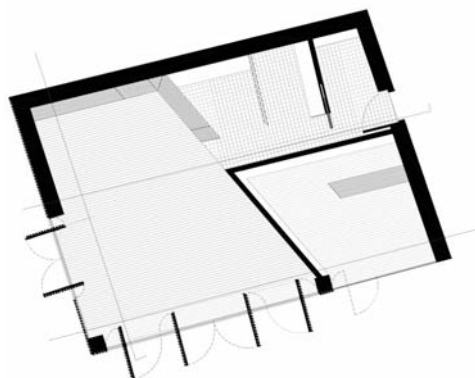


Figura 86 - Planta de proposta do edifício 2.
Fonte: Imagem elaborada pelo autor.

O último edifício, o edifício 3, foi transformado nas instalações sanitárias da quinta. Este edifício era usado como arrumos dos materiais da quinta e, deste modo, sendo o edifício mais pequeno, foi proposto para aquele espaço as instalações sanitárias por sexo, masculino e feminino, e uma instalação sanitária para pessoas portadoras de deficiência.

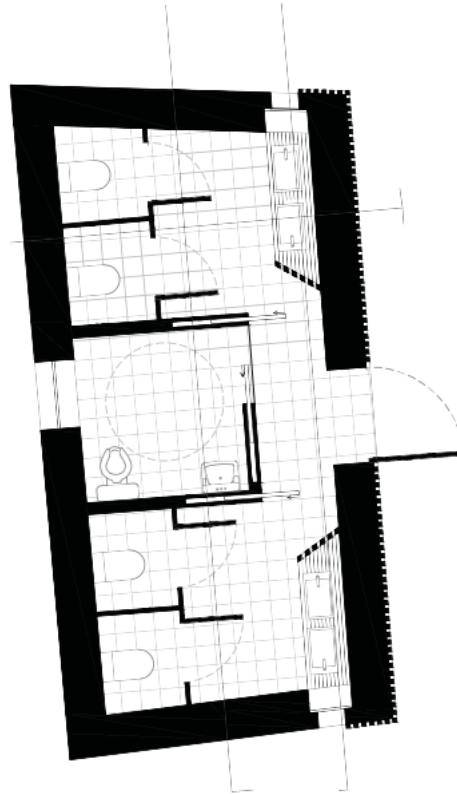


Figura 87 - Planta de proposta do edifício 3. Fonte: Imagem elaborada pelo autor.

7.5. Materialidade

O material que reveste um projeto é dos elementos fundamentais da arquitetura, tal como é a estrutura de um edifício.

Deste modo, esta proposta teve como premissa a conservação da materialidade existente, adaptando as novas alterações construtivas a estas. Assim, a pedra de granito e a madeira são os elementos de maior destaque no que concerne respeito à materialidade da proposta.

As fachadas foram mantidas tal como na sua pré-existência, sendo ornamentada de forma simples com um ripado de madeira nas entradas dos três edifícios. Este material vem servir de elo entre os edifícios da quinta e o teixo centralizado. A pedra é continuamente assumida, valorizando a presença do granito através da repavimentação dos espaços exteriores com paralelos de granito.

A madeira vem ainda assumir importância na estrutura de todos os edifícios intervencionados. Isto é, todos os elementos estruturais novos aplicados tiveram como base a utilização de madeira e não de betão ou estruturas metálicas. Quer a estrutura do passadiço criado, quer a estrutura da cobertura dos três edifícios foram propostas em madeira para que mantivesse a linguagem e conexão com o Teixo.

Deste modo, pode afirmar-se que se criou uma relação entre o passado e o presente, entre o velho e o novo, entre o útil e o belo.

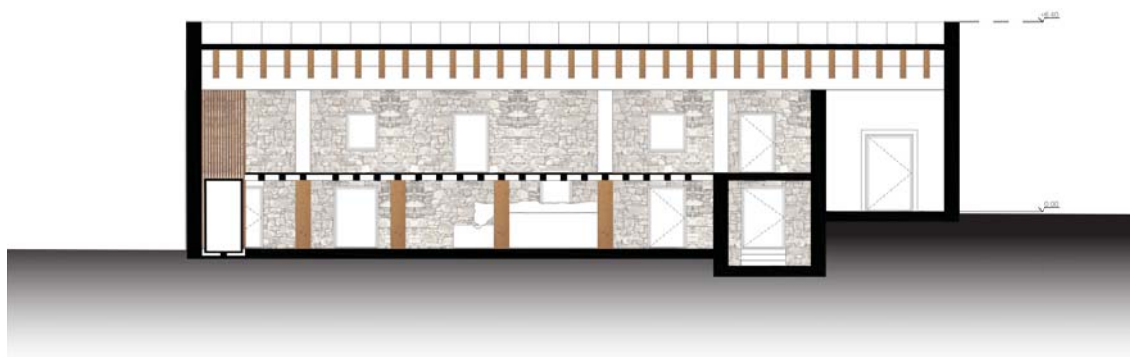


Figura 88 - Corte de proposta do edifício 1. Fonte: Imagem elaborada pelo autor.

8. CONCLUSÃO

No estudo elaborado ao longo desta dissertação foi analisada a importância da aplicação das rotas culturais em meios rurais. Através do estudo de exemplos criados, seja a nível internacional como a nível nacional, constatamos que estes meios podem “renascer” economicamente, socialmente e culturalmente, valorizando a essência, identidade e origens muitas vezes esquecidos.

A valorização anteriormente referida, levou também ao estudo da arquitetura vernacular e, consecutivamente, à análise ao Teixoso. Relativamente à arquitetura vernacular, esta é detentora de um grande valor histórico e social para cada povo, estando intrinsecamente conectada às origens e identidade de cada região.

Neste seguimento, abordaram-se várias temáticas da intervenção arquitetónica em património existente e concluiu-se que, de todas as estudadas, a reabilitação é o método arquitetónico que mais se coaduna com a ideia da proposta aqui apresentada para a Quinta de São João. Ou seja, assim foi possível dar uma nova função a este espaço, atualmente devoluto, respeitando toda a carga histórica que este carrega com ele.

Quanto aos objetivos propostos no início desta dissertação - a criação da rota cultural e a reabilitação da Quinta de São João - estes foram integralmente cumpridos, respeitando em primeiro lugar a identidade dos locais, as origens, os costumes e as tradições que representam este povo.

Para o autor, enquanto habitante da vila do Teixoso, esta dissertação representa não só uma grande aprendizagem e um importante passo no percurso académico, mas também uma realização a título pessoal, pois de outra maneira seria difícil um conhecimento tão profundo das suas raízes.

Através desta dissertação, é hoje possível consultar um vasto leque de informação respeitante à história e cultura do Teixoso, até então estava dispersa, com um olhar nativo de quem ali nasceu e cresceu, observando todas as qualidades, às vezes desaproveitadas, que esta terra tem para dar.

9. BIBLIOGRAFIA

1. AA.VV.; *Arquitectura Popular em Portugal*; v.1; Ed. Associação dos Arquitectos Portugueses; Lisboa 2004
2. AA.VV.; *Arquitectura Popular em Portugal*; v.2; Ed. Associação dos Arquitectos Portugueses; Lisboa 1988
3. AA.VV.; *Carta sobre o Património construído Vernáculo*; ICOMOS; Cidade do México 1999; Disponível Online In: <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/media/uploads/cc/cartasobrepatrimoniovernacu1999.pdf> ; Consultado Online: 04 de junho de 2017
4. AA.VV.; *Teixoso, Sua História*; documento inédito policopiado; Junta de Freguesia do Teixoso; s/d.
5. ASE; *Existe futuro para o Taxus baccata na Serra da Estrela*; Ed. Zimbro, Portugal: Manteigas, 2013
6. Briedenhann, J.; Wickens, E.; “Rural Tourism - Meeting the Challenges of the New South Africa” in *International Journal of Tourism Research*; v.6; n°3; Maio/Junho 2004
7. Campos, A. P. C.; “Habitação Social no Concelho da Covilhã - Inclusão ou Exclusão?”; *Dissertação para obtenção do grau de mestre em Sociologia: Exclusões e Políticas Sociais*; Universidade da Beira Interior; Covilhã 2013
8. Cardoso, F. M. P., Castriota, L. B.; *O Itinerário enquanto Instrumento de Preservação do Património Cultural: O caso da Estrada Real*; v.5; n°2; Ed. Fórum Patrimônio, Belo Horizonte 2012
9. Carta de Cracóvia; Disponível Online: http://www.patrimoniocultural.gov.pt/static/data/cartas_e_convencoes_internacionais/traducaodadeclaracaodecracovia.pdf; Consultado Online: 17 de Agosto de 2017.
10. Cenicacelaya, Javier; BAGANHA, José; *Arquitectura Tradicional e Sustentabilidade*. Bilbao: Lisboa, 2004. [pdf]. Consultado online <http://www.jbaganha.com/pdf/pt/0201.pdf>. p.1.
11. Censos 2011; Disponível Online: http://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpid=CENSOS&xpgid=ine_censos_publicacao_det&contexto=pu&PUBLICACOESpub_boui=73212469&PUBLICACOESmodo=2&selTab=tab1&pcensos=61969554; Consultado Online: 24 de Março de 2017
12. Congresso Internacional de Arquitetura Vernácula; ICOMOS; Conselho Internacional dos Monumentos e Sítios; Veneza, 1976
13. Council of Europe; Committee of ministers; Resolution CM/Res(2013)67 revising the rules for the award of the “Cultural Route of the Council of Europe” certification (Adopted by the Committee of Ministers on 18 December 2013 at the 1187bis meeting of the Ministers’ Deputies) disponível Online in [http://culture-routes.net/sites/default/files/files/CMRes\(2013\)67E.pdf](http://culture-routes.net/sites/default/files/files/CMRes(2013)67E.pdf); Consultado: 10 de fevereiro de 2017

14. Council of Europe; Institut Européen des Itinéraires Culturels; Cultural Routes of the Council of Europe, Good Practices Atlas, Acedido Online in: http://culture-routes.net/sites/default/files/files/GOOD_PRACTICES_ATLAS.pdf; Consultado Online: 10 de fevereiro de 2017
15. Dovčiak M.; Population dynamics of the endangered common yew (*Taxus Baccata* L.) and its management implications for biosphere reserves of the western Carpathians; Report for UNESCO MAB program; Paris 2003
16. Flores, C.; El carácter de la arquitetura popular. Tal como éramos, Revista del MOPU, nº334; 1986
17. Freguesias, Território; Acessível Online in: <http://www.cm-covilha.pt/?cix=821&tab=792&curr=813&lang=1>; Consultado Online: 07 de março de 2017
18. Infopédia; Rota; Porto Editora; Porto, in <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/rota>; Consultado Online: 5 de junho de 2017
19. Infopédia; Roteiro; Porto Editora; Porto, in <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/roteiro>; Consultado Online: 5 de junho de 2017
20. Infopédia; Itinerário; Porto Editora; Porto, in <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/itinerario>; Consultado Online: 5 de junho de 2017
21. Infopédia; Caminho; Porto Editora; Porto, in <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/caminho>; Consultado Online: 5 de junho de 2017
22. Infopédia; Percurso; Porto Editora; Porto, <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/percurso>; Consultado Online: 5 de junho de 2017
23. ICOMOS, Carta de Itinerarios Culturales, Acedido Online in: https://www.icomos.org/images/DOCUMENTS/Charters/culturalroutes_sp.pdf; Québec, 2008; Consultado Online: 29 de abril de 2017
24. Jansen J.; Guia geobotânico da Serra da Estrela; ICNB.; Lisboa 2002
25. Lalana Soto, J. L.; Santos Ganges, L.; Las fronteras del patrimonio industrial, Ed. Llampara, nº2, 2009
26. Le Corbusier; Mensaje a los estudiantes de Arquitectura, Buenos Aires 2001 s/ed.
27. Loos, A.; El arte popular, Ornamento y delito y otros escritos, Barcelona 1972, s/ed.
28. Maia, S. V.; “Rotas Museológicas na Região de Aveiro - Um estudo empírico”, Dissertação para obtenção do grau de mestre em Gestão em Planeamento em Turismo; Universidade Aveiro; Portugal: Aveiro 2010
29. Martins, G., Neves, M. e Carrola, F.; Vidas... no Teixoso, Reflexo de memórias reconstruídas, Ed. Marques & Pereira, Guarda 2009

30. Oliveira, Ernesto V.; Galhano, Fernando; *Arquitectura Tradicional Portuguesa*; Ed. Dom Quixote, Lda; Lisboa, 2003 5ª Edição
31. Palladio, A.; *Los cuatro Libros de arquitectura*, Ed. J. Rivera, 1988, lib, II, cap. XII
32. Pérez Gil, J.; *Qué es la Arquitectura vernácula?: Historia y concepto de un Patrimonio Cultural específico*; Ed. Universidad de Valladolid; Valladolid, 2016
33. Rede Social da Covilhã; *Diagnóstico Social*, Conselho Local de Acção Social da Covilhã; disponível online in: <http://download.cm-covilha.pt/pdf/2011RedeSocialPlanoAcao.pdf>; Consultado Online em 02 de março de 2017
34. Reorganização Administrativa do Território das Freguesias; Acessível Online: http://www.pgdlisboa.pt/leis/lei_mostra_articulado.php?nid=2114&tabela=leis&so_miolo; Consultado Online: 07 de março de 2017
35. Ribeiro, Ana S. F.; *Património Vernacular Construído - O beiral, o espigueiro e a eira: formas, usos e contextos.*; Dissertação para obtenção do grau de mestre em História da Arte Portuguesa; Faculdade de Letras, Universidade do Porto; Portugal; Porto; 2016; Acedido online in: link; Acedido online: 15 de Junho de 2017
36. Thomas PA & A Polwart 2003. Biological Flora of the British Isles *Taxus baccata* L., *Journal of Ecology* 91: 489-524.
37. Tutin TG, Heywood VH, Burges NA, Moore DM, Valentine DH, Walters SM & Webb DA (Eds). *Flora Europaea I. Lycopodiaceae-Platanaceae*, 1964, Cambridge: Cambridge University Press.
38. Torres Balbás, L.; *Mientras labran los sillares*, *Arquitetura(1918)*, Ed. COAM, Madrid 1996
39. UNESCO; *Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural*; Acedido Online in: <http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001271/127160por.pdf>; Consultado Online: 17 de março de 2017; 2002
40. Werner, Jordi P.; Alaix, Manel M.; *Gestión Creativa y Desarrollo Territorial: Retos del patrimonio em el siglo XXI*

10. ANEXOS

Anexo 1 - Plano de Urbanização da Grande Covilhã



Artigo 28º - Zonas de baixa densidade

1. As zonas de baixa densidade correspondem a zonas com aptidão para a implantação de habitação e actividades complementares à actividade habitacional, nos termos da legislação em vigor, designadamente, turismo, comércio e serviços.
2. Nas operações de edificação que venham a ocorrer nesta subcategoria de espaço em intervenções de conservação, reconstrução, alteração ou ampliação de edifícios existentes, a altura da fachada (AF) máxima será de 6,50 metros, salvo apontamentos que correspondam a gestos de valorização e pontualização arquitectónica, ou por razões técnicas plenamente justificadas à utilização do edifício.
3. As operações urbanísticas que venham a ocorrer nesta subcategoria de espaço devem respeitar os seguintes parâmetros:
 - a) Índice de ocupação do solo (IOS) máximo – 0,10;
 - b) Índice de construção bruto (ICB) máximo – 0,10;
 - c) Altura da fachada (AF) máxima – 6,50 metros.
4. Em casos de justificado interesse público municipal ou interesse económico, a Câmara Municipal poderá aprovar uma majoração do índice de ocupação do solo máximo previsto, sem prejuízo de não ser ultrapassado o índice de construção bruto máximo definido no ponto anterior.
5. Os equipamentos a implementar deverão dar cumprimento aos parâmetros urbanísticos estabelecidos nos números anteriores, admitindo-se, para os equipamentos de utilização colectiva, que os mesmos sejam ultrapassados assegurando, no entanto, que não ultrapassem os valores de referência estabelecidos pelo normativo da DGOTDU e uma qualificada integração arquitectónica no espaço urbano envolvente.

Artigo 29º - Zonas industriais programadas

1. As zonas industriais programadas correspondem às áreas destinadas a actividades transformadoras, de armazenamento e serviços próprios, que apresentam condições favoráveis ao estabelecimento de novas indústrias e actividades complementares.
2. As operações urbanísticas que venham a ocorrer nesta subcategoria de espaço devem respeitar os seguintes parâmetros:

Anexo 2 - Fotografias do Percurso contíguo à Rota



Figura 89 - Praça de Portugal, Teixoso. Fonte: Imagem do autor.



Figura 90 - Praça de Portugal, Teixoso. Fonte: Imagem do autor.



Figura 91 - Casa dos Maia Campos, Teixoso. Fonte: Imagem do autor.



Figura 92 - Exemplos de Passo, elemento de património religioso. Fonte: Imagem do autor.



Figura 94 Fonte do cimo, Teixoso. Fonte: Imagem do autor.



Figura 93 - Largo de Sto. António, Teixoso. Fonte: Imagem do autor.



Figura 95 - Rua Gago Coutinho, Teixoso. Fonte: Imagem do autor.



Figura 96 - Rua Gago Coutinho, Teixoso. Fonte: Imagem do autor.



Figura 97 - Zona Inferior do Agrupamento de Escolas do Teixoso, Teixoso. Fonte: Imagem do autor.



Figura 98 - Quinta de São João, Teixoso. Fonte: Imagem do autor.

Anexo 3 - Inventário de Arquitetura Vernacular: Casos de estudo no Teixoso

LOCALIZAÇÃO: Praça de Portugal, nº:2, Teixoso

CÓDIGO ALFANUMÉRICO: PP1

IMPLANTAÇÃO



FACHADA



CARACTERIZAÇÃO

Código Alfanumérico	PP1
Características	
1 PISO	
2 PISOS	x
3 PISOS	
Mat. Fachada: Granito	x
Mat. Fachada: Granito Rebocado	
Mat. Cobertura: Telha Canudo	x
Mat. Cobertura: Telha Lusa	
Mat. Cobertura: Outros	
Varanda	x
Varanda Alpendrada	
Varanda Recuada	
Escadaria Exterior	
Escadaria Interior	x
Banco de Pedra	

DESCRIÇÃO

Edifício composto por dois pisos, sendo o primeiro destinado a “lojas” e o segundo a habitação. Ao piso superior pode aceder-se através de uma escada interior, típica de uma arquitetura beirã. O edifício é construído em canaria de granito típico da região das Beiras. A cobertura é de duas águas e é constituída com telha de canudo.

A fachada principal apresenta no piso inferior duas portas, uma de metal e outra de vidro, e no piso de cima duas janelas com caixilharia de madeira, com duas folhas de batente, sendo uma de sacada com varanda em consola. A guarda da varanda apresenta estrutura de ferro forjado.

Salienta-se a ausência de chaminé.

FOTOS



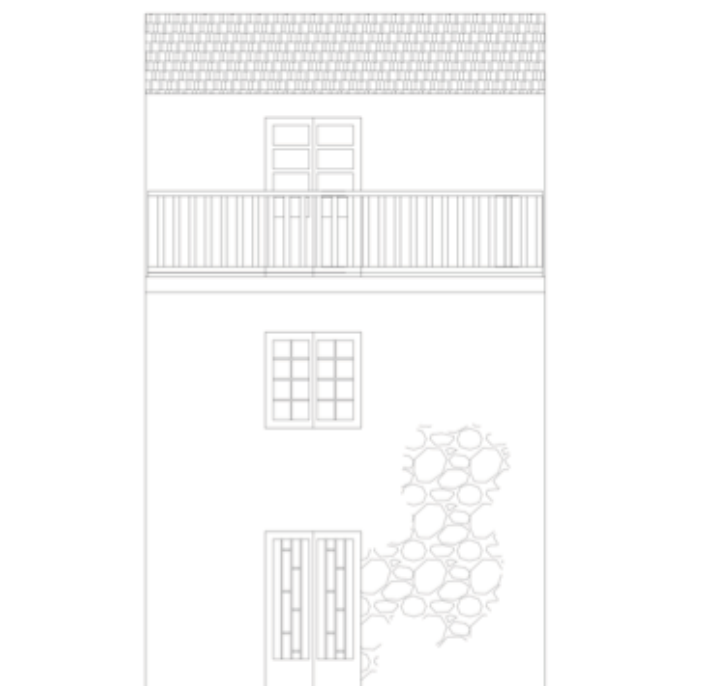
LOCALIZAÇÃO: Praça de Portugal, nº:13A, Teixoso

CÓDIGO ALFANUMÉRICO: PP2

IMPLANTAÇÃO



FACHADA



CARACTERIZAÇÃO

Código Alfanumérico	PP2
Características	
1 PISO	
2 PISOS	
3 PISOS	x
Mat. Fachada: Granito	x
Mat. Fachada: Granito Rebocado	
Mat. Cobertura: Telha Canudo	x
Mat. Cobertura: Telha Lusa	
Mat. Cobertura: Outros	
Varanda	
Varanda Alpendrada	
Varanda Recuada	x
Escadaria Exterior	
Escadaria Interior	x
Banco de Pedra	

DESCRIÇÃO

Edifício composto por três pisos, sendo o primeiro destinado a “loja” e o segundo e terceiro a habitação. Ao piso superior pode aceder-se através de uma escada interior, típica de uma arquitetura beirã. O edifício é construído em canaria de granito típico da região das Beiras. A cobertura é de duas águas e é constituída com telha de canudo.

A fachada principal apresenta no piso inferior uma porta em metal, no segundo piso uma janela com caixilharia de metal, com duas folhas de batente e no terceiro piso outra janela com caixilharia de metal, com duas folhas de sacada, com varanda recuada. A guarda da varanda apresenta estrutura de ferro forjado.

Salienta-se a ausência de chaminé.

FOTO



LOCALIZAÇÃO: Rua Dr. Francisco Garrett, nº:4, Teixoso

CÓDIGO ALFANUMÉRICO: FG1

IMPLANTAÇÃO



FACHADA



CARACTERIZAÇÃO

Código Alfanumérico	FG1
Características	
1 PISO	
2 PISOS	
3 PISOS	x
Mat. Fachada: Granito	x
Mat. Fachada: Granito Rebocado	
Mat. Cobertura: Telha Canudo	
Mat. Cobertura: Telha Lusa	x
Mat. Cobertura: Outros	
Varanda	
Varanda Alpendrada	x
Varanda Recuada	
Escadaria Exterior	x
Escadaria Interior	
Banco de Pedra	

DESCRIÇÃO

Edifício composto por três pisos, sendo o primeiro destinado a “loja” e o segundo e terceiro a habitação. Ao piso superior pode aceder-se através de uma escada exterior, típica de uma arquitetura beirã. O edifício é construído em canaria de granito típico da região das Beiras. A cobertura é de duas águas e é constituída com telha lusa.

A fachada principal apresenta no piso inferior duas portas de madeira e uma janela com caixilharia de madeira, com duas folhas de guilhotina, no segundo piso duas janelas com caixilharia de madeira, com duas folhas de guilhotina, e no piso de cima duas janelas com caixilharia de madeira, com duas folhas de sacada com varanda alpendrada. A guarda da varanda apresenta estrutura de madeira.

Salienta-se a ausência de chaminé.

FOTOS



LOCALIZAÇÃO: Rua da Restauração, nº:31, Teixoso

CÓDIGO ALFANUMÉRICO: RR1

IMPLANTAÇÃO



FACHADA



CARACTERIZAÇÃO

Código Alfanumérico	RR1
Características	
1 PISO	
2 PISOS	x
3 PISOS	
Mat. Fachada: Granito	x
Mat. Fachada: Granito Rebocado	
Mat. Cobertura: Telha Canudo	
Mat. Cobertura: Telha Lusa	x
Mat. Cobertura: Outros	
Varanda	x
Varanda Alpendrada	
Varanda Recuada	
Escadaria Exterior	
Escadaria Interior	x
Banco de Pedra	

DESCRIÇÃO

Edifício composto por dois pisos, sendo destinados a habitação. Ao piso superior pode aceder-se através de uma escada interior, típica de uma arquitetura beirã. O edifício é construído em canaria de granito típico da região das Beiras. A cobertura é de duas águas e é constituída com telha lusa.

A fachada principal apresenta no piso inferior uma porta de metal e uma janela com caixilharia de metal, com duas folhas de batente. No piso de cima duas janelas com caixilharia de metal, com duas folhas de batente, sendo uma de sacada com varanda em consola. A guarda da varanda apresenta estrutura de ferro forjado.

Salienta-se a ausência de chaminé.

FOTOS



LOCALIZAÇÃO: Rua de Restauração, nº:35,37,39, Teixoso

CÓDIGO ALFANUMÉRICO: RR2

IMPLANTAÇÃO



FACHADA



CARACTERIZAÇÃO

Código Alfanumérico	RR2
Características	
1 PISO	
2 PISOS	
3 PISOS	x
Mat. Fachada: Granito	x
Mat. Fachada: Granito Rebocado	
Mat. Cobertura: Telha Canudo	
Mat. Cobertura: Telha Lusa	x
Mat. Cobertura: Outros	
Varanda	
Varanda Alpendrada	
Varanda Recuada	x
Escadaria Exterior	
Escadaria Interior	x
Banco de Pedra	

DESCRIÇÃO

Edifício composto por três pisos, sendo o primeiro destinado a “lojas” e o segundo e terceiro a habitação. Ao piso superior pode aceder-se através de uma escada interior, típica de uma arquitetura beirã. O edifício é construído em canaria de granito típico da região das Beiras. A cobertura é de duas águas e é constituída com telha lusa.

A fachada principal apresenta no piso inferior três portas de metal, e nos pisos superiores seis janela com caixilharia de metal, com duas folhas de batente, sendo três de sacada com varanda recuada. A guarda da varanda apresenta estrutura de ferro forjado.

Salienta-se a ausência de chaminé.

FOTOS



LOCALIZAÇÃO: Rua da Restauração, nº:34,36,38, Teixoso

CÓDIGO ALFANUMÉRICO: RR3

IMPLANTAÇÃO



FACHADA



CARACTERIZAÇÃO

Código Alfanumérico	RR3
Características	
1 PISO	
2 PISOS	x
3 PISOS	
Mat. Fachada: Granito	x
Mat. Fachada: Granito Rebocado	
Mat. Cobertura: Telha Canudo	x
Mat. Cobertura: Telha Lusa	
Mat. Cobertura: Outros	
Varanda	x
Varanda Alpendrada	
Varanda Recuada	
Escadaria Exterior	
Escadaria Interior	x
Banco de Pedra	

DESCRIÇÃO

Edifício composto por dois pisos, sendo o primeiro destinado a “lojas” e o segundo a habitação. Ao piso superior pode aceder-se através de uma escada interior, típica de uma arquitetura beirã. O edifício é construído em canaria de granito típico da região das Beiras. A cobertura é de duas águas e é constituída com telha de canudo.

A fachada principal apresenta no piso inferior três portas de metal, e no piso de cima três janelas com caixilharia de metal, com duas folhas de batente, sendo uma de sacada com varanda em consola. A guarda da varanda apresenta estrutura de ferro forjado.

Salienta-se a ausência de chaminé.

FOTOS



LOCALIZAÇÃO: Rua da Restauração, nº:62,64, Teixoso

CÓDIGO ALFANUMÉRICO: RR4

IMPLANTAÇÃO



FACHADA



CARACTERIZAÇÃO

Código Alfanumérico	RR4
Características	
1 PISO	
2 PISOS	x
3 PISOS	
Mat. Fachada: Granito	
Mat. Fachada: Granito Rebocado	x
Mat. Cobertura: Telha Canudo	x
Mat. Cobertura: Telha Lusa	
Mat. Cobertura: Outros	
Varanda	
Varanda Alpendrada	
Varanda Recuada	
Escadaria Exterior	x
Escadaria Interior	
Banco de Pedra	x

DESCRIÇÃO

Edifício composto por dois pisos, sendo todos destinado a habitação. Ao piso superior pode aceder-se através de uma escada exterior, típica de uma arquitetura beirã. O edifício é construído em canaria de granito típico da região das Beiras, posteriormente rebocado. A cobertura é de duas águas e é constituída com telha de canudo.

A fachada principal apresenta no piso inferior duas portas em metal e no piso de cima uma janela com caixilharia de ferro, com duas folhas de batente.

Denota-se ainda a presença do banco de pedra que veio substituir as varandas ao longo do processo de desenvolvimento da arquitetura vernacular. Salienta-se a ausência de chaminé.

FOTOS



LOCALIZAÇÃO: Rua da Restauração, nº:70, Teixoso

CÓDIGO ALFANUMÉRICO: RR5

IMPLANTAÇÃO



FACHADA



CARACTERIZAÇÃO

Código Alfanumérico	RR5
Características	
1 PISO	
2 PISOS	x
3 PISOS	
Mat. Fachada: Granito	x
Mat. Fachada: Granito Rebocado	
Mat. Cobertura: Telha Canudo	
Mat. Cobertura: Telha Lusa	
Mat. Cobertura: Outros	x
Varanda	
Varanda Alpendrada	
Varanda Recuada	
Escadaria Exterior	x
Escadaria Interior	
Banco de Pedra	

DESCRIÇÃO

Edifício composto por dois pisos, sendo o primeiro destinado a “lojas” e o segundo a habitação. Ao piso superior pode aceder-se através de uma escada exterior, típica de uma arquitetura beirã. O edifício é construído em canaria de granito típico da região das Beiras. A cobertura é de duas águas e é constituída com painel sandwich.

A fachada principal apresenta no piso inferior duas portas, uma madeira e outra coberta a tijolo, e no piso de cima uma janela com caixilharia de madeira, com duas folhas de batente.

Salienta-se a ausência de chaminé.

FOTOS



LOCALIZAÇÃO: Rua Gago Coutinho, nº:54, Teixoso

CÓDIGO ALFANUMÉRICO: GC1

IMPLANTAÇÃO



FACHADA



CARACTERIZAÇÃO

Código Alfanumérico	GC1
Características	
1 PISO	
2 PISOS	x
3 PISOS	
Mat. Fachada: Granito	x
Mat. Fachada: Granito Rebocado	
Mat. Cobertura: Telha Canudo	x
Mat. Cobertura: Telha Lusa	
Mat. Cobertura: Outros	
Varanda	x
Varanda Alpendrada	
Varanda Recuada	
Escadaria Exterior	x
Escadaria Interior	
Banco de Pedra	

DESCRIÇÃO

Edifício composto por dois pisos, sendo o primeiro destinado a “loja” e o segundo a habitação. Ao piso superior pode aceder-se através de uma escada exterior, típica de uma arquitetura beirã. O edifício é construído em canaria de granito típico da região das Beiras. A cobertura é de duas águas e é constituída com telha de canudo.

A fachada principal apresenta no piso inferior uma porta de madeira com quatro folhas e uma janela com caixilharia de madeira, com dias folhas de batente, e no piso de cima três janelas com caixilharia de madeira, com duas folhas de batente, sendo uma de sacada com varanda em consola. A guarda da varanda não apresenta estrutura devido à sua destruição.

Salienta-se a ausência de chaminé.

FOTOS



LOCALIZAÇÃO: Rua Fonte da Quelha, nº:1 , Teixoso

CÓDIGO ALFANUMÉRICO: FQ1

IMPLANTAÇÃO



FACHADA



CARACTERIZAÇÃO

Código Alfanumérico	FQ1
Características	
1 PISO	
2 PISOS	x
3 PISOS	
Mat. Fachada: Granito	x
Mat. Fachada: Granito Rebocado	
Mat. Cobertura: Telha Canudo	x
Mat. Cobertura: Telha Lusa	
Mat. Cobertura: Outros	
Varanda	
Varanda Alpendrada	
Varanda Recuada	
Escadaria Exterior	x
Escadaria Interior	
Banco de Pedra	x

DESCRIÇÃO

Edifício composto por dois pisos, sendo o primeiro destinado a “lojas” e o segundo a habitação. Ao piso superior pode aceder-se através de uma escada exterior, típica de uma arquitetura beirã. O edifício é construído em canaria de granito típico da região das Beiras. A cobertura é de duas águas e é constituída com telha de canudo.

A fachada principal apresenta no piso inferior uma porta de metal e duas janelas com caixilharia de metal, com duas folhas de batente, e no piso de cima três janelas com caixilharia de metal, com duas folhas de guilhotina,

Neste caso denota-se ainda a presença do banco de pedra que veio substituir as varandas ao longo do processo de desenvolvimento da arquitetura vernacular. Salienta-se a ausência de chaminé.

FOTOS



Anexo 4 - Levantamento fotográfico da Quinta de São João



Figura 99 - Fachada Principal. Fonte: Imagem do autor.



Figura 100 - Campanário. Fonte: Imagem do autor.



Figura 102 - Alçado Posterior. Fonte: Imagem do autor.



Figura 101 - Alçado Lateral. Fonte: Imagem do autor.



Figura 103 - Capela da Quinta de S. João. Fonte: Imagem do autor.



Figura 104 - Porta da Capela da Quinta de S. João. Fonte: Imagem do autor.



Figura 105 - Fotografia da fachada posterior. Fonte: Imagem do autor.



Figura 106 - Pormenor de Beirado Português. Fonte: Imagem do autor.



Figura 108 - Imagem do interior do edifício 1. Fonte: Imagem do autor.



Figura 107 - Imagem do interior do edifício. Fonte: Imagem do autor.



Figura 110 - Pormenor de um elemento do lagar de vinho. Fonte: Imagem do autor.



Figura 109 - Pormenor de um elemento do lagar de vinho. Fonte: Imagem do autor



Figura 111 - Fotografia do Interior do edifício 1. Fonte: Imagem do autor



Figura 112 - Fotografia do interior do edifício 1. Fonte: Imagem do autor



Figura 113 - Pormenor da Cumeeira existente. Fonte: Imagem do autor



Figura 114 - Janela da Capela da Quinta de S. João. Fonte: Imagem do autor



Figura 115 - Vista para a Capela da Quinta de S. João. Fonte: Imagem do autor



Figura 116 - Frescos existentes da Capela da Quinta de S. João. Fonte: Imagem do autor



Figura 118 - Lagar de Vinho existente no edifício 1 da quinta. Fonte: Imagem do autor

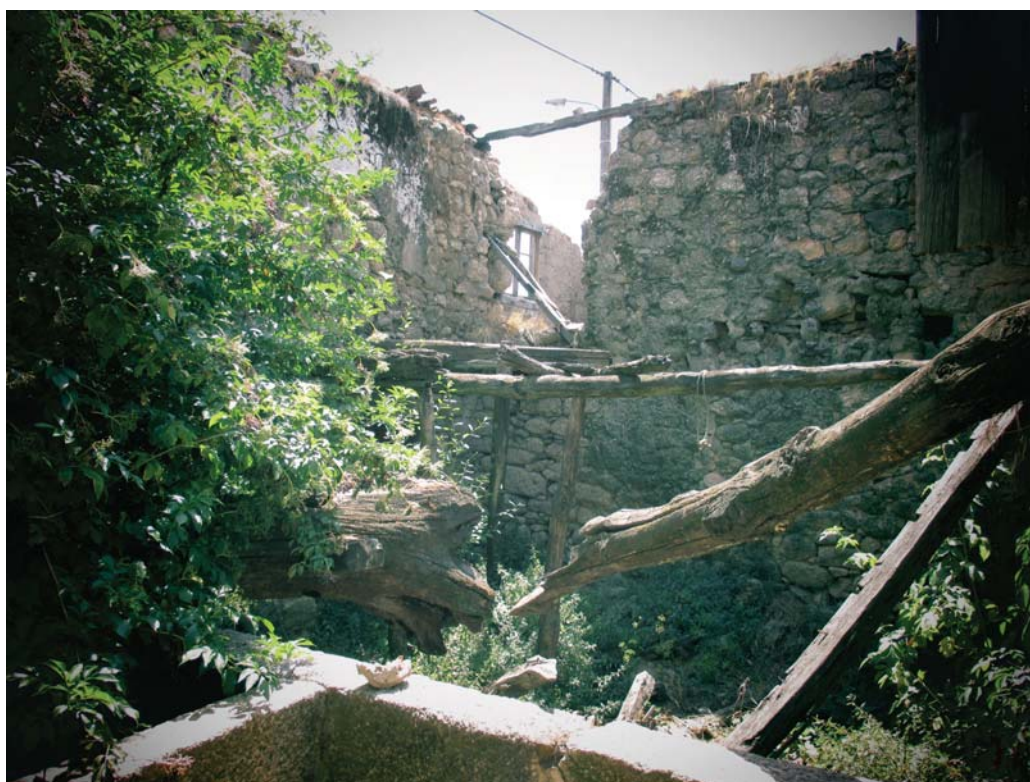


Figura 117 - Lagar de Vinho existente no edifício 1 da quinta. Fonte: Imagem do autor



Figura 120 - Vista do Teixo com o edifício 1 da quinta. Fonte: Imagem do autor



Figura 119 - Vista do interior para o exterior da quinta. Fonte: Imagem do autor